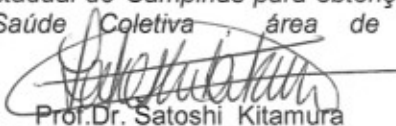


C2
R-381

KAREN FONTES LUCHESI

Este exemplar corresponde à versão final Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva, área de concentração Epidemiologia.


Prof. Dr. Satoshi Kitamura
Orientador

**DESENVOLVIMENTO DE UM PROGRAMA
DE APRIMORAMENTO VOCAL NUMA ESCOLA PÚBLICA
DE ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO
DE CAMPINAS: estudo de caso**

CAMPINAS

Unicamp

2008

KAREN FONTES LUCHESI

**DESENVOLVIMENTO DE UM PROGRAMA
DE APRIMORAMENTO VOCAL NUMA ESCOLA PÚBLICA
DE ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO
DE CAMPINAS: estudo de caso**

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da
Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual
de Campinas, para obtenção do título de Mestre em
Saúde Coletiva, área de concentração em Epidemiologia.

ORIENTADOR: PROF. DR. SATOSHI KITAMURA

CAMPINAS

Unicamp

2008

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA UNICAMP**

Bibliotecário: Sandra Lúcia Pereira – CRB-8ª / 6044

L963d Luchesi, Karen Fontes
Desenvolvimento de um programa de aprimoramento vocal numa
escola pública de ensino fundamental do Município de Campinas :
Estudo de caso / Karen Fontes Luchesi. Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Satoshi Kitamura
Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas.

1. Docentes. 2. Saúde do trabalhador. 3. Voz. 4.
Treinamento da voz. 5. Riscos ocupacionais. 6. Promoção da saúde.
7. Saúde pública. I. Kitamura, Satoshi. II. Universidade Estadual
de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

**Título em inglês: Development of a vocal improvement program in a public
school of Campinas: case study**

Keywords: • School teachers
• Occupational health
• Voice
• Voice training
• Speech therapy
• Health promotion
• Public health

Titulação: Mestre em Saúde Coletiva
Área de concentração: Epidemiologia

Banca examinadora:

Prof. Dr. Satoshi Kitamura
Profa. Dra. Maria Lucia Suzigan Dragone
Prof. Dr. Everardo Andrade da Costa

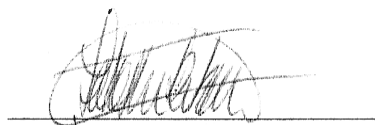
Data da defesa: 24 - 11 - 2008

Banca examinadora da Dissertação de Mestrado

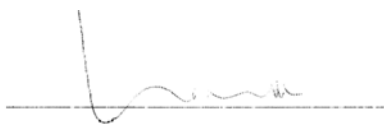
Orientador: Prof. Dr. Satoshi Kitamura

Membros:

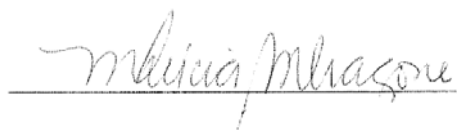
Prof. Dr. Satoshi Kitamura



Prof. Dr. Everardo Andrade da Costa



Prof^a. Dr^a Maria Lucia Suzigan Dragone



Curso de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Data: 24/11/2008.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por mais uma inestimável conquista.

Ao Prof. Dr. Satoshi Kitamura pela confiança, orientação e apoio.

À Profa Dra. Lucia Figueiredo Mourão pelo auxílio mais que imprescindível, confiança, apoio e amizade.

Aos professores, gestores e fonoaudiólogas avaliadoras que tornaram possível a realização deste estudo.

À Ana Carolina Constantini pela ajuda com a análise acústica.

Aos meus pais pela paciência, amor e incentivo inesgotável.

Ao Ezequiel, meu amor, pela enorme paciência, auxílio, força, incentivo, companheirismo e alegria.

“Pois dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas.

*A Ele seja a glória
para sempre! Amém”.*

- Bíblia Sagrada -

(Romanos 11:36)

	PÁG.
RESUMO	<i>xix</i>
ABSTRACT	<i>xxiii</i>
CAPÍTULO 1	27
Aspectos gerais do estudo.....	29
Objetivos.....	35
CAPÍTULO 2	37
ARTIGO 1- Problemas vocais no trabalho: prevenção e prática docente sob a ótica do professor.....	39
CAPÍTULO 3	59
ARTIGO 2- Eficácia de um programa de aprimoramento vocal para professores: estudo de caso.....	61
CAPÍTULO 4	85
ARTIGO 3- Ações de prevenção e promoção à saúde vocal de professores: uma questão de saúde coletiva.....	87
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES GERAIS	105
APÊNDICES	109
Apêndice I- Termo de consentimento livre e esclarecido.....	111
Apêndice II- Entrevistas transcritas.....	112

CAPÍTULO 1

Tabela-	Dados gerais de participação no estudo.....	32
----------------	---	----

CAPÍTULO 3

Tabela 1-	Descrição dos parâmetros da análise perceptivo-auditiva, quanto à suas médias, desvios-padrão e comparações pré e pós-intervenção.....	70
Tabela 2-	Descrição dos parâmetros da análise acústica, quanto à suas médias, desvios-padrão e comparações pré e pós-intervenção.....	71

PÁG.

CAPÍTULO 3

Figura-	Espectro de banca estreita da emissão de um falante do gênero feminino, com destaque para a variação de pitch na leitura da frase “Eu quero um /pa’papa/ legal para mim”, pré e pós-aprimoramento vocal, respectivamente.....	80
----------------	---	----

CAPÍTULO 4

Figura-	Frequência de distribuição das sugestões dos professores quanto às ações de prevenção e promoção à saúde vocal.....	98
----------------	---	----

CAPÍTULO 3

Quadro	Descrição da amostra quanto ao gênero, idade, tempo de profissão, formação acadêmica, carga horária semanal, queixa vocal, avaliação laringológica e participação no programa de aprimoramento vocal.....	69
Quadro	Etapas do Programa de Aprimoramento Vocal desenvolvido....	77

CAPÍTULO 4

Quadro	Descrição da amostra quanto ao gênero, à percepção de problemas e sintomas vocais, estresse e queixas relacionadas à voz na profissão, à concepção de voz adequada, à avaliação laringológica e à participação na intervenção.....	95
---------------	--	----

RESUMO

O freqüente aparecimento de alterações vocais em professores tem levado pesquisadores a considerar como sendo de grande importância, as intervenções de caráter preventivo. Apesar do alto índice de alterações vocais em professores, poucos estudos avaliaram e discutiram intervenções desenvolvidas para prevenir e tratar a disfonia nesses profissionais. O presente estudo tem como objetivo geral, analisar e discutir o desenvolvimento de um programa de aprimoramento vocal para professores. Trata-se de um estudo de caso quantitativo/qualitativo, com 26 professores, numa escola pública do município de Campinas (São Paulo). O programa de aprimoramento vocal proposto constituiu-se de: avaliação laringológica, questionário auto-aplicável, intervenção preventivo-terapêutica em grupo, avaliação fonoaudiológica pré/pós-intervenção e entrevistas. Observou-se que 92,3% (24) dos professores referiram algum tipo de queixa relacionada à voz, 53,8% (14), referiram problemas vocais. Em três, dos dez professores que se submeteram à avaliação laringológica, foram encontradas alterações laríngeas. A queixa de 84,6% (22) dos participantes estava relacionada à necessidade de elevar a intensidade da voz devido à conversa ou indisciplina dos alunos, e/ou competição com ruídos internos e externos. No primeiro e no último encontro, os sujeitos gravaram três “frases-veículo”, que foram submetidas à análise perceptivo-auditiva e acústica. Os dados foram submetidos à análise estatística. Destacam-se a adesão, à intervenção, quase exclusiva de professores com queixas vocais e/ou alterações laríngeas. Treze professores participaram do programa de aprimoramento vocal, no entanto, apenas cinco concluíram-no. Mesmo com um número reduzido de sujeitos, o presente estudo indicou que o programa de aprimoramento vocal desenvolvido contribuiu para a melhora na articulação e na modulação da fala dos professores. Faz-se necessário realizar estudos controlados para que se averigüe o efeito preventivo deste programa. A prevenção de alterações vocais e a promoção à saúde do professor precisam acontecer de maneira eficaz, contextualizada e baseada em evidências.

Palavras-chave: docentes, saúde do trabalhador, voz, prevenção de doenças, treinamento da voz, riscos ocupacionais, promoção da saúde, saúde pública.

ABSTRACT

The frequent appearance of changes in voice among teachers has led researchers to consider the preventive interventions as of great importance. Despite the high rate of change in teacher's voice, few studies have evaluated and discussed measures taken to prevent and treat these professionals in dysphonia. This study aimed at large, review and discuss the development of a program to improve teacher's voice. This is a case study quantitative/qualitative, with 26 teachers from a public school in the municipality of Campinas (Sao Paulo). The proposed program for the improvement of voice was composed by: laryngological assessment, self-administered questionnaire, preventive intervention in group-therapy, speech pathology evaluation pre/post-intervention and interviews. It was observed that 92.3% (24) reported some type of difficulty related to voice, 53.8% (14) of teachers, said vocal problems. In three, of the ten teachers who underwent the assessment laryngological, were found laryngeal disorders. The difficulty of 84.6% (22) of the participants was related to the need to raise the intensity of voice conversation or because of the indiscipline of students, and/or competition with internal and external noise. In the first and last meeting, the subjects recorded three "vehicle-phrases" which were subjected to acoustic analysis and perceptual evaluation. The data were subjected to statistical analysis. It was the accession to the speech, almost exclusively with vocal complaints from teachers and/or laryngeal disorders. Thirteen teachers participated in the program to improve voice, however, only five completed it. Even with a limited number of subjects, this study indicates that the program developed to improve voice contributed to the improvement in articulation and modulation of speech of teachers. It is necessary to conduct controlled studies to investigate whether the preventive effect of this program. The prevention of voice changes and health promotion of the teacher, it need occur effectively, contextualized and evidence-based.

Key-words: occupational health, voice, prevention, voice training, speech therapy, occupational diseases, occupational exposure, school teachers, health promotion.

CAPÍTULO 1

ASPECTOS GERAIS DO ESTUDO

É amplamente conhecido que dentre os trabalhadores, a maior categoria com uso profissional da voz é a dos professores. Por tratar-se de uma categoria composta por profissionais – que representam mais de dois milhões de trabalhadores no Brasil¹ – de fundamental importância na sociedade, inúmeros estudos foram e são realizados em diversas áreas do conhecimento, sob o ponto de vista de muitas variáveis.

Dragone e Behlau (2006) acreditam que o estudo da problemática vocal do professor trouxe ao longo do tempo a certeza de que esta classe profissional está exposta a fatores de risco de difícil solução, que elencam situações complexas e interdependentes do trabalho. Vale ressaltar que os primeiros estudos que focalizaram a voz do professor no exercício de seu trabalho surgiram apenas na década de 90.

Segundo o Boletim Epidemiológico Paulista de fevereiro de 2006, praticamente todos que pesquisaram sobre a voz do professor chegaram à conclusão de que os riscos para tais profissionais desenvolverem distúrbio vocal de ordem ocupacional é significativamente alto. “Entende-se por distúrbio de voz relacionado ao trabalho qualquer alteração vocal diretamente relacionada ao uso da voz durante a atividade profissional que diminua, comprometa ou impeça a atuação e/ou a comunicação do trabalhador” (p.17). Sendo assim, a equipe de prevenção em saúde – notadamente a equipe de saúde do trabalhador – tem um papel fundamental para um bom prognóstico. Cabe a ela trabalhar em prol do diagnóstico precoce, do tratamento imediato, do controle dos fatores de risco, do afastamento do trabalhador, da reabilitação e readaptação de função quando necessário, mas particularmente, da inclusão do trabalhador em programas de prevenção (Centro de Referência em Saúde do Trabalhador, 2006).

Giannini e Passos (2006) vêem a alteração vocal do professor como uma questão a ser compreendida e não apenas como um sintoma a ser eliminado. As autoras enfatizam a necessidade de considerar além do sofrimento físico e fisiológico, causado pela alteração vocal, o desgaste decorrente da vivência das condições ambientais e

¹ www.inep.gov.br/estatisticas/professor2003/

organizacionais de seu trabalho. De acordo com Canguilhem² (1947), as reações de saúde não são apenas de defesa biológica, mas também de defesa social.

Interessa pesquisar o trabalho preventivo no campo da saúde vocal do professor estudando não apenas o sujeito, mas também alguns dos aspectos envolvidos no desenvolvimento de seu trabalho. Acredita-se que olhar para a realidade como ela é, contextualizada e multifacetada, permite uma discussão mais verossímil da eficácia de programas voltados para os cuidados com a voz e para a adequação fonoarticulatória. O professor está inserido num contexto mais amplo e exposto a fatores de risco ocupacionais, que também afetam a voz, e fogem da alçada do fonoaudiólogo. Até que ponto a intervenção de apenas um profissional da saúde, pode prevenir efetivamente alterações vocais em sujeitos submersos em problemas de ordem social, econômica, cultural, ocupacional e emocional, que muitas vezes manifestam-se na perturbação da saúde e/ou da qualidade de vida?

A comunidade científica precisa destinar esforços para a investigação de ações multidisciplinares que visem minimizar os efeitos de um trabalho exercido sob condições, muitas vezes, desfavoráveis (baixa remuneração, ambiente físico inapropriado, estresse físico e emocional, carga de trabalho excessiva, etc.).

Devido ao freqüente aparecimento de alterações vocais nesta classe profissional, têm sido considerados de grande importância os trabalhos de caráter preventivo. Dentre eles estão as ações educativo-terapêuticas voltadas para a adequação da produção e utilização da voz como instrumento de trabalho. Faz-se necessário fornecer ao profissional da voz, no mínimo, noções sobre anátomo-fisiologia do aparelho fonador, cuidados vocais, aquecimento e desaquecimento vocal e expressividade (Centro de Referência em Saúde do Trabalhador, 2006). Pesquisas têm observado que a falta de conhecimento sobre a fonação, o despreparo vocal e as condições de trabalho são fatores bastante relevantes para a instalação de alterações vocais e afastamento de muitos professores (Servilha, 1998; Grillo et al., 2000; Yiu, 2002; Grillo, 2004; Simberg et al., 2005; Bovo, 2007).

² Canguilhem G. *apud* Brito J, Athayde M. Trabalho, educação e saúde: o ponto de vista enigmático da atividade. *Trab Educ Saúde* 2003;1(2):239-265.

O presente estudo tem como objetivo geral, analisar e discutir o desenvolvimento de um programa de aprimoramento vocal para professores. Sua motivação teve origem na literatura e na experiência pessoal da pesquisadora com grupos de aprimoramento vocal para profissionais da voz. Trabalhos como os de Fabron e Omote (2000), Grillo et al. (2000), Dragone e Behlau (2001), Ferreira et al. (2003), Duffy e Hazlett (2004), Grillo (2004), Penteado e Servilha (2004), Gonçalves et al. (2005), Penteado et al. (2005), Dragone e Behlau (2006), Gilllivan-Murphuy et al. (2006), Simberg et al. (2006), Bovo (2007), Dragone (2007), mostram faces do assunto que despertaram especial interesse pelo referido tema.

Decidiu-se por realizar um estudo de caso quantitativo/qualitativo, devido à possibilidade de olhar para o contexto da prática docente, que este desenho de estudo proporciona. De acordo com Lüdke e André (1986), “para compreender melhor a manifestação geral de um problema, as ações, as percepções, os comportamentos e as interações das pessoas devem ser relacionadas à situação específica onde ocorrem, ou à problemática determinada a que estão ligadas” (p.19).

Ludke e André (1986) vêem os estudos de caso como aqueles que visam à descoberta, mesmo quando partem de pressupostos iniciais; enfatizam a interpretação de um contexto, para apreensão mais completa do objeto; buscam retratar a realidade de forma completa e profunda, procurando revelar as várias dimensões de uma situação ou problema; usam uma variedade de fontes de informação; e permitem generalizações naturalísticas. Acreditam que o estudo de caso apresenta um “grande potencial para conhecer e compreender melhor os problemas da escola” (p.24).

Os procedimentos e instrumentos para coleta de dados, do presente estudo, foram reestruturados à medida em que foi desenvolvido. O delineamento original da pesquisa foi modificado no decorrer do trabalho de campo, de acordo com as questões que embasaram a proposta inicial. Até mesmo o objeto de estudo sofreu modificações, uma vez que este era mais fechado na avaliação da intervenção pretendida. Durante seu desenvolvimento, determinou-se um objeto mais amplo e contextualizado.

Para Mendes e Dias (1994), quando se trata de saúde do trabalhador é necessário ter uma visão totalizadora e integrada do sujeito com o seu trabalho. É de fundamental importância levar em consideração as questões: política, econômica,

administrativa, logística, tecnológica, ambiental, social, cultural e psicológica que permeiam a produção e a organização do trabalho e as relações sociais desenvolvidas no contexto do trabalho.

O interesse pela escola na qual o estudo foi realizado não adveio de uma representatividade específica nem de uma peculiaridade dessa unidade escolar. Incidiu na oportunidade de estudar o universo no qual se iniciou o estudo, ou seja, na escola que consentiu à implantação do programa, e onde era desenvolvido um dos estágios de fonoaudiologia comunitária do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Estadual de Campinas.

Esta dissertação foi estruturada em formato alternativo, e está de acordo com as normas e diretrizes da Faculdade de Ciências Médicas, da Universidade Estadual de Campinas, para a publicação de dissertações e teses. Os três artigos que a compõem discorrem basicamente a partir de três objetivos específicos deste estudo: dar voz aos professores para conhecer o contexto de desenvolvimento de seu trabalho e os aspectos que influenciam na utilização, produção e preservação da voz; mensurar o efeito na voz dos participantes, proporcionado pela intervenção preventivo-terapêutica; e discutir possíveis ações de prevenção e promoção à saúde vocal de professores com base nos resultados do estudo realizado.

A Tabela a seguir sumariza os dados de participação no estudo, divulgados e discutidos nos artigos.

Tabela- Dados gerais de participação no estudo.

PROGRAMA DE APRIMORAMENTO VOCAL	N
Responderam ao questionário	26
Participaram das entrevistas	25
Participaram da intervenção preventivo-terapêutica	13
Submeteram-se à avaliação laringológica	10
Concluíram a intervenção e submeteram-se às avaliações pós-intervenção	5
Professores de licença desde o 1º semestre	3
Professor de licença a partir do 2º semestre	1
TOTAL DE PROFESSORES NA ESCOLA NO ANO DE 2007	29

Referências Bibliográficas

Bovo R, Galceran, Petruccelli J, Hatzopoulos S. Vocal problems among teachers: evaluation of a preventive voice program. *J Voice* 2007; 21(6):705-22.

Brito J, Athayde M. Trabalho, educação e saúde: o ponto de vista enigmático da atividade. *Trab Educ Saúde* 2003;1(2):239-265.

Centro de Referência em Saúde do Trabalhador. Coordenadoria de Controle de Doenças (CEREST/DDC). Distúrbios de voz relacionados ao trabalho. *Bol Epidemiol Paul.* 2006; 3(26):16-22. [on-line] 2006 fev [acesso em 20 set 2006]. Disponível em: http://www.cve.saude.sp.gov.br/agencia/bepa26_dist.htm

Dragone MLS. O despertar da relação consciente com a voz na formação inicial do professor. [Tese – Doutorado]. Araraquara (SP): Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”; 2007.

Dragone MLS, Behlau M. A fonoaudiologia brasileira e a voz do professor: olhares científicos no decorrer do tempo. *Rev Fonoaudiologia Brasil* 2006;4(2):1-3.

Dragone MLS, Behlau M. Ocorrência de disfonia em professores: fatores relacionados à voz profissional. In: Behlau M (Org.). *A voz do especialista*. Rio de Janeiro: Revinter; 2001. V.1. p.160-170.

Duffy OM, Hazlett DH. The impacto of preventive voice care programs for training teachers: a longitudinal study. *J Voice* 2004; 18(1):63-70.

Fabron EMG, Omote S. Queixas vocais entre professores e outros profissionais. In: Ferreira LP, Costa HO, orgs. *Voz Ativa – Falando sobre o profissional da voz*. São Paulo: Roca; 2000. p. 91-102.

Ferreira LP, Gianini SF, Silva EE, Karmann DF, Souza TMT. Condições de produção vocal de professores da rede do município de São Paulo. *Rev Disturb Comun* 2003; 14(2): 275-308.

Giannini SPP, Passos MC. Histórias que fazem sentidos: as determinações das alterações vocais do professor. *Rev Disturb Comun* 2006; 18(2):245-257.

Gillivan-Murphy P, Drinnan MJ, Dwyer TPO, Rdha H, Carding P. The effectiveness of a voice treatment approach for teachers with self-reported voice problems. *J Voice* 2006; 20(3):423-431.

Gonçalves CGO, Penteado RZ, Silvério KC. Fonoaudiologia e saúde do trabalhador: a questão da saúde vocal do professor. *Saúde em Revista* 2005; 7(15): 45-51.

Grillo MHMM, Lima EF, Ferreira LP. A questão ensino aprendizagem num trabalho profilático de aperfeiçoamento vocal com professores. *Pró-fono Rev* 2000; 12(2):73-80.

Grillo MHMM. The impacto of a vocal improvement course in a speech language and hearing science prevention context. *Pró-fono Rev* 2004; 16(2):159-168.

Ludke M, André MEDA. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda; 1986.

Mendes R, Costa Dias E. Saúde do Trabalhador. In: Rouquayrol MZ. *Epidemiologia e Saúde*. 4º ed. Rio de Janeiro: Medsi, 1994.

Penteado RZ, Maróstica AF, Dias JC, Soares MA, Oliveira NBF, Teixeira VK, Tonon VA. Saúde Vocal: pensando a ação educativa nos grupos de vivência de voz. *Saúde em Revista* 2005; 7(16):55-61.

Penteado RZ, Servilha EAM. Fonoaudiologia em saúde pública/coletiva: compreendendo prevenção e o paradigma da promoção da saúde. *Disturb Comun* 2004; 16(1):107-116.

Servilha EAM. Caracterização do perfil vocal em professores do terceiro grau. In: Lacerda CBF, Panhoca I. *Tempo de fonoaudiologia II*. São Paulo: Cabral Editora; 1998. p.95-117.

Simberg S, Sala E, Tuomainen J, Sellman J, Rönnekaa. The effectiveness of group therapy for students with mild voice disorders: a controlled clinical trial. *J Voice* 2006; 20(1): 97-109.

Yiu EML. Impact and prevention of voice problems in the teaching profession: embracing the cosumers' view. *J Voice* 2002; 16(2):215-228.

OBJETIVOS

Objetivo geral:

- Analisar e discutir o desenvolvimento de um programa de aprimoramento vocal para professores.

Objetivos específicos:

Artigo 1: Problemas vocais no trabalho: prevenção e prática docente sob a ótica do professor.

- Objetivo: discutir, sob a ótica do professor, o uso da voz na prática docente e a prevenção de problemas vocais.

Artigo 2: Eficácia de um programa de aprimoramento vocal para professores: estudo de caso.

- Objetivo: analisar parâmetros vocais e articulatórios de professores, pré e pós-programa de aprimoramento vocal.

Artigo 3: Ações de prevenção e promoção à saúde vocal de professores: uma questão de saúde coletiva.

- Objetivo: refletir e elencar hipóteses de ações para prevenção e promoção à saúde vocal de professores.

CAPÍTULO 2

ARTIGO 1- PROBLEMAS VOCAIS NO TRABALHO: PREVENÇÃO E PRÁTICA DOCENTE SOB A ÓTICA DO PROFESSOR

Título: Problemas vocais no trabalho: prevenção e prática docente sob a ótica do professor

Title: Vocal problems at work: prevention and teaching practice in teacher's view

Artigo submetido à Revista Saúde e Sociedade

Autores:

Karen Fontes Luchesi. Fonoaudióloga. Mestre em Saúde Coletiva pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. Endereço para correspondência: Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação (CEPRE/FCM/UNICAMP), Av. Tessália Vieira de Camargo, nº126 – Cidade Universitária, Campinas/SP – Brasil, CEP: 13083-887, telefone: (19)35219081, email: karenluchesi@yahoo.com.br.

Lucia Figueiredo Mourão. Fonoaudióloga. Doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo. Professora do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas. Endereço para correspondência: Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação (CEPRE/FCM/UNICAMP), Av. Tessália Vieira de Camargo, nº126 – Cidade Universitária, Campinas/SP – Brasil, CEP: 13083-887, telefone: (19)35218807, email: lumourao@fcm.unicamp.br.

Satoshi Kitamura. Médico do Trabalho. Doutor em Ciências Médicas pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. Professor do Departamento de Medicina Preventiva e Social (Área de Saúde do Trabalhador), Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas. Endereço para correspondências: Caixa Postal 6046, UNICAMP, Campinas/SP – Brasil, CEP: 13083-970, telefone: (19)35217885, email: satoshi@fcm.unicamp.br.

Helenice Yemi Nakamura. Fonoaudióloga. Doutora em Ciências Médicas pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. Professora do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas. Endereço para correspondência: Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação (CEPRE/FCM/UNICAMP), Av. Tessália Vieira de Camargo, nº126 – Cidade Universitária, Campinas/SP – Brasil, CEP: 13083-887, telefone: (19)35218807, email: hnakamura@fcm.unicamp.br.

Resumo

Dentre os trabalhadores, a categoria mais numerosa que faz uso profissional da voz é a dos professores. Este artigo teve por objetivo discutir, sob a óptica do professor, o uso da voz na prática docente e a prevenção de problemas vocais. Trata-se de um estudo de caso qualitativo descritivo com 25 professores. Os resultados indicaram que a alteração vocal era percebida, mas geralmente era atribuída maior importância ao fato de fazer-se compreender e de exercer controle sobre os alunos em sala de aula. Os professores que ainda não tinham problemas vocais conheciam colegas que tinham, reconheciam o risco ao qual estavam expostos e, aparentemente, consideravam-no como uma consequência natural e esperada da prática docente. Acreditam que intervenções com os alunos, o apoio da entidade empregadora, a presença de especialistas na escola e o trabalho com as necessidades específicas que enfrentam em sala de aula, poderiam ajudar a preservar suas vozes.

Palavras-chave: docentes, saúde do trabalhador, condições de trabalho, prevenção de doenças, distúrbios da voz.

Abstract

Among the workers, the largest category that makes use of professional voice is that of teachers. This article aims to discuss, from the teacher's perspective, the use of the voice in the teaching practice and the prevention of vocal problems. It deals with the study of qualitative descriptive case done with 25 teachers. The voice disturb was realized, but it was usually given more importance to the fact of being understood and exerting control over the students. The teachers who hadn't had the vocal problems yet knew colleagues who had them, they knew the risk to which they was exposed and apparently they regarded them as a natural and expected consequence of teaching practice. They believe that interventions with the students, the employer support, the presence of the specialist in the school and the work with specific needs they face in the classroom could help them preserve their voices.

Keywords: school teachers, occupational health, voice disorders, prevention, speech therapy.

Introdução

É amplamente conhecido que dentre os trabalhadores, a categoria mais numerosa que faz uso profissional da voz é a dos professores. No período de 1995 a 2005, aproximadamente, 307 trabalhos sobre a voz destes profissionais foram publicados no âmbito nacional (Dragone e Behlau, 2006). Alguns estudos encontraram uma porcentagem de 54% a 79,6% de problemas relacionados à voz (Ferreira e col., 2003; Simões e Latorre, 2006; Tavares e Martins, 2007). Todos chegaram à conclusão de que os riscos para estes profissionais desenvolverem alterações vocais de origem ocupacional é significativamente alto (Smith e col., 1997; Delcor e col., 2004; Roy e col., 2004; Araújo e col., 2008).

O impacto ocupacional na voz do professor também está presente em países como os Estados Unidos. Um estudo realizado em 2004 encontrou prevalência de problemas vocais, significantemente, maior em professores (11%) do que em não professores (6,2%) (Roy e col., 2004).

Embora o professor utilize a voz de forma prolongada e excessiva, a sua alteração vocal não pode e não deve ser atribuída apenas a estes fatos (Gonçalves e col., 2005). Existem outros aspectos inerentes ao desenvolvimento do seu trabalho que permeiam o processo saúde-doença.

A alteração vocal do professor precisa ser compreendida e não apenas eliminada. É necessário considerar, além do sofrimento físico e fisiológico, o desgaste decorrente da vivência das condições ambientais e do contexto de seu trabalho (Gianinni e Passos, 2006). Esta classe profissional está exposta a fatores de risco de difícil solução, que trazem situações complexas e interdependentes do trabalho (Dragone e Behlau, 2006). Acredita-se que a prática docente compreenda as relações sociais com alunos e gestores, o processo ensino-aprendizagem, o sistema de leis e normas educacionais vigentes, os aspectos ambientais, entre outras condições objetivas e subjetivas do trabalho.

A saúde dos professores está sujeita às instalações precárias, à falta de reconhecimento e valorização do trabalho, à falta de equipamentos e recursos materiais, às relações conturbadas com alunos e gestores, às jornadas extensas de trabalho, às exigências

criadas pelos projetos governamentais e à precariedade na atenção à saúde desses profissionais (Brito e Athayde, 2003; Jardim e col., 2007; Araújo e col., 2008).

Devido ao freqüente aparecimento de alterações vocais nesta classe, profissionais da saúde e da educação têm considerado de grande importância, os trabalhos de caráter preventivo (Centro de Referência em Saúde do Trabalhador, 2006).

Na fonoaudiologia brasileira, a área de prevenção e promoção à saúde é uma das mais recentes e encontra-se em processo de conquista de suas especificidades e caracterização de sua práxis (Penteado e Servilha, 2004). Apenas 2,3% dos trabalhos desenvolvidos, entre 1995 e 2005, são voltados para intervenções com professores, no âmbito da voz (Dragone e Behlau, 2006). Raras são as ações baseadas na óptica do professor sobre seu problema de voz, a maioria baseia-se em pressupostos teóricos sobre o que seria mais adequado para estes trabalhadores, com um olhar muitas vezes organicista e comportamental.

Acredita-se que para discutir prevenção é preciso dar voz aos professores, oferecer espaço para a colocação de seus anseios e conhecer a visão com a qual contemplam as questões presentes no desenvolvimento de seu trabalho. Compreendidas as suas reais necessidades, ampliam-se as chances de construir ações preventivas eficazes.

O objetivo do presente artigo é discutir, sob a óptica do professor, o uso da voz na prática docente e a prevenção de problemas vocais.

Métodos

Com o objetivo de conhecer e compreender melhor o uso da voz e suas implicações desenvolveu-se um estudo de caso qualitativo. O desenho do estudo visou explorar e focalizar a realidade dos professores de forma contextualizada.

O estudo foi desenvolvido numa escola estadual, situada no Distrito de Saúde Leste do município de Campinas, estado de São Paulo, Brasil. Trata-se de uma escola de ensino fundamental, inserida no projeto do Governo do Estado de São Paulo intitulado

“Escola de Tempo Integral”. No ano do estudo havia 26 professores presentes na escola (24 do gênero feminino e dois do gênero masculino).

Com o intuito de estudar a prevenção na temática “voz do professor”, um programa de aprimoramento vocal foi desenvolvido na referida escola. O programa foi composto por: avaliação laringológica, intervenção preventivo-terapêutica em grupo, avaliação fonoaudiológica pré/pós-participação no grupo e entrevistas. Este artigo dedica-se à divulgação, análise e discussão dos dados das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas com o objetivo de conhecer a respeito da relação dos sujeitos com as suas vozes (aceitação do tipo vocal, relação com a profissão e dificuldades atribuídas ao desempenho vocal), da relação dos sujeitos com o trabalho (afinidade com a profissão, relação com os colegas e/ou com o local de trabalho e dificuldades encontradas no exercício da profissão) e obter sugestões de ações que poderiam prevenir alterações vocais.

Seguindo um roteiro semi-estruturado (ANEXO), elaborado pela autora e previamente submetido a um pré-teste, as entrevistas foram realizadas na própria escola durante os intervalos das aulas da manhã e da tarde, gravadas em arquivos de áudio e posteriormente transcritas. Apenas um, dos 26 professores, não participou por estar de licença maternidade.

A análise do conteúdo teve um caráter exploratório e reflexivo, buscou descrever a ocorrência de temas “chaves” a partir de frases e palavras enfáticas e recorrentes nos discursos dos entrevistados. O conteúdo foi codificado em três categorias conceituais: contexto da prática docente, processo saúde/doença e ações preventivas. Foram atribuídas iniciais fictícias para não haver identificação dos sujeitos.

O estudo foi conduzido dentro dos padrões exigidos pela declaração de Helsinque e aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas em julho de 2007 (CEP N°484/2007).

Resultados e Discussão

Com o intuito de facilitar a compreensão do leitor, os dados foram apresentados e simultaneamente discutidos.

Contexto da prática docente

Esta categoria compreende a relação com os alunos, a relação com a gestão e outros professores, o reconhecimento e a valorização da profissão, o processo ensino/aprendizagem, os recursos materiais, a remuneração, a intensificação do trabalho, os aspectos ambientais, a afeição e a dedicação à profissão.

Os professores encontraram no decorrer dos anos, inúmeros fatores que acabaram dificultando o seu trabalho (I). Nota-se no transcorrer dos discursos, que o amor às crianças e à educação motiva-os a continuar mesmo em condições de trabalho bastante desfavoráveis. Há na literatura vários estudos, nos quais, foram encontrados problemas semelhantes. Estes estudos mencionam cansaço e transtorno mental, sintomas vocais, relacionamento ruim com os alunos, indisciplina, desrespeito, salas inadequadas, ambiente estressante, ritmo de trabalho acelerado, desempenho de atividades sem materiais e/ou com equipamentos inadequados, falta de reconhecimento e valorização, problemas políticos e governamentais, relações autoritárias, falta de autonomia, número excessivo de alunos, entre outros (Delcor e col., 2004; Brito e Athayde, 2006; Gianinni e Passos, 2006; Jardim e Barreto, 2007; Penteado e Pereira, 2007; Araújo e col., 2008).

Tais problemas podem afetar a saúde vocal desses profissionais, dado que a voz carrega elementos não apenas orgânicos, mas também psicológicos, ambientais e socioeconômico-culturais (Behlau e col., 2004).

(I) “O que atrapalha muito são às questões relacionadas à atitude, limites, respeito a regras, porque ainda tem criança que não respeita” (Z.). “Às vezes, por mais que eu fale alto, a bagunça deles está pior” (H.). “Em alguns lugares ser professor é entrar na sala de aula, fechar sua porta e dar

sua aula, você não tem apoio” (H.). “Falta organização e trabalho coletivo [...] as pessoas não estão dispostas a trabalhar juntas” (A.). “Há descaso e desinteresse do governo [...] há desvalorização na nossa classe, há descompromisso nas famílias das crianças” (R.). “A gente pega uma segunda série que as crianças não têm concepção de letras, não conseguem escrever o nome” (N.). “A gente esbarra na falta de acesso a fotocópias, por exemplo. Se você quer desenvolver outra atividade tem que usar o mimeógrafo, aí a escrita não fica clara para as crianças” (U.). “O salário é muito baixo, ganhamos a mesma coisa que profissionais que completaram a oitava série, e eu fiz faculdade para ser professora” (O.). “Vai chegando uma hora, principalmente nos finais de bimestre, de semestre e de ano que é uma correria danada” (R.).

Quanto aos aspectos ambientais, os professores referem excesso de ruído (II), que também é um fator de risco para disfonia, levando-os à competição sonora e aumentando o esforço vocal realizado durante a aula. A Norma Brasileira NBR 10.152 da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas, 1987), preconiza que o nível de ruído em uma escola seja até 45 dBA. Num estudo realizado na cidade de Piracicaba, estado de São Paulo, foi encontrado ruído entre 55dBA e 102dBA nas salas de aula da escola estudada (Libardi e col., 2006). Segundo os autores, o nível de ruído encontrado pode acarretar sintomas como tontura, insônia, problemas digestivos e circulatórios, desatenção, irritabilidade, diminuição da inteligibilidade de fala e disfonia.

(II) *“Acho que se o nível de ruído fosse menor a voz também estaria num tom melhor” (G.). “Existem barulhos internos e externos, me sinto pressionada e acabo querendo competir com todos os sons” (B.).*

Todos os professores referiram afeto à profissão e alguns relataram tê-la escolhido desde a infância (III). Explicitaram o amor ao trabalho, às crianças e à educação. Esta convicção também pôde ser encontrada num estudo realizado no Hospital do Servidor Público em São Paulo (Gianinni e Passos, 2006). Ao estudarem o depoimento de professoras que apresentavam alterações vocais, foi observada uma ruptura entre a

idealização de ser professora e o enfrentamento das condições reais de trabalho. No discurso dos sujeitos o prazer e a dor de trabalhar como professoras eram concomitantes.

- (III) *“Tenho paixão por ensinar, não sei o que seria de mim sem ensinar” (O.).*
“Acho que já está no sangue, adoro minha profissão” (M.). “Foi a profissão que eu realmente escolhi, desde pequena eu brincava de professora [...] amo muito o que faço, eu gosto, dou aula por amor” (J.).
“É um sonho que estou realizando” (M.). “Gosto muito de trabalhar como professora de criança, pelo contato, pela possibilidade de interferir, de provocar, de estimular, de ajudar, de trabalhar na criação, na formação do ser humano” (N.). “É muito gratificante trabalhar com criança, eu gosto muito pela afetividade, tem um afeto mútuo” (R.). “Você está educando o ser humano para o exercício da cidadania, trazendo conhecimentos novos, onde o aluno pode interagir com o mundo” (L.).

Processo saúde-doença

Esta categoria foi composta por: concepção de voz adequada à profissão e referência a problemas vocais. Entende-se que a saúde e a doença vão muito além de fatores biológicos e que o processo saúde-doença compreende dimensões sócio-histórico-culturais (Minayo, 1997).

Para os 25 professores entrevistados, a voz adequada à profissão apresenta pitch grave e loudness aumentada³ (IV). A rouquidão, o cansaço vocal e as falhas na voz são percebidos, mas geralmente é atribuída maior importância ao fato de fazer-se compreender e de exercer controle sobre os alunos em sala de aula (V).

- (IV) *“Acho que nós precisamos ter um tom de voz grave, e a minha voz eu considero grave, as crianças conseguem ouvir legal” (L.). “Acho [minha voz] muito fina. Às vezes fico meio rouca, aí começo a gostar, acho*

³ Os termos *pitch* e *loudness* referem-se, respectivamente, à sensação psicofísica de frequência e intensidade da voz.

bonito” (O.). “Professor não pode falar muito baixinho [...] tem que se impor e ter um tom acima da conversa dos alunos. Não pode ser aquela coisinha baixa, se você chama atenção muito baixo eles nem ligam” (J.). “[Minha voz] é meio forte, acho que para minha profissão essa voz é legal, meio grave [...] eu preciso dessa voz para a galerinha me ouvir” (R.).

Para eles, a voz tem como principal objetivo envolver os alunos no ensino e na aprendizagem. O estudo da psicodinâmica vocal consegue descrever as impressões que os diferentes tipos de voz causam no ouvinte (Behlau e col., 2004). Para o professor, a impressão transmitida aos alunos é de extrema importância, pois dela pode depender a sua aceitação ou rejeição. Ao citarem que o professor precisa de uma voz “forte” e “grossa”, na verdade, o que desejam é fazer a classe sentir que se trata de um professor que tem autoridade e energia para controlá-la, impondo respeito e conseguindo que os alunos sigam as suas orientações. Enquanto que, o detentor de uma voz “fraca” e “fina”, pode rejeitá-la por acreditar que transmite fragilidade e imaturidade, e não conseguir passar aos alunos a impressão que gostaria.

O problema é que ao tentarem modificar suas vozes, para chegarem ao padrão desejado, produzem ajustes musculares inadequados que perduram durante todo o dia de trabalho e ao final deste, encontram-se fadigados e com a qualidade vocal alterada. De acordo com um estudo realizado na Finlândia, a voz do professor se modifica durante o dia de trabalho, apresentando mudanças, por exemplo, no tempo e na frequência de vibração das pregas vocais (Rantala e col., 2002).

As alterações vocais ficam em segundo plano, devido à dedicação destes profissionais ao ensino (V). Alguns autores comentam a falta de percepção ou o excesso de tolerância à disfonia (Gianinni e Passos, 2006; Penteado e Pereira, 2007). Os resultados do presente estudo evidenciam a preocupação com os alunos, muitas vezes não importando a dor no final do dia, contanto que tenham conseguido transmitir o conteúdo previsto e mantido o controle sob a classe. Seus discursos revelam certo desconhecimento dos limites físicos e psicoemocionais. Centralizam a Educação e muitas vezes deixam de atentar para

sua saúde. Em sua formação carecem de preparo para a utilização de um importante instrumento de trabalho, a voz.

(V) *“Quando a gente quer um pouco mais de disciplina na sala de aula, temos que elevar a voz para que eles nos ouçam [...] quando tem que exceder a voz às vezes ela acaba falhando” (T.). “Às vezes dá um probleminha na voz, mas gosto dela. É um tom bom, um timbre bom e no meu serviço dá para trabalhar legal. A única coisa é que às vezes eu fico um pouquinho rouca” (M.). “Na sala com as crianças é difícil não recorrer à alteração da voz, falar mais e tal, porque eles são bem mais que a gente e dão trabalho” (N.).*

O professor precisa estar ciente de que, vozes disfônicas também prejudicam o aprendizado do aluno. De acordo com uma pesquisa realizada na Inglaterra, a voz do professor interfere no desempenho dos alunos, principalmente nas habilidades de compreensão, análise e síntese auditiva (Rogerson e Dodd, 2005).

Torna-se evidente que, os professores que ainda não tiveram problemas vocais, conhecem colegas que já tiveram, reconhecem o risco ao qual estão expostos e, aparentemente, consideram-no como uma consequência natural da prática docente (VI).

Os relatos a seguir reforçam os achados de inúmeros estudos sobre a prevalência de alterações vocais nesta categoria profissional (Smith e col., 1997; Rantala e col., 2002; Ferreira e col., 2003; Roy e col., 2007; Simões e Latorre, 2006; Tavares e Martins, 2007; Araújo e col., 2008).

(VI) *“Eu perdi uma parte do agudo da minha voz dando aula [...] o mês de junho é mês de festa junina, tem ensaio todos os dias [...] fico mais cansada para falar, minha garganta às vezes dói e eu fico até um pouco rouca” (U.). “Este ano já fiquei sem voz, fico rouca direto, minha voz não está normal” (O.). “Quando tenho que falar um pouquinho mais alto com eles eu fico rouca [...] eu tenho atestado do problema de voz que tenho” (M.). “A maioria dos professores tem problema com a voz, problema nas*

cordas vocais devido à falar muito alto” (C.). “Eu já vi vários professores afastados por dificuldades com a voz” (Q.). “Eu percebo que muitos professores têm problemas de voz, eu ainda não [...] mas é a tendência” (R.).

Ações preventivas

Esta categoria foi subdividida em: trabalho com os alunos, presença de especialistas na escola, apoio do empregador e programas específicos para a sala de aula.

Os professores citaram aspectos que poderiam auxiliá-los no uso da voz em sala de aula. Alguns vêm no trabalho com os alunos, o caminho para a saúde da voz (VII). Para eles, um programa que melhore o comportamento dos alunos, seria fundamental para ter um uso da voz mais saudável em sala de aula. Entretanto, ainda são praticamente inexistentes estudos com este foco de atuação.

(VII) “Deveria ser realizado um trabalho com as crianças, elas vêm gritando muito e isso é uma questão de educação que traz conseqüências para a voz do professor” (N.). “Acho que teria que ser desde a pré-escola, trabalhando com as crianças regras e limites” (Z.).

A presença permanente de profissionais, como o fonoaudiólogo e o psicólogo (VIII), nas escolas surgiria como um apoio para as questões da rotina escolar que afetam a saúde vocal e mental. No entanto, a atuação dos profissionais da equipe de saúde na escola não deve ter um caráter assistencialista, mas de prevenção e promoção à saúde.

(VIII) “Acho que a escola deveria ter profissionais como fonoaudiólogo [...] e psicólogo para auxiliar na parte de tensão emocional, porque acredito que a voz está relacionada com isso também” (B.). “A presença de uma fono trabalhando essa parte de relaxamento [...] uma psicóloga ajudando a entender melhor a situação na qual nos encontramos” (S.).

Se o trabalho preventivo é fundamental e, de uma forma geral, a saúde do professor é básica, há que se recorrer a diversas instâncias, seja de cunho político, seja de ordem profissional (por exemplo, entidades sindicais ou associações de classe) para que mais este item seja incluído como obrigação do empregador. A saúde do professor enquadra-se perfeitamente dentro da filosofia e das políticas de saúde e educação e, portanto, deve ser considerada de responsabilidade da entidade empregadora, seja esta privada ou pública (IX).

(IX) *“Poderiam não somente trazer cursos de matemática, língua portuguesa, história e geografia, acho que estes cursos [de voz] também são importantes, porque não adianta nada passarem o que temos que trabalhar e o nosso tom de voz não ser trabalhado” (H.). “Seria importante tentar parceria com o Estado, como eles dão aula de capacitação [...] é uma forma de prevenir afastamentos por causa de problemas vocais” (A.).*

Na literatura há menção a programas de aprimoramento vocal que enfocam os cuidados com a voz e as técnicas vocais (Grillo, 2004; Zenari, 2006; Bovo e col., 2007; Niebudek-Bogusz e col., 2008). Há autores que observam um distanciamento entre as necessidades dos professores e o que as ações preventivas atuais costumam oferecer (Penteado, 2007). Os sujeitos não incorporam à rotina todo o conteúdo trabalhado nos cursos e a ocorrência de comportamentos de risco não muda durante o período em que os cursos são desenvolvidos (Grillo, 2004; Zenari, 2006). Questiona-se a necessidade das intervenções terem por principal objetivo os cuidados com a voz. Há necessidade de reestruturar as ações preventivas, a fim de que estas levem em consideração as condições ambientais relacionadas ao desenvolvimento do trabalho docente (Penteado, 2007).

O tempo do professor é escasso, a maioria trabalha em mais de uma escola e ainda tem família e filhos. Quando ganham espaço para opinar, sugerem atuações que mostram que o problema não é estático, é concomitantemente à dinâmica da Educação. O enfoque nos cuidados com a voz e no aquecimento vocal é benéfico, mas as crianças também precisam conhecer seus limites, o Estado precisa direcionar um cuidado maior para a saúde do professor. Fonoaudiólogos, médicos, engenheiros, fisioterapeutas, psicólogos,

entre outros, precisam conhecer o contexto da sala de aula para buscarem soluções, além das convencionais (X). É de amplo conhecimento que o professor apresenta grande prevalência de problemas vocais, agora os esforços também devem ser direcionadas à procura do melhor caminho preventivo.

(X) *“Penso que deveríamos ter alguma coisa para o dia-a-dia mesmo, para as situações de aula. A pessoa que fosse passar as informações deveria ter a experiência de sala de aula para conhecer nossas necessidades e então nos auxiliar” (U.). “Acho importante focalizar o professor nas condições de trabalho dele [...] ter uma dimensão da dificuldade que o professor enfrenta todos os dias e de como acaba sendo esta questão da voz [...] seria possível desenvolver técnicas mais contextualizadas” (N.).*

Alguns estudos apontam o professor como principal responsável pela elevada prevalência de alterações vocais em sua classe profissional, seja pelo uso da voz com tensão, pela loudness elevada para controlar os alunos ou pela falta de conhecimento dos cuidados com a voz. Já sob a óptica do professor, é preciso desenvolver ações que focalizem não apenas o educador, mas também os sujeitos dessa educação, que forneçam subsídios para o enfrentamento das questões objetivas e subjetivas presentes no desenvolvimento de seu trabalho, que compreendam a dinâmica da sala de aula e o uso da voz neste contexto.

Além disso, ao se considerar a escola como um espaço privilegiado de construção é preciso envolver alunos, familiares, gestores e outros funcionários na promoção da saúde na escola.

Sob a óptica dos autores do presente artigo, além desses aspectos, o professor precisa tomar ciência da dimensão que a voz ocupa na educação, pois só será capaz de transformar seu trabalho se conseguir compreendê-lo. O sentido que o sujeito atribui ao trabalho, e a forma como ele vê o mundo, afetam sobremaneira o enfrentamento das condições de trabalho e a busca por soluções para as adversidades emergentes no desenvolvimento deste (Guérin e col., 2001).

Conclusão

Os resultados deste estudo evidenciam a importância de intervenções multidisciplinares para a promoção da saúde vocal do professor. Além disso, a formação docente deve oportunizar o conhecimento e o desenvolvimento de recursos didáticos verbais e não-verbais, para reduzir a sobrecarga no sistema de produção da voz.

Faz-se necessário o desenvolvimento de intervenções, com todos os profissionais que visam à saúde e o bem-estar do trabalhador, que considerem o ponto de vista do professor sobre suas especificidades e busquem amenizar os efeitos desse trabalho sobre sua saúde e qualidade de vida.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, T.M.; REIS, E.J.F.B; CARVALHO, F.M.; PORTO, L.A.; REIS, I.C.; ANDRADE, J.M. Fatores associados a alterações vocais em professoras. Cad. Saúde Pública, v.24, n.6, p.1229-1238.
- BEHLAU, M.; MADAZIO, G.; FEIJÓ, D.; PONTES, P. Avaliação de voz. In: BEHLAU, M. (Org.). Voz: o livro do especialista. Rio de Janeiro: Revinter, 2004. p. 85-245. v.1.
- BRASIL. Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 10.152: Níveis de ruído para conforto acústico. Rio de Janeiro, 1987.
- BRITO, J.; ATHAYDE, M. Trabalho, educação e saúde: o ponto de vista enigmático da atividade. Trab. Educ. Saúde, v.1, n.2, p.239-265, 2003.
- BOVO, R.; GALCERAN, M; PETRUCCELLI, J.; HATZOPOULOS, S. Vocal problems among teachers: evaluation of a preventive voice program. J. Voice, v.21, n.6, p.705-722, 2007.
- CENTRO DE REFERÊNCIA EM SAÚDE DO TRABALHADOR. Coordenadoria de Controle de Doenças (CEREST/DDC). Distúrbios de voz relacionados ao trabalho. Bol. Epidemiol. Paul., v.3, n.26, p.16-22, 2006. Disponível em: <http://www.cve.saude.sp.gov.br/agencia/bepa26_dist.htm>. Acesso em: 20 set. 2006.
- DELCOR, N.S.; ARAÚJO, T.M.; REIS, E.J.F.B.; PORTO, L.A.; CARVALHO, F.M.; SILVA, L.B.; BARBALHO, L.; ANDRADE, J.M. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Cad. Saúde Pública, v.20, n.1, p.187-196, 2004.
- DRAGONE, M.L.S.; BEHLAU, M. A fonoaudiologia brasileira e a voz do professor: olhares científicos no decorrer do tempo. Rev. Fonoaudiologia Brasil, v.4, n.2, p.1-3, 2006.
- FERREIRA, L.P.; GIANNINI, S.F.; SILVA, E.E.; KARMANN, D.F.; SOUZA, T.M.T. Condições de produção vocal de professores da rede do município de São Paulo. Rev. Disturb. Comun., v.14, n.2, p.275-308, 2003.

GIANNINI, S.P.P.; PASSOS, M.C. Histórias que fazem sentidos: as determinações das alterações vocais do professor. *Rev. Disturb. Comun.*, v.18, n.2, p.245-257, 2006.

GONÇALVES, C.G.O.; PENTEADO, R.Z.; SILVÉRIO, K.C. Fonoaudiologia e saúde do trabalhador: a questão da saúde vocal do professor. *Saúde em Revista*, v.7, n.15, p.45-51, 2005.

GRILLO, M.H.M.M. The impact of a vocal improvement course in a speech language and hearing science prevention context. *Pró-fono Rev.*, v.16, n.2, p.159-168, 2004.

GUÉRIN, F.; LAVILLE, A.; DANIELLOU, F.; DURAFFOURG, J.; KERGUELEN, A. Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia. São Paulo: Blücher/Fundação Vanzolini. 2001. 200p.

JARDIM, R.; BARRETO, S.M.; ASSUNÇÃO, A.A. Condições de trabalho, qualidade de vida e disfonia entre docentes. *Cad. Saúde Pública*, v.22, n.10, p.2439-2461, 2007.

LIBARDI, A.; GONÇALVES, C.G.O.; VIEIRA, T.P.G.; SILVERIO, K.C.A.; ROSSI, D.; PENTEADO, R.Z. O ruído em sala de aula e a percepção dos professores de uma escola de ensino fundamental de Piracicaba. *Rev. Disturb. Comun.*, v.18, n.2, p.167-178, 2006.

MINAYO, M.C.S. Saúde e doença como expressão cultural. In: AMÂNCIO FILHO A.; MOREIRA, M.C.G.B. (Orgs). *Saúde, trabalho e formação profissional*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997. p. 31-39.

NIEBUDEK-BOGUSZ, E.; SZNUROWSKA-PRYGOCKA, B.; FISZER, M.; KOTYLO, P.; SINKIEWICZ, A.; MODRZEWSKA, M.; SLIWINSKA-KOWALSKA, M. The effectiveness of voice therapy for teachers with dysphonia. *Folia Phoniatri. Logop.* v.60, n/s, p.134-141, 2008.

PENTEADO, R.Z. Relações entre saúde e trabalho docente: percepções de professores sobre saúde vocal. *Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol.*, v.12, n.1, p.18-22, 2007.

PENTEADO, R.Z.; SERVILHA, E.A.M. Fonoaudiologia em saúde pública/coletiva: compreendendo prevenção e o paradigma da promoção da saúde. *Disturb. Comun.*, v.16, n.1, p.107-116, 2004.

PENTEADO, R.Z.; PEREIRA, I.M.T.B. Qualidade de vida e saúde vocal de professores. *Rev. Saúde Pública*, v.41, n.2, p.236-243, 2007.

RANTALA, L.; VILKMAN, E.; BLOIGU, R. Voice changes during work: subjective complaints and objective measurements for female primary and secondary schoolteachers. *J. Voice*, v.16, n.3, p.344-355, 2002.

ROGERSON, J.; DODD, B. Is there an effect of dysphonic teachers' voice on children's processing of spoken language? *J. voice*, v.19, n.1., p.47-60, 2005.

ROY, N.; MERRILL, R.M.; THIBEALT, S.; PARSA, R.A.; GRAY, S.D.; SMITH, E.M. Prevalence of voice disorders in teachers and the general population. *J. Speech Lang. Hear. Res.*, v.47, s/n, p.281-293, 2004.

SIMÕES, M.; LATORRE, M.R.D.O. Prevalência de alteração vocal em educadoras e sua relação com a auto-percepção. *Rev. Saúde Pública*, v.40, n.6, p.1013-1018, 2006.

SMITH, E.; GRAY, S.D.; DOVE, H.; KIRCHNER, L.; HERAS, H. Frequency and effects of teachers' voice problems. *J. Voice*, v.11, n.1, p.81-87, 1997.

TAVARES, E.L.M.; MARTINS, R.H.G. Vocal evaluation in teachers with or without symptoms. *J. Voice*, v.21, n.4, p.407-414, 2007.

ZENARI, M.S. Voz de educadoras de creche: análise dos efeitos de um programa de intervenção fonoaudiológica. 2006. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

Anexo

Roteiro de Entrevistas

- 1) Você gosta da sua voz?
- 2) Acha que ela é adequada para o exercício da sua profissão?
- 3) Você sente dificuldades em relação ao uso da voz em sala de aula? Quais?
- 4) Cite pontos positivos e negativos relacionados à sua voz.
- 5) Você gosta de trabalhar como professor? Por quê?
- 6) Você gosta de trabalhar nesta escola? Por quê?
- 7) Você enfrenta dificuldades no desenvolvimento do seu trabalho? Quais?
- 8) Que tipo de trabalho você acha que seria importante ou interessante para lhe dar um suporte em relação ao uso da voz?
- 9) Como professor, utilizaria alguma argumentação para solicitar apoio para um programa como esse? A quem seria esta solicitação? Quais seriam seus argumentos?

CAPÍTULO 3

ARTIGO 2- EFICÁCIA DE UM PROGRAMA DE APRIMORAMENTO VOCAL PARA PROFESSORES: ESTUDO DE CASO

Título: Eficácia de um programa de aprimoramento vocal para professores: estudo de caso

Title: Efficacy of a vocal improvement program for teachers: case study

Artigo submetido à Revista de Atualização Científica Pró-Fono

Autores:

Karen Fontes Luchesi. Fonoaudióloga. Mestre em Saúde Coletiva pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. Endereço para correspondência: Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação (CEPRE/FCM/UNICAMP), Av. Tessália Vieira de Camargo, nº126 – Cidade Universitária, Campinas/SP – Brasil, CEP: 13083-887 (karenluchesi@yahoo.com.br).

Lucia Figueiredo Mourão. Fonoaudióloga. Doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo. Professora do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas. Endereço para correspondência: Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação (CEPRE/FCM/UNICAMP), Av. Tessália Vieira de Camargo, nº126 – Cidade Universitária, Campinas/SP – Brasil, CEP: 13083-887 (lumourao@fcm.unicamp.br).

Satoshi Kitamura. Médico do Trabalho. Doutor em Ciências Médicas pela Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Professor do Departamento de Medicina Preventiva e Social (Área de Saúde do Trabalhador), Faculdade Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas. Endereço para correspondências: Caixa Postal 6046, UNICAMP, Campinas/SP – Brasil, CEP: 13083-970 (satoshi@fcm.unicamp.br).

Trabalho realizado na Universidade Estadual de Campinas. Artigo baseado na dissertação de mestrado de Karen Fontes Luchesi, “Desenvolvimento de um programa de aprimoramento vocal numa escola de ensino fundamental do município de Campinas: estudo de caso”, apresentada à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas em 2008.

Resumo

Tema: apesar do alto índice de alterações vocais em professores, poucos estudos avaliam e discutem as intervenções desenvolvidas para prevenir e tratar a disfonia nesses profissionais. **Objetivo:** analisar parâmetros vocais e articulatórios de professores, pré e pós-programa de aprimoramento vocal. **Método:** um programa de aprimoramento vocal foi oferecido numa escola estadual com 26 professores, situada no estado de São Paulo, Brasil. Treze professores aceitaram participar do programa. No entanto, devido ao critério de exclusão, apenas cinco foram selecionados para as análises. Os sujeitos foram previamente submetidos a uma avaliação laringológica. Realizou-se 12 encontros semanais de 1 hora e 30 minutos, na própria escola. No primeiro e no último encontro, os sujeitos gravaram três “frases-veículo”. As gravações foram submetidas à análise perceptivo-auditiva (para avaliação do *pitch*, da modulação e da articulação) e acústica (para avaliação da frequência fundamental, da extensão de frequência e dos dois primeiros formantes). Os dados foram submetidos à análise estatística. **Resultados:** houve adesão quase exclusiva de professores com queixas vocais e/ou alterações laríngeas. Quanto à avaliação perceptivo-auditiva, observou-se aumento positivo dos valores pós-intervenção, no entanto, não houve significância estatística para nenhum dos parâmetros analisados. Em relação à análise acústica, houve aumento positivo e estatisticamente significativo da extensão de frequência e do primeiro formante para as vogais /i/ e /u/, pós-intervenção. **Conclusão:** mesmo com um número reduzido de sujeitos, o presente estudo indicou que o programa de aprimoramento vocal desenvolvido contribuiu para a melhora na articulação e na modulação da fala dos professores.

Palavras-chave: docentes, saúde do trabalhador, treinamento da voz, prevenção de doenças.

Abstract

Theme: despite the high voice changes rate in teachers, few studies consider and discuss the intervention developed to prevent and treat these professionals dysphonia. **Aim:** analyzing and correlating teachers' vocal and articulation parameters, pre and post vocal improvement program. **Method:** a vocal improvement program was offered to 26 fundamental education state school teachers, located in the state of São Paulo. Thirteen teachers agreed to participate in the program, however, due to the exclusion criterion, only five have been selected to the analysis. The teachers were previously submitted to a laryngologist evaluation. Twelve one and a half hour weekly meetings were held in the school. In the first and the last meetings, the teachers made a three sentence-vehicle recording, which were submitted to a perceptual evaluation (to pitch, modulation and articulation) and an acoustic analysis (to fundamental frequency, the frequency length and two first formants assessment). The data were subjected to statistic analysis. **Results:** Almost exclusively teachers with vocal complaints and laryngeal alterations joined the Programme. As for the perceptual evaluation, it was observed a positive increase in post intervention values, however, there was not statistical significance for any of the parameters. Related to the acoustic analysis, there was a positive and significant increase of the frequency length and first formant to the vowels /i/ and /u/, post intervention. **Conclusion:** even with a reduced number of people, the present study indicated that the vocal improvement program developed presents contributed for a better speech modulation and articulation.

Key Words: school teachers, occupational health, voice training, prevention.

Introdução

O freqüente aparecimento de alterações vocais em professores tem levado pesquisadores a considerar como sendo de grande importância, as intervenções de caráter preventivo ⁽¹⁻¹⁹⁾. Dentre estas ações, estão as intervenções educativas voltadas para os cuidados com a voz e à adequação fonoarticulatória, visando uma produção vocal mais saudável. Apesar do alto índice de alterações vocais em professores, poucos estudos avaliaram e discutiram intervenções desenvolvidas para prevenir e tratar a disfonia nesses profissionais. Os estudos realizados com este intuito observaram melhora significativa na qualidade e nos sintomas vocais pós-intervenção ^(2-4,10,14).

Pesquisas realizadas nos últimos dez anos observam que a falta de conhecimento sobre a fonação, o despreparo vocal e as condições de trabalho são fatores bastante relevantes para a instalação de alterações vocais e o afastamento de muitos professores de seus trabalhos ^(5,6,13,16).

O objetivo do presente artigo foi analisar parâmetros, vocais e articulatórios de professores, pré e pós-programa de aprimoramento vocal.

Método

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (CEP N°484/2007). Todos os sujeitos que concordaram em participar, deram sua anuência assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Um programa de aprimoramento vocal foi oferecido numa escola estadual de ensino fundamental ciclo I (de 1ª. a 4ª. série) com 26 professores, situada no Distrito de Saúde Leste do município de Campinas, estado de São Paulo, Brasil. Utilizou-se como critério de inclusão, ser professor da escola, e como critério de exclusão, a participação menor que 65% nos encontros. Treze professores aceitaram participar do programa, no entanto, devido ao critério de exclusão, apenas cinco foram selecionados para as análises.

Com o objetivo de conhecer as suas condições laríngeas, os sujeitos foram previamente submetidos a uma avaliação laringológica no Hospital das Clínicas da Unicamp, na Área da Otorrinolaringologia. A hipótese diagnóstica não configurou impedimento para a participação na intervenção, ou seja, tanto os professores com alteração quanto os professores sem alteração laríngea, puderam participar do programa de aprimoramento vocal.

Baseado na disponibilidade dos professores, foram organizados dois grupos, de 6 e 7 sujeitos. Foram realizados 12 encontros semanais de 1 hora e 30 minutos, na biblioteca e na sala de vídeo da escola, todos coordenados pela mesma fonoaudióloga. Os encontros abordaram itens reconhecidos como fundamentais para uma fonoarticulação adequada e saudável^(2,5,20). A saber: noções de anatomia e fisiologia fonatória, saúde vocal (hábitos e cuidados), respiração, coordenação pneumofonoarticulatória, tensão fonatória, articulação, velocidade e modulação da fala, ressonância, projeção vocal, expressividade verbal e não-verbal, aquecimento e desaquecimento vocal. Cada encontro abordou de um a dois itens. Os itens foram desenvolvidos em aulas expositivas, com utilização de recursos áudio-visuais, apresentação oral e diálogo entre os participantes, dinâmicas de grupo e aplicação de técnicas vocais (ANEXO I). Todas as técnicas utilizadas estão expostas na literatura⁽²⁰⁾.

Preconizou-se a realização das técnicas vocais durante os encontros e, diariamente, em casa. Foi entregue aos sujeitos material impresso com breve explanação dos assuntos abordados e a descrição das técnicas vocais utilizadas.

No primeiro encontro dos grupos, os participantes responderam a um formulário com os dados: idade, tempo de profissão, formação acadêmica, carga horária semanal e queixa vocal. No primeiro e no último encontro, os sujeitos gravaram três frases-veículo: “eu quero um /pa’papa/ legal pra mim”, “eu quero um /pa’papa/ legal pra mim” e “eu quero um /pa’papa/ legal pra mim”. Estas foram utilizadas como veículo para palavras-alvo criadas de modo que as vogais, vértices do triângulo vocálico (/a/, /i/, /u/), estivessem sempre em posição tônica e precedidas pela oclusiva /p/. Tanto na pré quanto na pós-intervenção, os sujeitos foram orientados a ler as frases de maneira espontânea. Para

que acentuassem a segunda vogal, foi dado o modelo da palavra-alvo antes de começarem a leitura.

Apesar do número reduzido de sujeitos, as análises foram baseadas em 150 amostras de fala, pois consistiram em cinco repetições das três frases por cinco sujeitos em dois momentos, pré e pós-intervenção.

A fala dos sujeitos foi registrada pelo *software* livre Praat (www.praat.org) a uma taxa de amostragem de 44100 Hz. Utilizando *notebook* Toshiba com placa de som externa “Móbile Pré” da marca M-áudio, em sala silenciosa, com microfone unidirecional da marca *Shure* a, aproximadamente, 10 cm de distância da boca.

O mesmo material de fala foi submetido à análise perceptivo-auditiva e acústica. Para a análise perceptivo-auditiva, três fonoaudiólogos especialistas em voz pela mesma instituição e com prática clínica em voz de 12 a 15 anos, avaliaram individualmente os parâmetros: *pitch*, modulação e articulação. Os especialistas receberam as amostras distribuídas em arquivos randomizados, sem a identificação dos sujeitos e do momento em que foram gravados. Foram orientados a marcar um traço vertical cruzando uma escala analógica visual, ou seja, uma linha horizontal de 10 cm com limites à direita e à esquerda, onde melhor representasse a sua percepção para cada item avaliado (ANEXO II). A extremidade esquerda foi caracterizada como “inadequada” (valores próximos de zero) e a direita, como “adequada” (valores próximos de 10). Posteriormente, foi encontrado um correspondente numérico (em centímetros) para cada parâmetro avaliado utilizando-se de uma régua milimétrica, com seu ponto zero no limite esquerdo da linha. Para obter um valor comum aos três avaliadores, foram calculadas as médias e os desvios-padrão dos correspondentes numéricos.

A análise acústica foi realizada por meio do *software* Praat e teve por objetivo analisar os parâmetros: frequência fundamental (f_0), extensão de frequência e os dois primeiros formantes. Para medir a frequência fundamental e os formantes, selecionou-se as vogais tônicas das palavras-alvo. Sendo que, para delinear o início e o fim das vogais, tomou-se por base o aparecimento e o desaparecimento do padrão formântico, principalmente do primeiro (F_1) e do segundo formante (F_2). Obteve-se a média da

freqüência fundamental e dos dois primeiros formantes de cada vogal. Para calcular a extensão de freqüência, foram medidos os pontos máximos e mínimos de freqüência das frases inteiras, e calculada a diferença entre estes valores.

Os parâmetros vocais e articulatórios avaliados neste estudo foram selecionados com o intuito de estabelecer um paralelo, entre a análise perceptivo-auditiva e a análise acústica, no qual o *pitch* corresponde à sensação psicofísica da freqüência fundamental, a modulação à extensão de freqüência e a articulação aos dois primeiros formantes (que correspondem, respectivamente, à movimentação vertical e horizontal da língua⁽²¹⁾).

Para caracterizar a distribuição dos dados foi empregada uma análise estatística descritiva. Devido ao elevado número de amostras de fala analisados (150), os dados foram apresentados por meio das médias e dos desvios-padrão dos valores obtidos para cada aspecto avaliado. Verificou-se a normalidade na distribuição dos dados pela aplicação do teste de Smirnov-Kolmogorov. Para a comparação dos valores obtidos pré e pós-intervenção de cada sujeito, foi aplicado o teste *t de Student* para amostras pareadas. A fim de quantificar o grau de relação entre os resultados da avaliação perceptivo-auditiva e da avaliação acústica foi calculado o coeficiente de correlação de Pearson. A probabilidade (p) menor que 0,05 foi considerada para indicar significância estatística.

É importante levar em consideração que os resultados deste artigo são validos apenas para a população estudada, e que a amostragem utilizada impede que sejam generalizados para todos os casos do universo.

Dez, dos 13 professores, aceitaram realizar a avaliação laringológica. Em três deles observou-se alteração laríngea. Apenas cinco foram incluídos nas análises, por terem participação maior ou igual a 65% (8/12) nos encontros (Quadro).

Quadro- Descrição da amostra quanto ao gênero, idade, tempo de profissão, formação acadêmica, carga horária semanal, queixa vocal, avaliação laringológica e participação no programa de aprimoramento vocal.

		Tempo							Nº	Incluídos
		De			Carga					
		Idade	Profissão	Formação	Horária	Queixa	Av.	Hipótese	Enc.	
Sujeito	Gênero	(anos)	(anos)	Acadêmica	(hora-aula)	Vocal	Laring.	Diagnóstica	Part.	nas Análises
1	F	26	2	Letras	20	Sim	Sim	Nódulos	12	Sim
2	F	50	9	Ed. Física	20	Sim	Sim	Monocordite	12	Sim
3	F	49	6	Ed. Física	12	Não	Sim	Edema de Reinke	10	Sim
4	F	34	13	Pedagogia	40	Não	Sim	Sem alteração	9	Sim
5	F	50	24	Pedagogia	18	Não	Sim	Sem alteração	8	Sim
6	F	30	8	Pedagogia	30	Sim	Sim	Sem alteração	6	Não
7	F	52	20	Pedagogia	40	Não	Não	-	5	Não
8	M	39	17	Matemática	40	Sim	Sim	Sem alteração	5	Não
9	F	55	19	Pedagogia	40	Sim	Não	-	3	Não
10	F	48	24	Pedagogia	25	Sim	Sim	Sem alteração	3	Não
11	F	31	5	Artes Plásticas	40	Não	Sim	Sem alteração	3	Não
12	F	26	3	Pedagogia	30	Não	Sim	Sem alteração	3	Não
13	F	34	6	Pedagogia	20	Não	Não	-	1	Não

Legenda: F = Feminino; M = Masculino; Ed. Física = Educação Física; Av. Laring. = Avaliação Laringológica; Nº Enc. Part. = Número de Encontros que Participou.

Resultados

Os resultados das análises perceptivo-auditiva e acústica, pré e pós-intervenção foram apresentados nas tabelas 1 e 2, respectivamente.

Na avaliação perceptivo-auditiva, observou-se o aumento das médias, pós-intervenção, dos três parâmetros avaliados, e a diminuição do desvio-padrão dos parâmetros modulação e articulação, pós-intervenção. No entanto, não houve significância estatística para as diferenças pré e pós-intervenção em nenhum parâmetro (Tabela 1).

Tabela 1- Descrição dos parâmetros da análise perceptivo-auditiva, quanto à suas médias, desvios-padrão e comparações pré e pós-intervenção.

PARÂMETROS	N	PRÉ		PÓS		DIF. P/P	T-STUDENT p
		MÉDIA	D.P.	MÉDIA	D.P.		
Pitch	5	9,207	0,65	9,267	0,69	0,06	0,877
Modulação	5	8,14	1,41	8,96	0,73	0,82	0,357
Articulação	5	8,793	1,04	9,253	0,65	0,46	0,451

Legenda: D.P. = Desvio-Padrão; DIF. P/P = Diferença entre as médias Pós/Pré.

Em relação à análise acústica, houve um aumento da média de f_0 para as vogais /i/ e /u/ e uma redução sistemática dos desvios-padrão das três vogais, pós-intervenção. No entanto, o tamanho da amostra não permitiu nenhuma conclusão de aumento ou diminuição de f_0 para nenhuma vogal. Um aumento estatisticamente significativo foi observado na extensão de frequência e no primeiro formante das vogais /i/ e /u/, pós-intervenção (Tabela 2).

Tabela 2- Descrição dos parâmetros da análise acústica, quanto à suas médias, desvios-padrão e comparações pré e pós-intervenção.

PARÂMETROS	VOGAIS		PRÉ		PÓS		DIF.	T-STUDENT
	N		MÉDIA	D.P.	MÉDIA	D.P.	P/P	p
Frequência Fundamental (Hz)	5	/a/	175,955	21,426	166,628	18,681	-9,327	0,241
	5	/i/	200,858	19,514	209,024	6,957	8,166	0,333
	5	/u/	197,922	20,913	217,357	19,375	19,44	0,11
Extensão de Frequência (Hz)	5	/a/	115,831	22,551	144,103	58,874	28,27	0,278
	5	/i/	114,366	23,455	167,045	30,776	52,68	0,03*
	5	/u/	113,468	27,18	163,171	28,183	49,7	0,001*
Primeiro Formante (Hz)	5	/a/	821,958	152,205	806,27	109,037	-15,688	0,712
	5	/i/	276,958	25,596	305,64	21,377	28,68	0,044*
	5	/u/	348,69	35,316	407,528	30,762	58,84	0,009*
Segundo Formante (Hz)	5	/a/	1416,532	53,718	1381,329	34,402	-35,203	0,133
	5	/i/	2511,092	107,36	2496,644	163,937	-14,448	0,706
	5	/u/	840,127	104,664	866,618	158,937	26,49	0,748

Legenda: D.P. = Desvio-Padrão; DIF. P/P = Diferença entre as médias Pós/Pré; * p<0,05.

Quanto à comparação entre a avaliação perceptivo-auditiva e a análise acústica, não houve correlação significativa.

Discussão

O programa desenvolvido pelo presente estudo teve como principal objetivo, o aprimoramento vocal e não o tratamento de alterações vocais. Por isso elegeu-se para as análises pré e pós-programa, parâmetros que pudessem variar, mesmo em vozes não

alteradas. No entanto, houve uma adesão quase exclusiva de professores com queixas vocais e/ou alterações laríngeas, e a intervenção tornou-se preventivo-terapêutica. Após a participação no programa, os três sujeitos com alterações laríngeas foram encaminhados para terapia fonoaudiológica.

Professores que participaram de um grupo terapêutico realizado na Finlândia⁽¹⁴⁾, relataram como principal motivo para a não participação da intervenção, a ausência de alteração vocal. Infelizmente a maioria dos professores só procura por ajuda, quando a alteração vocal já está impactando negativamente na sua atuação⁽⁶⁾. Pesquisadores acreditam que cursos de aprimoramento vocal deveriam ser oferecidos durante a formação profissional, para proporcionar uma maior participação^(3,14).

Quanto aos parâmetros avaliados, os sujeitos apresentaram medidas de f_0 , tanto na pré quanto na pós-intervenção, dentro do esperado para a população feminina brasileira e *pitch* com média acima de nove na análise perceptivo-auditiva. Desse modo, não era esperada mudança neste parâmetro. A medida de f_0 , número de vibrações por segundo produzidas pelas pregas vocais, para mulheres é de 205 Hz, podendo variar entre 150 e 250 Hz⁽²²⁾. Pesquisadores observaram variações de f_0 , aumento e diminuição, em sujeitos pós-tratamento de disfonia funcional, e todas as variações encontravam-se dentro da faixa de normalidade⁽²³⁾.

Apesar da utilização de frases-veículo sem conteúdo semântico, ao observar os espectros das frases (ANEXO III), nota-se que os sujeitos conferiram rica modulação à leitura. Foi atribuída média perceptivo-auditiva maior que oito, com o aumento desta pós-intervenção, além da ampliação significativa da extensão de frequência. O que indica maior uso deste recurso expressivo pós-aprimoramento. Acredita-se que uma voz com modulação rica auxilie na transmissão da mensagem e diminua a probabilidade de fadiga vocal⁽²⁴⁾.

Os valores de F_1 e F_2 encontrados neste estudo estão dentro do esperado. A mulher apresenta F_1 e F_2 próximos de 956 Hz e 1634 Hz, respectivamente, na vogal /a/⁽²²⁾. Para a vogal /i/ espera-se valores próximos de 425 Hz e 2984 Hz, e para a vogal /u/ valores próximos de 462 Hz e 1290 Hz.

Tendo em vista que a articulação da fala consiste no processo de ajustes motores dos órgãos fonoarticulatórios, os resultados mais significativos deste estudo foram encontrados nas vogais /i/ e /u/. O aumento de F_1 corresponde à maior movimentação da língua para baixo, o que pode significar maior abertura de boca e conseqüentemente melhora no padrão articulatorio. No plano vertical, a língua se posiciona baixa para a vogal /a/, e alta para as vogais /i/ e /u/, portanto, a maior movimentação da língua para baixo mostra-se mais evidente nestas duas vogais. O primeiro formante refere-se a movimentação da língua no plano vertical, sendo influenciado pela elevação e pelo abaixamento da mandíbula⁽²¹⁾. Um aumento na abertura de boca pós-grupo de orientação e terapia vocal com professores também foi observado na literatura internacional⁽²⁾. É importante destacar que uma fala com intensidade vocal, frequência e articulação adequadas, favorece a compreensão do aluno e diminui o esforço laríngeo⁽²⁴⁾.

Ressaltam-se os resultados encontrados ao considerar que os itens modulação e articulação, foram focalizados em apenas um e dois encontros, respectivamente (ANEXO I). Mesmo com uma pequena amostra de professores (5), foram observados resultados positivos e de impacto no uso profissional da voz, corroborando a eficácia do programa desenvolvido.

Correspondência entre avaliação perceptivo-auditiva e análise acústica, foi encontrada por pesquisadores para alguns parâmetros de perturbação da onda sonora⁽²⁵⁾. No entanto para os parâmetros avaliados neste estudo não pôde ser observada correspondência significativa. A subjetividade dos parâmetros pode ter influenciado o grau de correlação das análises. É preciso considerar que a audição e a percepção humana não são capazes de distinguir variáveis tão claramente como um *software* de análise acústica.

Conclusão

Os resultados do presente estudo apontam, mesmo com um pequeno número de sujeitos, mudanças significativamente positivas no padrão de articulação e modulação da fala, pós-programa de aprimoramento vocal. Conclui-se que, o programa desenvolvido pode melhorar o uso profissional da voz. Logo, é válido aprofundarem-se os estudos, procurando aplicar este programa com um número maior de sujeitos.

Referências

1. Araújo TM, Reis EJFB, Carvalho FM, Porto LA, Reis IC, Andrade JM. Fatores associados a alterações vocais em professoras. *Cad Saúde Pública* 2008; 24(6): 1229-1238.
2. Bovo R, Galceran, Petruccelli J, Hatzopoulos S. Vocal problems among teachers: evaluation of a preventive voice program. *J Voice* 2007; 21(6):705-22.
3. Duffy OM, Hazlett DH. The impacto of preventive voice care programs for training teachers: a longitudinal study. *J Voice* 2004; 18(1):63-70.
4. Gillivan-Murphy P, Drinnan MJ, Dwyer TPO, Rdha H, Carding P. The effectiveness of a voice treatment approach for teachers with self-reported voice problems. *J Voice* 2006; 20(3):423-431.
5. Grillo MHMM, Lima EF, Ferreira LP. A questão ensino aprendizagem num trabalho profilático de aperfeiçoamento vocal com professores. *Pró-fono Rev* 2000; 12(2):73-80.
6. Grillo MHMM. The impacto of a vocal improvement course in a speech language and hearing science prevention context. *Pró-fono Rev* 2004; 16(2):159-168.
7. Kooijman PGC, Jong FICRS, Thomas G, Huinck W, Donders R, Graamans K, Schutte HK. Risk factors for voice problems in teachers. *Folia Phoniatr Logop* 2006;58: 159-174.
8. Kooijman PGC, Thomas G, Graamans K, Jong FICRS. Psychosocial impact of the teacher's voice throughout the career. *J Voice* 2007; 21(3):316-324.
9. Mattiske JA, Oates JM, Greenwood KM. Vocal problems among teacher: a rewiew of prevalence, causes, prevention and treatment. *J Voice* 1998; 12(4): 489-499.
10. Niebudek-Bogusz E, Sznurowska-Prygocka B, Fiszer M, Kotylo P, Sinkiewicz, Modrzewska M, et al. The effectiveness of voice therapy for teachers with dysphonia. *Folia Phoniatr Logop* 2008;60:134-141.

11. Penteado RZ, Bicudo IMT. Qualidade de vida e saúde vocal de professores. *Rev Saúde Pública* 2007;41(2):236-243.
12. Rogerson J, Dodd B. Is there an effect of dysphonic teachers' voices on children's processing of spoken language? *J Voice* 2005;19(1):47-60.
13. Simberg S, Sala E, Vehmas K, Laine A. Changes in the prevalence of vocal symptoms among teachers during a twelve-year period. *J Voice* 2005;19(1):95-102.
14. Simberg S, Sala E, Tuomainen J, Sellman J, Rönnemaa AM. The effectiveness of group therapy for students with mild voice disorders: a controlled clinical trial. *J Voice* 2006;20(1):97-109.
15. Tavares ELM, Martins RHG. Vocal evaluation in teachers with or without symptoms. *J Voice* 2007;21(4):407-414.
16. Yiu EML. Impact and prevention of voice problems in the teaching profession: embracing the consumers' view. *J Voice* 2002; 16(2):215-228.
17. Roy N, Merrill RM, Thibeault S, Parsa RA, Gray SD, Smith EM. Prevalence of voice disorders in teachers and the general population. *J Speech Lang Hear Res* 2004; 47:281-293.
18. Simões M, Latorre MRDO. Prevalência de alteração vocal em educadoras e sua relação com a auto-percepção. *Rev Saúde Pública* 2006;40(6):1013-1018.
19. Smith E, Gray SD, Dove H, Kirchner L, Heras H. Frequency and effects of teachers' voice problems. *J Voice* 1997;11(1):81-87.
20. Behlau M, Madazio G, Feijó D, Azevedo R, Gielow I, Rehder MI. Aperfeiçoamento vocal e tratamento das disfonias. In: Behlau M (organizadora). *Voz – o livro do especialista*. Rio de Janeiro: Revinter; 2005. p.409-564.V. 2.
21. Kent R, Read C. *The acoustic analysis of speech*. San Diego: Singular;1992.

22. Russo I, Behlau M. Percepção de fala: análise acústica do português brasileiro. São Paulo: Lovise; 1993.
23. Roy N, Hendarto H. Revisiting the pitch controversy: changes in speaking fundamental frequency (SFF) after management of functional dysphonia. J Voice 2005;19:582-591.
24. Behlau M, Dragone MLS, Nagano L. Mecanismo de produção de voz e fala. In: A voz que ensina. Rio de Janeiro: Revinter; 2004. p.27-39.
25. Bhuta T, Patrick L, Garnett JD. Perceptual evaluation of voice quality and its correlation with acoustic measurements. J Voice 2004; 18(3):299-304.

Anexo I

Quadro- Etapas do Programa de Aprimoramento Vocal desenvolvido.

EPATAS:

- 1) Divulgação direta e indireta do programa. Divulgação direta: exposição oral aos professores em Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC). Divulgação Indireta: distribuição e afixação de *folders* sobre o programa.
 - 2) Encaminhamento e realização de exames laringoscópicos.
 - 3) Formação dos grupos e realização dos encontros:
 - 1° ENCONTRO: Apresentação do programa, preenchimento do formulário e gravação pré-aprimoramento.
 - 2° ENCONTRO: Noções de anatomia e fisiologia do sistema fonatório (utilização de recursos áudio-visuais – imagens e vídeos), principais causas e sintomas de disfonias.
 - 3° ENCONTRO: Discussão sobre saúde vocal do professor.
 - i. Cuidados na vida diária: hábitos, alimentação etc; cuidados quanto ao uso da voz: quanto ao ambiente, à postura, à dinâmica em sala de aula etc.
 - 4° ENCONTRO: Reflexão e discussão sobre psicodinâmica vocal, expressão corporal e facial.
 - ii. Tipos de voz e as impressões que causam no aluno.
 - iii. Dinâmica de grupo: dramatizações relacionando tipos vocais e situações de aula. Ex.: Representação de diálogo entre aluno e professor, experimentando conversas com diferentes intensidades, *pitch*, velocidades de fala e tipos articulatorios. Reflexão sobre as impressões que podem causar nos alunos.
 - iv. Discussão sobre o uso de recursos expressivos não-verbais como gestos, movimentação corporal e expressão facial.
 - 5° ENCONTRO: Respiração e Intensidade vocal.
 - v. Explicação e percepção dos tipos respiratórios e coordenação pneumo-fono-articulatória.
 - vi. Aplicação de técnica vocal: técnica de sons fricativos.
 - vii. Dinâmica de grupo: representação de diálogo entre aluno e professor, experimentando diferentes intensidades vocais (adequada, aumentada e diminuída), discussão sobre a repercussão da utilização de cada uma delas nos alunos.
 - 6° ENCONTRO – Alívio da tensão fonatória e relaxamento.
 - viii. Percepção dos professores sobre seus pontos de tensão.
 - ix. Alongamento cervical: rotação de cabeça e ombros e movimentos de contra-resistência. Relaxamento facial: movimentos circulares com os dedos indicadores e médios em toda a face.
 - x. Aplicação de técnicas vocais: técnica de manipulação digital da laringe, técnica de bocejo-suspiro, técnica de firmeza glótica e técnica de vibração.
-

7º e 8º ENCONTRO: Articulação e velocidade de fala.

- xi. Dinâmica: “Telefone sem fio” (sentados em círculo, um participante tinha que fazer o próximo compreender uma palavra, só com a articulação dos sons, sem nenhuma emissão). Discussão sobre a importância de uma articulação precisa no ensino.
- xii. Percepção da diferença entre os pontos e os modos de articulação dos fonemas da Língua Portuguesa, por meio da produção de vogais e consoantes isoladas e da leitura de trava-línguas.
- xiii. Aplicação de técnicas vocais: técnica de sons fricativos associados a vogais, técnica de rotação de língua no vestibulo associada a som nasal, técnica de estalo de língua, técnica mastigatória, técnica de sobrearticulação e técnica de voz salmodiada.

9º ENCONTRO: Modulação.

- xiv. Discussão sobre a importância da modulação no ensino.
- xv. Aplicação de técnicas vocais: técnica de voz salmodiada e técnica de vibração associada à variação de frequência.
- xvi. Leitura de diálogos, extraídos de livros clássicos da Literatura Brasileira.
- xvii. Dinâmicas de grupo: Participantes variando suas vozes para causar diferentes impressões no ouvinte (medo, nervosismo, sedução, infantilidade, agitação, monotonia etc).

10º ENCONTRO: Ressonância e projeção vocal.

- xviii. Discussão sobre a importância de uma voz projetada para o professor, e a relação existente entre apoio respiratório, condições laríngeas, articulação, ressonância e projeção vocal.
- xix. Aplicação de técnicas vocais: técnica de sons nasais, técnica mastigatória, técnica de vibração associada à vogais, técnica de estalo nasal associado a som nasal.

11º ENCONTRO: Aquecimento e Desaquecimento vocal.

- xx. Reflexão sobre a importância do aquecimento e do desaquecimento vocal. Orientação para a realização do aquecimento vocal cerca de 15 minutos antes da aula (elegendo de dois a três exercícios aprendidos durante os encontros). Foi orientada a realização do desaquecimento vocal logo após a aula, realizando-o por cerca de cinco minutos, com as técnicas de bocejo-suspiro e glissando descendente.

12º ENCONTRO: Discussão sobre o programa e os temas abordados. Gravações pós-aprimoramento.

Anexo II

PROTOCOLO PARA AVALIAÇÃO PERCEPTIVO-AUDITIVA

AMOSTRA Nº:

Assinale um traço vertical nas linhas abaixo (escala analógica visual de 10 cm), que caracterize sua opinião para as amostras de fala apresentadas. O lado direito representa “alteração inexistente” ou “adequado” e o lado esquerdo representa “completamente alterado” ou “inadequado”.

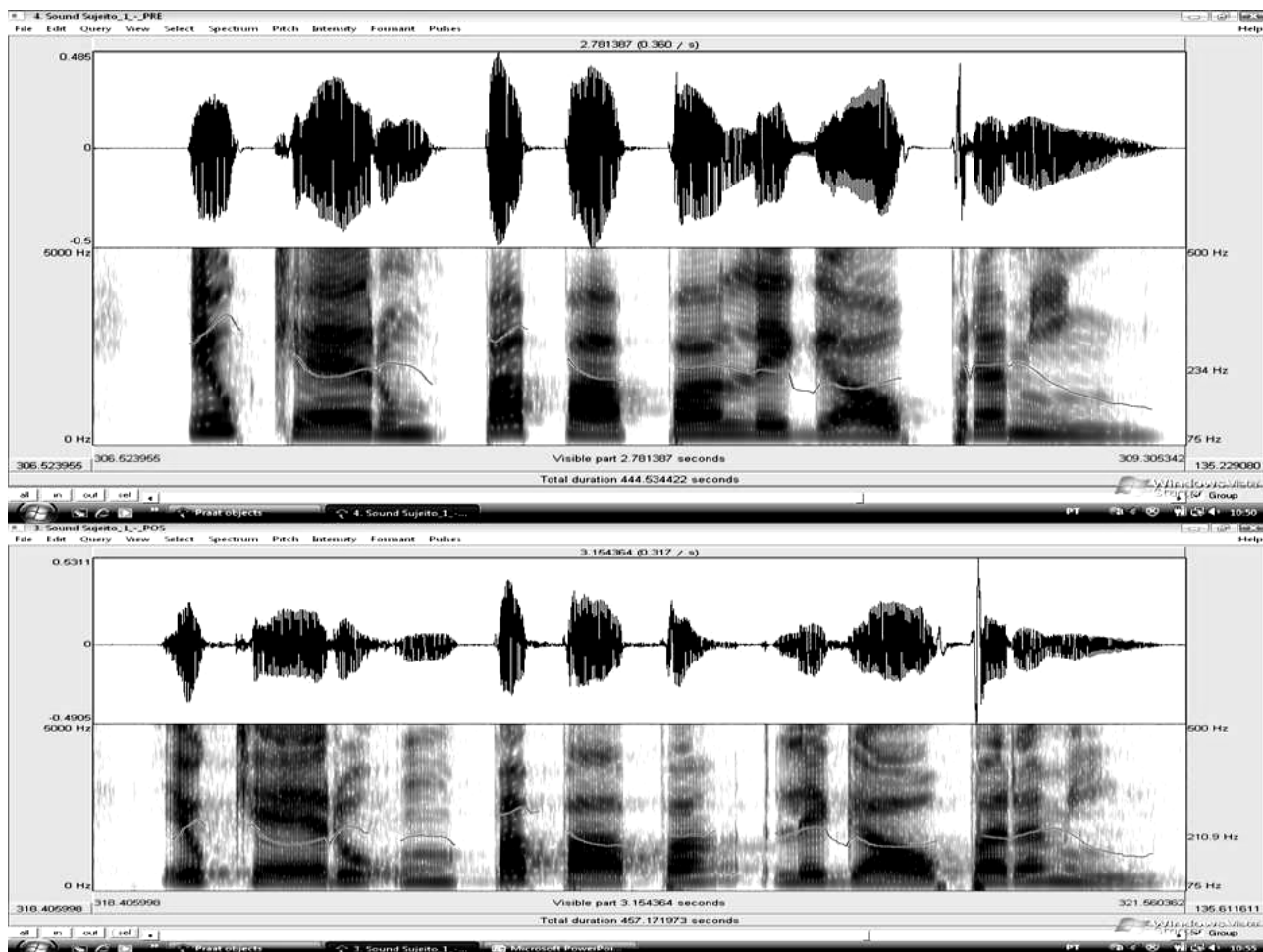
- 1) **PITCH** (padrão optimal: adequado para idade, sexo, tipo físico e para o contexto).

- 2) **MODULAÇÃO** (padrão optimal: frequência variável, sem monotonia e/ou repetições).

- 3) **ARTICULAÇÃO DE FALA** (padrão optimal: sem distorções, flexível, sem tensões aparentes).

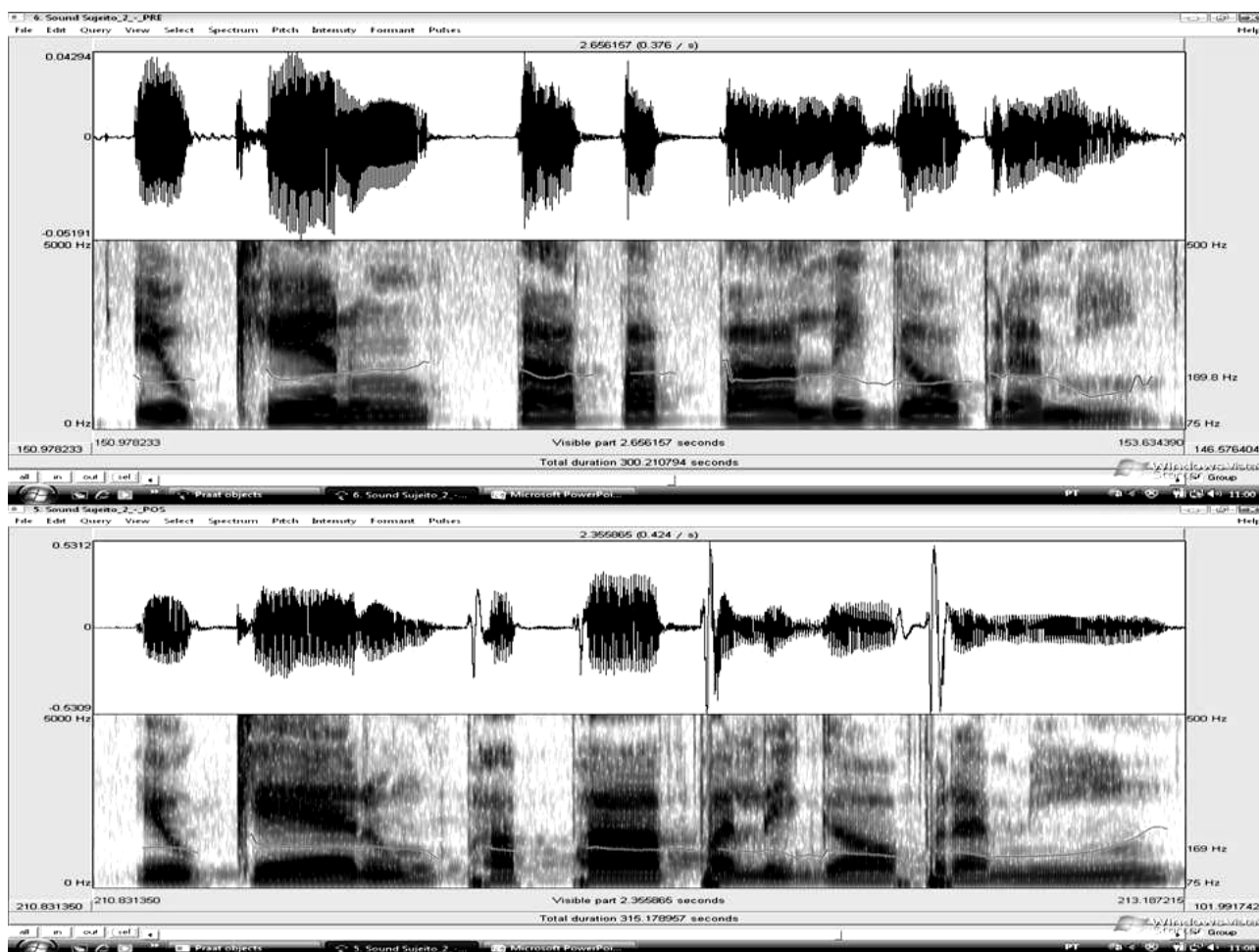
Anexo III

Figura 1. Espectro de banca estreita da emissão do sujeito 1, com destaque para a variação de *pitch* na primeira repetição da frase “Eu quero um /pa’papa/ legal para mim”, pré e pós-aprimoramento vocal, respectivamente.



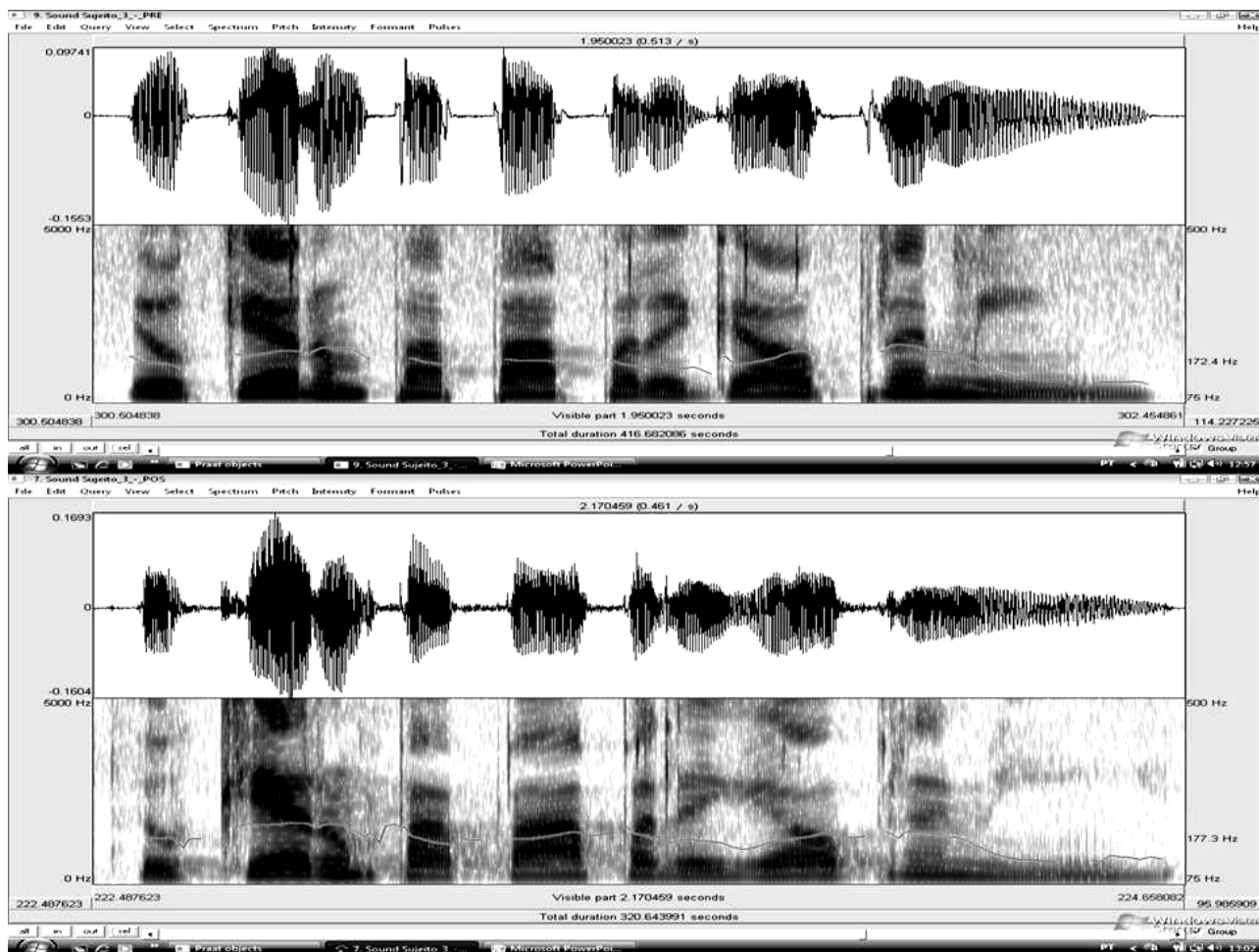
Fonte: *software* Praat versão 5028.

Figura 2. Espectro de banca estreita da emissão do sujeito 2, com destaque para a variação de *pitch* na primeira repetição da frase “Eu quero um /pa’papa/ legal para mim”, pré e pós-aprimoramento vocal, respectivamente.



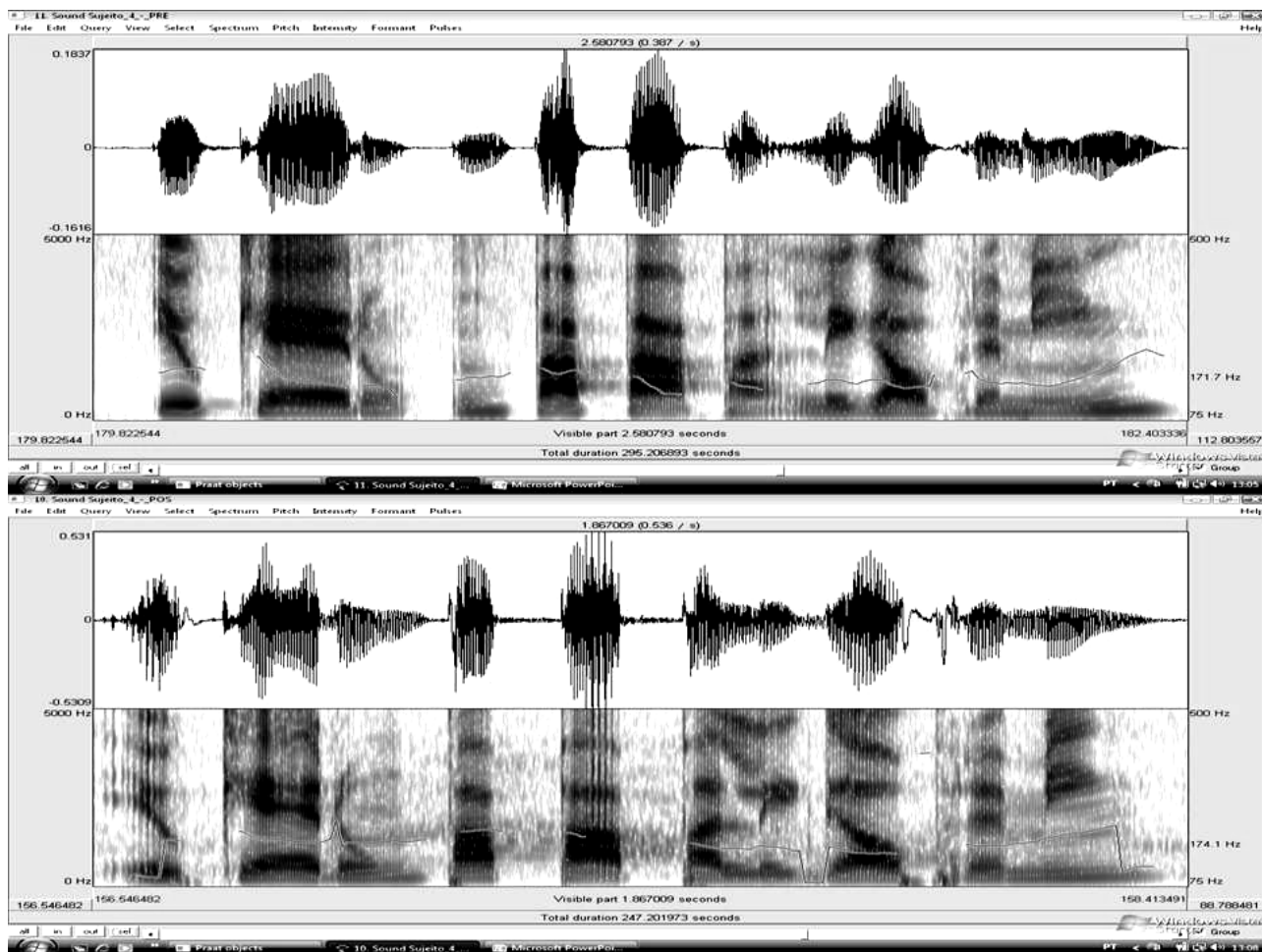
Fonte: *software* Praat versão 5028.

Figura 3. Espectro de banca estreita da emissão do sujeito 3, com destaque para a variação de *pitch* na primeira repetição da frase “Eu quero um /pa’papa/ legal para mim”, pré e pós-aprimoramento vocal, respectivamente.



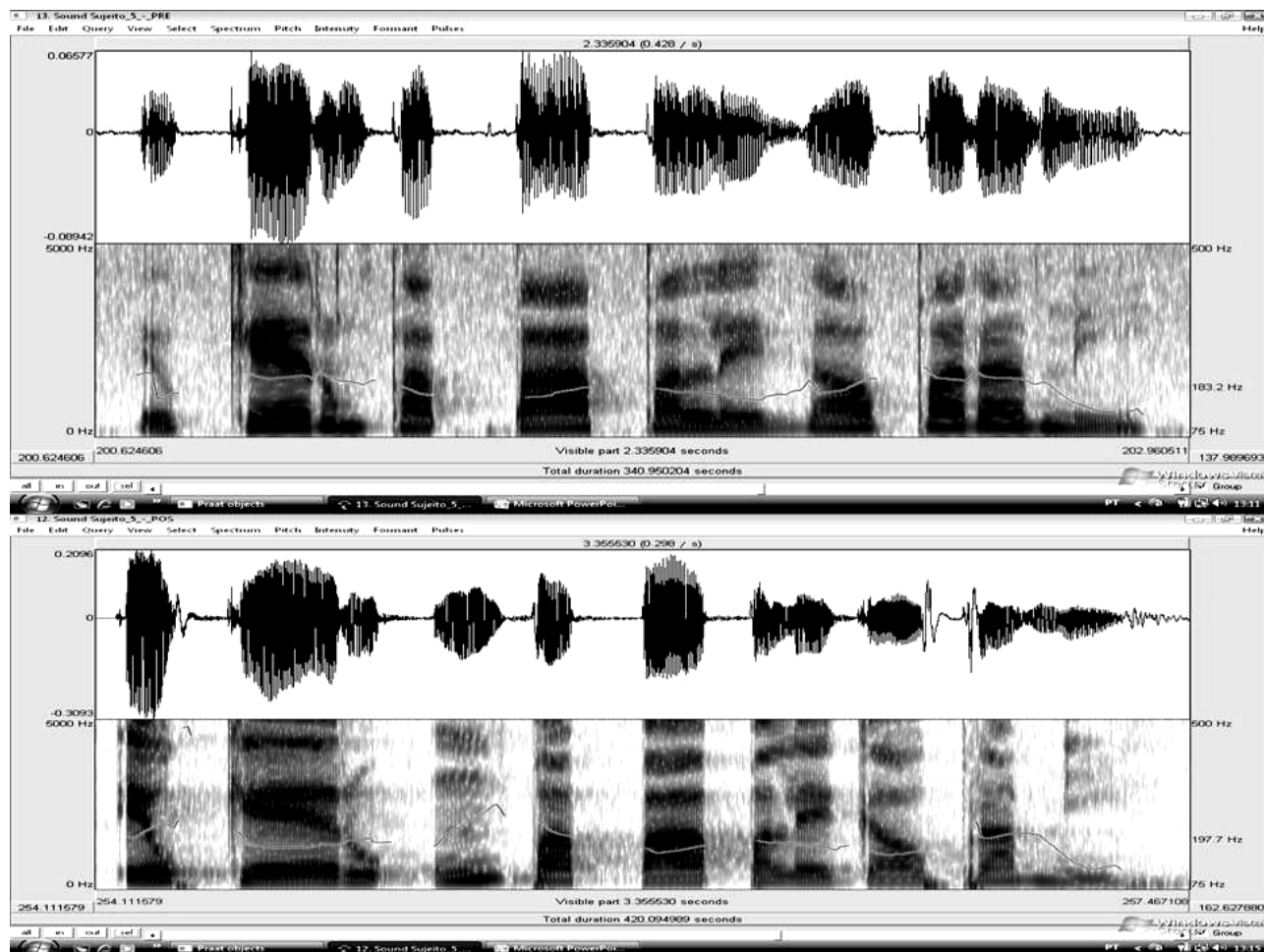
Fonte: *software* Praat versão 5028.

Figura 4. Espectro de banda estreita da emissão do sujeito 4, com destaque para a variação de *pitch* na primeira repetição da frase “Eu quero um /pa’papa/ legal para mim”, pré e pós-aprimoramento vocal, respectivamente.



Fonte: *software* Praat versão 5028.

Figura 5 . Espectro de banca estreita da emissão do sujeito 5, com destaque para a variação de *pitch* na primeira repetição da frase “Eu quero um /pa’papa/ legal para mim”, pré e pós-aprimoramento vocal, respectivamente.



Fonte: *software* Praat versão 5028.

CAPÍTULO 4

ARTIGO 3- AÇÕES DE PREVENÇÃO E PROMOÇÃO À SAÚDE VOCAL DE PROFESSORES: UMA QUESTÃO DE SAÚDE COLETIVA

Título: Ações de promoção e prevenção à saúde vocal de professores: uma questão de saúde coletiva

Title: Promotion and preventive actions for teachers' vocal health: a collective health issue

Título resumido: Saúde vocal: questão de saúde coletiva

Artigo submetido à Revista de Saúde Pública

Autores:

Karen Fontes Luchesi

Fonoaudióloga. Mestre em Saúde Coletiva pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil. Endereço para correspondência: Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação (CEPRE/FCM/UNICAMP), Av. Tessália Vieira de Camargo, nº126 – Cidade Universitária, Campinas/SP – Brasil, CEP: 13083-887 (karenluchesi@yahoo.com.br)

Lucia Figueiredo Mourão

Fonoaudióloga. Professora-assistente Doutora, Curso de Fonoaudiologia, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil.

Satoshi Kitamura

Médico do Trabalho. Professor-assistente Doutor, Coordenador da Área de Saúde do Trabalhador, Departamento de Medicina Preventiva e Social, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil.

Este artigo foi baseado na dissertação de mestrado de Karen Fontes Luchesi, “Desenvolvimento de um programa de aprimoramento vocal numa escola de ensino fundamental do município de Campinas: estudo de caso”, apresentada à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas em 2008.

Resumo

Objetivo: Refletir e elencar hipóteses de ações para prevenção e promoção à saúde vocal de professores. **Métodos:** A título de estudo piloto, foi desenvolvido um programa de aprimoramento vocal, com 26 professores, numa escola pública do estado de São Paulo. Os sujeitos foram previamente submetidos a uma avaliação laringológica. Foi aplicado um questionário com o intuito de compreender a demanda vocal dos professores da escola. Entrevistas foram realizadas com o objetivo de conhecer a respeito da relação dos professores com suas vozes e de obter sugestões de ações para a prevenção e a promoção da saúde vocal. A análise dos dados, tanto dos qualitativos quanto dos quantitativos, teve um caráter descritivo, reflexivo e exploratório. **Resultados:** Foram observadas alterações laríngeas em três dos dez professores que se submeteram à avaliação laringológica. Em relação às ações de prevenção e promoção à saúde, 56% (14) dos professores sugeriram programas de aprimoramento para a melhor utilização da voz, 24% (6) sugeriram trabalhos com os alunos, principalmente relacionado à indisciplina em sala de aula, 16% (4) afirmaram que a prioridade está na identificação e na atenuação dos fatores de risco para doenças relacionadas ao trabalho, 16% (4) destacaram a importância da assessoria de profissionais da equipe de saúde do trabalhador e 8% (2) sugeriram atuações interdisciplinares de forma geral. **Conclusões:** Elenca-se para a prevenção e a promoção da saúde vocal do professor, ações multi ou interdisciplinares que o considerem em suas reais condições de trabalho.

Palavras-chave: docentes, saúde do trabalhador, prevenção de doenças, promoção da saúde, voz, saúde coletiva.

Abstract

Objective: Reflect hypotheses and lists actions for prevention and health promotion to teacher's voice. **Methods:** As a pilot study, a voice improving program was developed and applied, to 26 teachers, at a state school of elementary education in the state of Sao Paulo. The teachers were previously subject to an laryngological evaluation. Was administered a questionnaire in an effort to understand the voice demand of teachers from school. Interviews were conducted with the objective to know about the relationship of teachers with their voices and get suggestions of actions for prevention and health promotion voice. The data analysis, of both qualitative as of quantitative, had a character descriptive, reflective and exploratory. **Results:** There were laryngeal disorders in three of the ten teachers who underwent the laryngological evaluation. In relation to the actions of prevention and health promotion, 56% (14) of the teachers suggested programs to improve the better use of voice, 24% (6) suggested work with the students, mainly related to indiscipline in the classroom, 16 % (4) stated that the priority is the identification and mitigation of risk factors for diseases related to work, 16% (4) highlighted the importance of acessoria of professional team of health workers and 8% (2) suggested action interdisciplinary in general. **Conclusions:** Based on the results of this study, was listed to the prevention and health promotion voice of the teacher, multi or interdisciplinary actions that consider their real conditions of work.

Key-words: occupational health, voice, prevention, health promotion, speech therapy, school teachers, public health.

Introdução

Dados do censo escolar divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) em 2003⁴, indicaram que no Brasil há aproximadamente 2,6 milhões de professores, desde a educação básica até o ensino superior.

Tendo em vista que o principal instrumento de trabalho destes profissionais é a voz, a saúde vocal do professor tem sido objeto de estudo de muitos pesquisadores. Todos têm chegado à conclusão que os riscos para tais trabalhadores desenvolverem distúrbio vocal de ordem ocupacional é significativamente alto.^{1,6,12} Pesquisas realizadas nos Estados Unidos encontraram prevalência de problemas vocais, significativamente, maior em professores do que em não professores (11% versus 6,2%, 15% versus 6%).^{18,22} O afastamento de professores, devido a alterações vocais têm aumentado nos últimos anos.^{6,20}

Ações preventivas vêm sendo estudadas em diversos países.^{7,10,11,17,20} Contudo, os dados empíricos a respeito da alteração vocal em professores são limitados, as estratégias de orientação, prevenção e terapia contam com poucas evidências e ainda não têm eficácia cientificamente comprovada.¹⁴

Alguns estudos nacionais e internacionais investigaram a eficácia de intervenções que visavam tratar e/ou aprimorar o uso da voz de professores, tendo como resultado a melhora significativa na qualidade vocal e na diminuição dos sintomas vocais.^{7,10,17} Os mesmos estudos observaram adesão relativamente baixa às intervenções e não houve comprovação da eficácia preventiva das ações realizadas.

A importância da preservação de problemas vocais é tardiamente reconhecida pela maioria dos professores. Eles demonstram dificuldades em perceber os sinais e os sintomas vocais que apresentam. Na literatura, a falta de percepção dos problemas vocais entre professores, é bastante mencionada.^{11,16,19,21} Há ainda, a aceitação passiva da alteração vocal, pois muitos acreditam ser esta uma consequência natural de sua profissão, além disso, o tempo e o ônus financeiro dispensado ao tratamento da disfonia os tornam relutantes a buscar um acompanhamento apropriado.¹⁹

⁴ Disponível em: http://www.inep.gov.br/download/censo/2003/estatisticas_professores.pdf. Acesso em 13 out 2008.

Não há dúvidas de que, devido à alta prevalência de problemas vocais e ao grande número de professores no país, é de grande importância o estudo e o desenvolvimento de ações preventivas no campo da saúde coletiva, pesquisando não apenas o sujeito, mas também os aspectos envolvidos no desenvolvimento de seu trabalho.

O professor está exposto a fatores de risco ocupacionais, da competência de todos profissionais que se dedicam a zelar pela saúde dos trabalhadores. Acredita-se que a saúde vocal dos professores não consiste na ausência de alterações vocais, mas sim e principalmente, no bem-estar geral destes indivíduos. De acordo com a Carta de Ottawa, a saúde é resultante de um complexo, composto por fatores políticos, econômicos, ambientais, comportamentais e biológicos.⁵

Com base no desenvolvimento de um programa de aprimoramento vocal numa escola pública, o objetivo do presente artigo foi refletir e elencar hipóteses de ações para prevenção e promoção à saúde vocal de professores.

Métodos

Um programa de aprimoramento vocal foi desenvolvido numa escola estadual de ensino fundamental, situada no Distrito de Saúde Leste do município de Campinas, estado de São Paulo, Brasil. A escola contava com 26 professores no ano em que o estudo foi desenvolvido. Todos participaram de pelo menos uma das etapas do programa.

O programa foi composto por avaliação laringológica, questionário, intervenção preventivo-terapêutica em grupo e entrevistas. Este artigo dedica-se à análise e a divulgação dos dados da avaliação laringológica, do questionário e das entrevistas.

Os sujeitos foram previamente submetidos à avaliação laringológica no Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Campinas, na Área de Otorrinolaringologia.

O questionário utilizado foi elaborado com o intuito de compreender a demanda vocal dos professores da escola. Foi composto por perguntas fechadas sobre a percepção de problemas e sintomas vocais e sobre a frequência de estresse vocal.

Os professores responderam se haviam, ou não, notado algum tipo de problema vocal durante os anos de profissão. Quanto aos sintomas vocais, foram orientados a assinalar os que já haviam vivenciado ao falar de forma prolongada: fadiga vocal, sensação de coceira na garganta, dor ao falar (na garganta ou região da laringe), garganta raspando, dor no pescoço e/ou nos ombros, engasgo ao falar, falta de ar ou respiração ofegante ao falar, pescoço tenso ao falar, pigarro constante, aumento de volume do pescoço ao falar, garganta seca, voz fraca, falha na voz, dor ao engolir ou outro(s). Também responderam se antes, durante ou depois do período de trabalho sentiam estresse de alguma natureza (físico, mental, emocional, vocal).

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Basearam-se em perguntas abertas sobre a concepção de voz ideal para a profissão de professor, as queixas relacionadas à voz na profissão e sugestões de ações para a saúde vocal. Para o levantamento das sugestões, solicitou-se aos sujeitos que indicassem alguma ação interessante para auxiliá-los em relação ao uso da voz no exercício de seu trabalho. A análise se deu por meio de categorias, construídas de acordo com a ocorrência de temas “chaves” presentes em frases ou palavras enfáticas e recorrentes.

Para cumprir com os objetivos do presente artigo, a análise dos dados, tanto dos qualitativos quanto dos quantitativos, teve um caráter descritivo, reflexivo e exploratório.

O estudo foi conduzido dentro dos padrões exigidos pela declaração de Helsinque e aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas em julho de 2007 (CEP N°484/2007).

Resultados e Discussão

Com o intuito de facilitar a compreensão do leitor, os dados foram apresentados e simultaneamente discutidos. No quadro a seguir encontram-se os dados do questionário, da avaliação laringológica e das entrevistas. Optou-se por divulgá-los detalhadamente para possibilitar a reprodução do raciocínio que levou à correlação entre algumas variáveis.

Os 26 professores apresentavam em média, 37,5 anos de idade (desvio-padrão = 8,7), 11,9 anos de profissão (desvio-padrão = 6,9) e trabalhavam com carga horária semanal média de 28,6 horas-aula (desvio-padrão = 8,4).

Problemas vocais foram notados por 53,8% (14) dos professores ao longo dos anos de profissão (Quadro). De acordo com pesquisas brasileiras realizadas nos últimos anos, a prevalência de problemas vocais encontrada em professores foi de 54% a 79,6%.^{8,21}

Os professores relataram, em média, quatro sintomas vocais (desvio-padrão = 3) (Quadro). Na literatura, observa-se que os professores usualmente referem múltiplos sintomas vocais. Os que relatam mais de três sintomas apresentam episódios de disfonia com maior frequência, mais dificuldades relacionadas a seu desempenho em sala de aula e maior referência a estresse e frustração.¹⁹

Vinte (76,9%) dos 26 professores, referiram estresse de alguma natureza, e destes, dez (38,4%) referiram estresse vocal. A menor referência ao estresse vocal, comparada a porcentagem de professores que relataram problemas vocais, pode estar relacionada à falta de sensibilidade na percepção dos sinais de alteração vocal ou ao excesso de tolerância a esta alteração. A alta menção a estresse mental, físico e emocional corrobora com a literatura, na qual se observa o aumento da prevalência de transtornos psíquicos nesta população devido às condições objetivas, como falta de material e ambiente físico inadequado, e subjetivas, como relações interpessoais com alunos e/ou gestores.⁹

Nota-se que 92,3% (24) referiram algum tipo de queixa relacionada à voz na profissão. A queixa de 84,6% (22) estava relacionada à necessidade de elevar a intensidade da voz devido à conversa ou indisciplina dos alunos, e/ou competição com ruídos internos e externos (Quadro).

Pesquisadores acreditam que estudando as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores, torna-se possível o desenvolvimento de um trabalho sobre a indisciplina dos alunos.²³ A redução da indisciplina poderia contribuir para a diminuição de problemas vocais, uma vez que, a indisciplina dos alunos muitas vezes conduz o professor ao aumento da intensidade vocal, e conseqüentemente ao esforço fonatório.

Quadro- Descrição da amostra quanto ao gênero, à percepção de problemas e sintomas vocais, estresse e queixas relacionadas à voz na profissão, à concepção de voz adequada, à avaliação laringológica e à participação na intervenção.

Sujeito	Gênero	Referência a problema vocal	Quantidade de sintomas referidos	Tipo de estresse referido	Queixas relacionadas à voz na profissão	Concepção de voz adequada	Hipótese diagnóstica laringológica	Intervenção		
								Participação	Justificativa	Conclusão
1	F	Sim	7	Fi,Me	1	Boa qualidade	Nódulos	Sim	-	Sim
2	F	Sim	14	Fi,Me,E,V	1	Forte	Monocordite	Sim	-	Sim
3	F	Não	5	Fi,Me,E,V	1	Nítida	Edema de Reinke	Sim	-	Sim
4	F	Não	4	Me	1	Firme	Sem alteração	Sim	-	Sim
5	F	Não	5	Fi,E,V	1	-	Sem alteração	Sim	-	Sim
6	F	Sim	6	Fi,Me,E,V	1	Grave e forte	Sem alteração	Sim	IT	Não
7	M	Sim	0	Fi,Me,E	0	Grave	Sem alteração	Sim	ENF	Não
8	F	Sim	8	Fi,Me	2	Forte	Sem alteração	Sim	ENF ENF	Não
9	F	Não	4	Não sente	-	Normal	Sem alteração	Sim	ENF	Não
10	F	Não	3	Fi,Me,E	1	Forte	Sem alteração	Sim	IT	Não
11	F	Não	4	Me, E	1	Forte	-	Sim	ENF	Não
12	F	Sim	7	Fi,Me,E,V	2	Forte	-	Sim	IT	Não
13	F	Não	2	Não sente	1	Clara	-	Sim	IT	Não
14	F	Não	0	Fi	1	Forte	-	Não	INT	-
15	F	Não	1	Fi,Me,E,V	1	Forte	-	Não	IT	-
16	F	Sim	4	Fi,Me,E,V	1	Forte	-	Não	IT	-
17	F	Sim	3	Não sente	1	Forte	-	Não	IT	-
18	F	Não	0	Não sente	1	Forte	-	Não	IT	-
19	F	Sim	3	Fi	1	Agradável	-	Não	IT	-
20	F	Sim	2	Fi,Me,E,V	1	Forte	-	Não	IT	-
21	F	Não	0	Não sente	0	Normal	-	Não	INT	-
22	F	Sim	2	Não sente	1	Forte	-	Não	IT	-
23	M	Sim	6	Fi,Me,E,V	0	Grave	-	Não	IT	-
24	F	Não	2	Me	1	Nítida	-	Não	IT	-
25	F	Sim	5	Me, E	1	Normal	-	Não	IT	-
26	F	Sim	8	Fi,Me,E,V	1	Forte	-	Não	IT	-

Legenda: F= Feminino; M = Masculino. Fi = Físico; Me = Mental; E = Emocional; V = Vocal. Na coluna “Queixas relacionadas à voz na profissão”, 0 = nenhuma dificuldade; 1= desconforto ou alteração de qualidade vocal devido à conversa ou indisciplina dos alunos e/ou competição com ruídos internos e externos; 2 = voz não audível aos alunos. IT= indisponibilidade de tempo, ENF= enfermidade do professor ou de familiar, INT= falta de interesse.

O desconforto e a alteração da qualidade da voz, gerados pelo aumento da intensidade vocal também podem estar relacionados com a concepção de voz adequada para estes profissionais. Eles acreditam que para conduzir os alunos em sala de aula sua voz deve transmitir autoridade e respeito, por isso a voz “forte”, ou seja, uma voz com *pitch* grave e *loudness* aumentada⁵, é desejada pela maioria deles. No entanto, ao tentarem modificar suas vozes, para chegarem ao padrão desejado, produzem ajustes musculares inadequados que perduram durante todo o dia de trabalho e ao final deste, encontram-se fadigados e com a qualidade vocal alterada.

Além da interferência da concepção sobre o tipo de voz adequado à profissão e da indisciplina dos alunos, o excesso de ruído interno e/ou externo nas escolas é um fator agravante. Trata-se de um fator de risco para a saúde dos professores. Além disso, o elevado nível de ruído na escola também prejudica o aprendizado dos alunos. A Norma Brasileira NBR 10.152 da ABNT⁴, preconiza que o nível de ruído em uma escola seja até 45 dBA. Estudo realizado na cidade de Piracicaba, estado de São Paulo, encontrou ruído entre 55dBA e 102dBA nas salas de aula da escola estudada.¹³ Faz-se necessária a implantação de medidas que auxiliem na redução do ruído e na melhora das condições acústicas das salas de aula.

Foram observadas alterações laríngeas em três (30%) dos dez professores que se submeteram à avaliação laringológica (Quadro). As hipóteses diagnósticas, para os professores que apresentaram alteração laríngea, sugerem disfonia organofuncional, ou seja, alterações vocais acompanhadas por lesões nas pregas vocais decorrentes de comportamento vocal alterado ou inadequado.³ Estudos recentes evidenciam a alta prevalência deste tipo de disfonia em professores.¹⁵

Treze professores (50,0%) participaram da intervenção, no entanto, apenas cinco (19,2%) concluíram-na (Quadro). Os profissionais que não participaram ou não concluíram, justificaram o não envolvimento ou a não finalização: 57,6% (15) por indisponibilidade de tempo, 15,3% (4) por enfermidade do professor ou de familiar e 7,6% (2) por não terem sentido necessidade em participar (Quadro).

⁵ Os termos *pitch* e *loudness* referem-se, respectivamente, à sensação psicofísica de frequência e intensidade da voz.

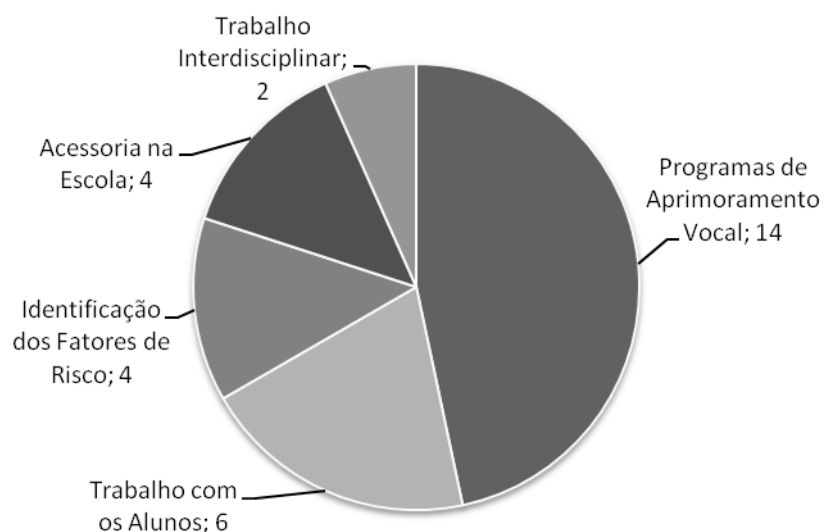
Nota-se que apesar de referirem múltiplos sintomas vocais e quase todos os professores vivenciarem ou terem vivenciado algum tipo de queixa relacionada à voz na profissão, apenas cinco concluíram a intervenção, e destes, três eram professores com alteração laríngea já instalada.

Um estudo com grupos de aprimoramento vocal para professores, realizado na Finlândia, teve como principal motivo para a não adesão à intervenção, a falta de interesse dos professores por não apresentarem alteração vocal.²⁰ Autores acreditam que a maioria dos professores só procura por ajuda, quando a alteração vocal já está impactando negativamente sua atuação.¹⁰ Pesquisadores vêm na realização de ações preventivas durante a formação profissional, uma das soluções para maior participação.^{7,18,20} Contudo, percebe-se a necessidade de intervenções que contribuam para uma maior percepção e reconhecimento da própria voz, suas variações e transformações, e para o reconhecimento da importância da voz no processo ensino/aprendizagem. No entanto, a falta de tempo, principal justificativa dos professores do presente estudo, dificulta a participação em intervenções de médio a longo prazo, se não houver o apoio do empregador.

Diante de todo este contexto, seria interessante a realização de estudos sobre as reais condições de trabalho e levantamento dos principais fatores de risco para a saúde dos professores em cada escola, para que as ações fossem direcionadas efetivamente para a prevenção e a promoção à saúde do professor.

Em relação às ações de prevenção e promoção à saúde, 56% (14) dos professores sugeriram programas de aprimoramento para a melhor utilização da voz, 24% (6) sugeriram trabalhos com os alunos, principalmente relacionado à indisciplina em sala de aula, 16% (4) dão prioridade para a identificação e a atenuação dos fatores de risco para doenças relacionadas ao trabalho, 16% (4) destacam a importância da assessoria de profissionais da equipe de saúde do trabalhador e 8% (2) sugerem atuações interdisciplinares de forma geral (Figura).

Figura- Frequência de distribuição das sugestões dos professores quanto às ações de prevenção e promoção à saúde vocal.



Quando questionados sobre as ações que poderiam auxiliá-los em relação ao uso da voz, os professores sugeriram ações que envolvem questões interdependentes do trabalho, pois têm a visão da prática docente. A maioria das sugestões não é voltada especificamente para os cuidados com voz, mas todas contribuem para a saúde vocal do professor, dado que a voz carrega elementos não apenas orgânicos, mas também psicológicos, ambientais e socioeconômico-culturais.² Este olhar multifocal evidencia que, para promover saúde ou prevenir alterações vocais em professores, não bastam atuações voltadas apenas para os cuidados com a voz, são necessárias ações que abordem os aspectos envolvidos no trabalho do professor.

Em Campinas, estado de São Paulo, a atuação multidisciplinar na disfonia relacionada ao trabalho, foi discutida por pesquisadores que acreditam na importância do trabalho conjunto. A atuação multidisciplinar mostrou-se bastante positiva, abrangente e importante, dada a multicausalidade da alteração vocal.¹⁵

Acredita-se que a notável menção dos sujeitos aos programas de aprimoramento vocal esteja enviesada, dado o respeito dos professores pelo pesquisador que esteve na escola desenvolvendo o programa.

Os resultados do presente estudo elencam a importância de ações de promoção à saúde, ou seja, ações que objetivem não apenas a saúde vocal, mas o bem-estar integral deste profissional. Ações que envolvam todos os atores envolvidos com a escola (alunos, pais, professores e gestores) buscando o bem-estar coletivo. A promoção de saúde deve envolver esforços individuais e coletivos para ir além dos fatores e das condições impostas, deve implicar na construção da capacidade de criação e luta pelo bem-estar de uma comunidade.⁵

É necessária uma atuação conjunta entre professores, pais e alunos, que faça com que a escola deixe de ser um espaço de culpabilização – do aluno por sua indisciplina ou do professor por suas práticas pedagógicas – para ser um espaço, no qual os atores envolvidos atuem juntos para a construção do saber e da cidadania. Entretanto, para que estas mudanças sejam possíveis, políticas educacionais, pedagógicas e de promoção da saúde precisam ser implantadas desde o ensino infantil.²³

Acredita-se também, na importância de ações educativas em prevenção, estruturadas de modo a mudar hábitos e aprimorar os mecanismos de produção da voz, além de estratégias de promoção à saúde que enfatizem mudanças nas condições de vida e trabalho, e apoiem à adoção de políticas públicas que incluam medidas fiscais, taxações e mudanças organizacionais.

Vê-se importância na construção de uma intervenção com toda a equipe de saúde do trabalhador, na qual cada profissional constitua práticas de sua competência. Seria interessante um trabalho de sensibilização para a importância da voz no ensino, que proporcionasse ao professor uma reflexão sobre o impacto deste instrumento de trabalho na aprendizagem do aluno e o aumento de sua sensibilidade para queixas e sintomas vocais.

Outro passo poderia ser a identificação dos fatores de risco para a saúde, por meio de visitas às escolas e observação dos professores em atividade letiva. Assim, os efeitos negativos do ambiente de trabalho, da organização do trabalho e de sua execução poderiam ser estudados, atenuados ou eliminados, quando possível.

Como complemento a esta proposta, também seria interessante a investigação de ações, como programas de aprimoramento vocal, que visam fornecer subsídios para uma produção vocal mais adequada ao uso vocal intenso, exigido pela profissão.

O professor tem consciência do importante papel que exerce na sociedade e, atualmente, carece de ações coletivas que considerem a saúde e a educação num só contexto de promoção. É de extrema importância a realização de novos estudos envolvendo outros parâmetros, maior amostra e outros desenhos metodológicos, visando gerar mais evidências e discussões na temática “saúde do professor”. Estudos sobre intervenções contextualizadas, que considerem o professor juntamente com as especificidades do contexto de desenvolvimento de seu trabalho, poderão ampliar as chances de prevenir alterações vocais nestes profissionais.

Durante muito tempo culpabilizava-se o professor pela alta prevalência de alterações vocais em sua classe profissional, hoje se sabe que tal alteração não deve ser atribuída apenas à falta de percepção, excesso de tolerância ou ao uso vocal inadequado. Fatores ambientais e organizacionais são amplamente reconhecidos como contribuintes para o desgaste vocal do professor.

Concluindo, muitos são os estudos cujo principal objetivo é a voz do professor, no entanto, este problema de saúde coletiva, infelizmente, ainda está longe de ser resolvido. Com base nos resultados do presente estudo, elenca-se para a prevenção e a promoção da saúde vocal do professor, ações multi ou interdisciplinares que o considerem em suas reais condições de trabalho: trabalhos de sensibilização para a importância da voz no ensino, identificação e atenuação de fatores de risco, programas de aprimoramento vocal e integração entre todos os atores envolvidos com a escola.

Referências

1. Araújo TM, Reis EJFB, Carvalho FM, Porto LA, Reis IC, Andrade JM. Fatores associados a alterações vocais em professoras. *Cad Saúde Pública* 2008; 24(6): 1229-1238.
2. Behlau M, Madazio G, Feijó D, Pontes P. Avaliação de voz. In: Behlau M, org. *Voz - O livro do especialista*. Rio de Janeiro: Revinter; 2004. p. 85-245. V.1.
3. Behlau M, Madazio G, Pontes P. Disfonias organofuncionais. In: Behlau M, org. *Voz - O livro do especialista*. Rio de Janeiro: Revinter; 2004. p. 295-329. V.1.
4. Brasil. Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 10.152: Níveis de ruído para conforto acústico. Rio de Janeiro; 1987.
5. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. *As cartas de promoção da saúde*. Brasília: Ministério da Saúde; 2002.
6. Brito J, Athayde M. Trabalho, educação e saúde: o ponto de vista enigmático da atividade. *Trab Educ Saúde* 2003;1(2):239-265.
7. Duffy OM, Hazlett DH. The impacto f preventive voice care programs for training teachers: a longitudinal study. *J Voice* 2004; 18(1):63-70.
8. Ferreira LP, Gianini SF, Silva EE, Karmann DF, Souza TMT. Condições de produção vocal de professores da rede do município de São Paulo. *Rev Disturb Comun* 2003; 14(2):275-308.
9. Gasparini SM, Barreto SM, Assunção AA. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educ E Pesq* 2005; 31(2):189-199.
10. Gillivan-Murphy P, Drinnan MJ, Dwyer TPO, Rdha H, Carding P. The effectiveness of a voice treatment approach for teachers with self-reported voice problems. *J Voice* 2006; 20(3):423-431.

11. Grillo MHMM. The impacto of a vocal improvement course in a speech language and hearing science prevention context. *Pro-fono Rev* 2004; 16(2):159-168.
12. Jardim R, Barreto SM, Assunção AA. Condições de trabalho, qualidade de vida e disfonia entre docentes. *Cad Saúde Pública* 2007;22(10):2439-2461.
13. Libardi A, Gonçalves CGO, Vieira TPG, Silverio KCA, Rossi D, Penteado RZ. O ruído em sala de aula e a percepção dos professores de uma escola de ensino fundamental de Piracicaba. *Rev Disturb Comun* 2006; 18(2):167-178.
14. Mattiske JA, Oates JM, Greenwood KM. Vocal problems among teacher: a review of prevalence, causes, prevention and treatment. *J Voice* 1998; 12(4): 489-499.
15. Ortiz E, Costa EA, Spina AL, Crespo AN. Proposta de modelo de atendimento multidisciplinar para disfonias relacionadas ao trabalho: estudo preliminar. *Rev Bras Otorrinolaringol* 2004; 70(5):590-596.
16. Penteado RZ, Pereira IMTB. Qualidade de vida e saúde vocal de professores. *Rev Saúde Pública* 2007; 41(2):236-243.
17. Roy N, Gray SD, Simon M, Dave H, Corbin-Lewis K, Stemple JC. An Evaluation of the two treatment approaches for teachers with voice disorders: a prospective randomized clinical trial. *J Voice* 2001; 44:286-296.
18. Roy N, Merrill RM, Thibeault S, Parsa RA, Gray SD, Smith EM. Prevalence of voice disorders in teachers and the general population. *J Speech Lang Hear Res* 2004; 47: 281-293.
19. Sapir S, Keidar A, Mathers-Schmidt B. Vocal attrition in teachers: survey findings. *European Journal of Disorders of Communication* 1993; 28:177-185.
20. Simberg S, Sala E, Tuomainen J, Sellman J, Rönnemaa. The effectiveness of group therapy for students with mild voice disorders: a controlled clinical trial. *J Voice* 2006; 20(1): 97-109.

21. Simões M, Latorre MRDO. Prevalência de alteração vocal em educadoras e sua relação com a auto-percepção. *Rev Saúde Pública* 2006;40(6):1013-1018.
22. Smith E, Gray SD, Dove H, Kirchner L, Heras H. Frequency and effects of teachers' voice problems. *J Voice* 1997;11(1):81-87.
23. Tuleski SC, Eidt NM, Menechinni AN, Silva EF, Sponchiado D, Colchon PD. Voltando o olhar para o professor: a psicologia e a pedagogia caminhando juntas. *Rev Dep Psicol* 2005; 17(1):129-137.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES GERAIS

- Faz-se necessário o desenvolvimento de intervenções (com todos os profissionais que visam à saúde e o bem-estar do trabalhador) que considerem o ponto de vista do professor sobre suas especificidades e busquem amenizar os efeitos desse trabalho sobre sua saúde e qualidade de vida.
- Os resultados do presente estudo apontam, apesar do pequeno número de sujeitos, mudanças significativamente positivas no padrão de articulação e modulação da fala, pós-programa de aprimoramento vocal. Conclui-se que, o programa desenvolvido proporcionou melhora no uso profissional da voz. É válido, portanto, aprofundarem-se os estudos procurando aplicar este programa de forma mais controlada, envolvendo um número maior de sujeitos.
- Acredita-se que para a prevenção e a promoção à saúde vocal do professor, devem ser desenvolvidas ações que o considerem em suas reais condições de trabalho. Os resultados do estudo evidenciaram a importância de ações multi ou interdisciplinares como: trabalhos de sensibilização para a importância da voz no ensino, identificação e atenuação de fatores de risco, programas de aprimoramento vocal e integração entre todos os atores envolvidos com a escola.

APÊNDICES

APÊNDICE I- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, portador do RG _____, aceito participar da pesquisa desenvolvida por Karen Fontes Luchesi, mestrande do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, sob orientação do Prof. Dr. Satoshi Kitamura. E estou ciente que:

O objetivo desta pesquisa é discutir o desenvolvimento de um programa de aprimoramento vocal para professores.

O programa de aprimoramento vocal proposto pelo presente estudo é composto por: contato com o corpo docente, direção e coordenação; avaliação laringológica; questionário auto-aplicável; intervenção preventivo-terapêutica em grupo; avaliação fonoaudiológica pré e pós-intervenção; entrevistas.

A intervenção em grupo será desenvolvida em 12 encontros semanais, com duração de uma hora e trinta minutos. Conterá orientações sobre saúde vocal e fisiologia fonatória, atividades teórico-práticas sobre: respiração, coordenação fala e respiração, intensidade vocal, expressão corporal, psicodinâmica vocal, produção vocal, tensão, articulação, velocidade de fala, modulação de frequência e intensidade, ressonância e projeção vocal, expressividade, aquecimento e desaquecimento vocal.

Serão realizadas gravações em arquivos de áudio em dois momentos, no primeiro e no último encontro do grupo, para posterior comparação.

Os professores que aceitarem participar deverão ler e assinar este termo. Os que não quiserem participar poderão continuar no programa e seus dados não serão usados na pesquisa.

Tenho a liberdade de recusar ou de retirar este consentimento em qualquer momento, sem penalização alguma, bem como buscar junto à pesquisadora responsável esclarecimentos de qualquer natureza.

Além disso, a pesquisadora garantiu-me que manterá sigilo quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, e também que minha participação não me trará riscos físicos ou morais e nem despesas financeiras.

Finalmente, declaro ter ciência de que os dados colhidos poderão vir a ser usadas para fins científicos, aqui incluídas publicações e participações em congressos, nos limites da ética e do proceder científico e idôneo.

Desse modo, declaro estar ciente e concordo em participar das gravações e intervenções necessárias para o desenvolvimento desta pesquisa. Também estou ciente de que não receberei nenhum tipo de remuneração por minha participação.

Assinatura do participante

Campinas, de de .

Karen Fontes Luchesi
(Pesquisadora Responsável)

Faculdade de Ciências Médicas
Endereço: Av. Adolfo Lutz, s/n – Cidade Universitária
13084-880 – Campinas, SP
E-mail: karen@fcm.unicamp.br
Pesquisadora Responsável: Karen Fontes Luchesi Fone: 35218813
Telefone do Comitê de Ética em Pesquisa para eventuais denúncias: (19) 35218936

APÊNDICE II- Entrevistas Transcritas

Pesquisadora (P.), Professora (A.)

P. Você gosta da voz que você tem?

A. Não, é muito fina.

P. Você acha ela adequada para o exercício da sua profissão?

A. Ela deve ser chata para as crianças ouvirem, mas eu acho que sim. Eu consigo elevar o tom quando preciso, não tenho problema, ela não falha.

P. Você sente dificuldades em relação ao uso da voz em sala de aula?

A. Acho que às vezes me canso muito, fico com a garganta doendo por ter que elevar o tom, mas não sinto dificuldade. Quando forço mais, sinto mais também.

P. Cite para mim os pontos fortes e fracos relacionados à sua voz.

A. Pontos fortes seriam mudar o tom quando eu preciso e eu consigo projetar a voz. Agora pontos fracos seriam a tonalidade que eu acho irritante e a questão de cansar, mas eu acho que tem a ver com o uso excessivo.

P. Você gosta de trabalhar como professora?

A. Muito.

P. Por quê?

A. Porque eu gosto de pensar em uma transformação social. E quando penso em transformação social, penso em ações de âmbito macro e âmbito micro. Estar com as crianças, estar na sala de aula, estar na escola é conhecer a realidade e então pensar em formas de intervir, não só no micro, mas lutar por políticas públicas apropriadas.

P. Você gosta de trabalhar nesta escola?

A. Gosto.

P. Por quê?

A. Porque, tenho bastante liberdade para fazer meu trabalho de uma maneira diferenciada como eu acho que deve ser, e tenho o apoio da diretora em especial, que é uma pessoa que admiro bastante.

P. Qual é ou quais são as suas maiores dificuldades em relação ao seu trabalho?

A. Geral?

P. Sim.

A. Bom, aí também tem a ver aqui com a escola. [Seria] a falta de organização e de trabalho coletivo, porque embora eu tenha autonomia, essa autonomia se restringe ao âmbito individual porque as pessoas não estão dispostas a trabalharem juntas. Recentemente perdi minha maior parceira, a Lavínia que saiu, então é muito ruim o trabalho solitário. Neste sentido acho que é o pior, além da estrutura, que é precária em termos de material, instrumentos e apoio, porque você acaba resolvendo tudo muito sozinha, falando em termos de gestão mesmo.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

A. Sim.

P. O que te levou a participar?

A. A primeira coisa foi por ser uma pesquisa, e como eu também faço pesquisa sei como é importante às pessoas se disporem a participar. Em segundo lugar, para conhecer um pouco mais sobre a voz, saber o que eu posso e o que eu não posso fazer, porque eu trabalho com a voz e vou continuar trabalhando para o resto da vida. É muito comum na minha profissão problemas com... não é corda vocal... como é que fala mesmo? Pregas vocais. Então, na verdade, fui na intenção de conhecer um pouco mais sobre.

P. E te acrescentou algo?

A. Sim, sempre que lembro faço alguns exercícios. Percebo que tomar água realmente melhora, embora a gente não tenha a possibilidade de tomar água toda hora aqui. Alguns conhecimentos, alguns tabus que eu acha que eram verdadeiros e foram desmistificados.

P. Quando ouviu falar sobre o trabalho, como imaginou que fosse?

A. Imaginei que fosse um pouco mais prático, a gente teve uma parte grande de teoria, que também é interessante, claro, mas achei que fosse um pouco mais prático. Achei que fossemos exercitar mais, observar mais a questão da voz, que eu fosse ter é... não sei se a palavra correta seria diagnóstico, mas que eu conseguisse identificar algumas coisas mais individuais. Achei que fosse neste sentido.

P. E foi diferente de suas expectativas quando você começou a participar?

A. Foi em partes, porque Nós não tivemos muito a questão do individual e teve a questão prática mais para o final, mas por outro lado teve a questão teórica o que achei muito interessante, porque ajudou a desmistificar esses tabus que já tinham falado.

P. Que tipo de trabalho ou intervenção você acha que seria importante ou interessante para dar um suporte ao professor em relação ao uso da voz?

A. Acho que o trabalho que você fez é interessante, mas acho também que a gente precisava conhecer um pouco mais das nossas especificidades, do lado do individual, do “diagnóstico” mesmo. Isso porque, de certa forma vou fazer coisas geral e conheço de forma geral, mas acho que eu precisaria de algo que fosse pontual.

P. Como professora, você utilizaria alguma argumentação para solicitar da gestão algum tipo de apoio (talvez financeiramente) para um programa como esse? Você tem algum argumento para solicitar um auxílio?

A. Acho que por ser uma escola do estado, não seria direcionado à direção, porque eles não têm autonomia para isso. Mas acho que seria importante tentar parceria com o estado, como eles dão aula de capacitação, e esses cursos não servem para nada, poderiam fazer algumas coisas assim: que nós pudéssemos ser dispensados para alguns encontros e trabalhar esse tipo de coisa, e é uma forma também de prevenir afastamentos por causa de problemas vocais. Na verdade, teria que ser algo diretamente com a diretoria de ensino porque a direção [da escola] não tem autonomia para isso.

Pesquisadora (P.), Professora (B.)

P. Você gosta da voz que tem?

B. Eu gosto da minha voz porque é através dela que eu me comunico com as pessoas e transmito aquilo que estou pensando. A voz é meu instrumento de trabalho, é através da minha voz que eu faço com que meus alunos me ouçam e compreendam o mundo ao redor deles. Eu acho muito importante a utilização da voz como recurso de trabalho e como um instrumento que viabiliza minhas idéias, aquilo que estou pensando. É um meio de transmissão, comunicação mesmo.

P. Você acha que sua voz é adequada para o exercício da sua profissão?

B. Eu acho que sim, mas esse curso foi muito importante para mim porque agora estou tendo um cuidado especial voltado para minha qualidade vocal.

P. Você sente alguma dificuldade em relação ao uso da voz em sala de aula?

B. Sinto sim, mas a diferença é que agora estou me policiando mais, estou prestando atenção na maneira como estou utilizando-a, são alguns erros... vou chamar assim... que eu cometia antes de começar fazer este curso.

P. E quais são essas dificuldades?

B. Por exemplo, quando a sala está muito indisciplinada, e existem barulhos externos e internos, me sinto pressionada e acabo querendo competir com todos esses sons, então forço minha voz, prejudicando-a, e isso atrapalha porque sinto fadiga.

P. Cite para mim alguns pontos positivos e negativos relacionados à sua voz.

B. Alguns pontos positivos... Eu acho que sempre fui compreendida através da minha voz, não tenho problema nenhum de compreensão. Não pela qualidade da voz, mas pela maneira pela qual eu esteja verbalizando, a má compreensão se encontra neste sentido. Ponto positivo seria que é através da voz que eu consigo me expressar. Ponto negativo, acho que seria essa falta de cuidado que eu cometia, e acho que ainda cometo, ainda preciso melhorar muito. Quanto me sinto estressada com o trabalho do dia-a-dia, acho que não tenho um aproveitamento tão grande quanto teria se eu tivesse cuidando da minha voz.

P. Você gosta de trabalhar como professor?

B. Amo.

P. Por quê?

B. Eu gosto desta profissão porque acho muito importante a transmissão de conhecimento do professor para os alunos, acho que é gratificante quando os alunos aprendem e compreendem aquilo que você tentou transmitir no seu trabalho. Acho que ser professor é uma das profissões mais lindas do mundo, é o início para a vida profissional do aluno. Acho que o professor também é um instrumento que vai auxiliar o aluno a alcançar seus objetivos futuros. Acho maravilhosa essa profissão, amo de paixão.

P. Você gosta de trabalhar nesta escola?

B. Gosto, estou aprendendo muito, é meio primeiro ano. Estou adquirindo uma experiência ímpar porque trabalho com crianças carentes, de classe social baixa e tem muitas crianças do abrigo. Estou passando por uma experiência muito valiosa, tanto a parte social, quanto a de vencer as dificuldades

do dia-a-dia que são muitas. Você vê que o nível intelectual e de escolaridade dos alunos é muito baixo, mas me sinto gratificada por poder contribuir para melhorar a vida deles, isso para mim não tem preço, estou gostando muito.

P. Você tem alguma dificuldade em relação ao seu trabalho?

B. Dificuldade com relação à voz ou no geral?

P. No geral.

B. Vou me colocar dentro da classe dos professores. Acho que dificuldades existem muitas. Desde a parte político-estrutural: salário, estrutura física da escola, apoio aos professores, o quadro de uma melhor formação profissional para os professores, porque vejo que não abasta apenas fornecer cursos, precisamos também ter recursos financeiros. Em minha opinião, eu preferia estar ganhando bem e com meu dinheiro estar aplicando em especializações e cursos do que ter esses cursos “gratuitos” dados pelo governo. Acho que muitos deles não são aproveitáveis e acontece que o professor continua ganhando pouco, trabalha dois ou três períodos e não tem tempo de se dedicar tanto quanto deveria para cada sala, para seus alunos. Acho que muita coisa precisaria ser feita, minha maior dificuldade é nessa área mesmo, político-estrutural, mas acho que com os recursos que temos estamos conseguindo fazer alguma coisa sim.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

B. Sim.

P. O que lhe levou a participar?

B. Em primeiro lugar porque acho que foi uma grande oportunidade oferecida pela Unicamp, como instituição que tem essa preocupação em formar profissionais voltados para uma educação inclusiva. Acho importantíssimo esse trabalho que vocês vêm realizando. E porque sempre tive curiosidade, sou uma pessoa que quer sempre aprender e me chamou atenção. Às vezes me sinto cansada, vejo que minha voz não está funcionando da maneira como deveria ser. Este curso me chamou atenção e quis conhecer porque é meu instrumento de trabalho, tenho que cuidar da minha voz. Acho isso importante e abracei esta oportunidade, achei muito válida.

P. Acrescentou-lhe alguma coisa este curso?

B. Muito, porque eu não tinha nenhuma noção da parte que vou chamar de técnica, sobre a voz, aprendi a me conhecer. Não sei se posso afirmar isso em todas as profissões, mas acho que nós não nos conhecemos o suficiente para compreender certos mecanismos biológicos, e a voz é um deles. Então aprendi a me conhecer um pouco mais e isso para mim é muito gratificante.

P. Quando você ouviu falar sobre o trabalho, como imaginou que fosse?

B. Imaginei mesmo que fosse um trabalho em grupo. Até me surpreendi porque, por exemplo, houve a utilização do lep top, e achei que facilitou muito a compreensão. Não imaginava que fossemos fazer o exame. Achei que foi um curso bem completo, deve desde a parte do exame até essa preocupação voltada para o conhecimento mesmo, [saber] o porquê que você está fazendo este tratamento de qualidade de voz. Achei que foi bem detalhado, bem explicado, eu gostei.

P. Então foi diferente das expectativas?

B. Foi melhor.

P. Que tipo de trabalho ou intervenção você acha que seria interessante para dar um suporte para o professor usar a voz?

B. Sempre pensei assim, não sei se é utopia ou não, mas acho que a escola deveria ter profissionais como: fonoaudiólogo, mas presente dentro da escola, e psicólogo. Acho que o psicólogo também poderia auxiliar muito na parte de tensão emocional. Porque acredito que a voz está relacionada com isso também, apesar dos exercícios que são importantes, todo professor também deveria ter o encaminhamento de uma avaliação psicológica, voltada para o seu conhecimento interno, acho que seria importante.

P. E você teria algum argumento para pedir para delegacia de ensino apoiar esse tipo de programa?

B. O dia-a-dia seria meu maior argumento, de todos os professores, porque eu entrei agora, é meu primeiro ano, entrei com aquela vontade e não me sinto cansada. Eu tenho vontade, quero fazer e vou atrás dos trabalhos, agora, eu percebo que colegas de trabalho que estão na rede estadual há muito tempo reclamam muito porque o nível de estresse é muito alto, salário baixo... Então, vejo que a motivação dos professores é muito baixa e isso deveria ser trabalhado, e acho quem pode trabalhar é o psicólogo.

Pesquisadora (P.), Professora (C.)

P. Você gosta da sua voz?

C. Gosto.

P. Por quê?

C. Acho lindo, porque falo meio nordestino.

P. Você acha que sua voz é adequada para o exercício da profissão?

C. Não.

P. Por quê?

C. As pessoas dizem que eu falo muito baixo e para dentro.

P. Quando você dava aula você sentia alguma dificuldade em relação ao uso da voz em sala de aula?

C. Não, nenhuma.

P. As pessoas falam que eu falo baixo.

P. Cite para mim alguns pontos positivos e alguns negativos relacionados à sua voz.

C. Positivo, eu transmito muita calma e muita paz. Negativo é que as pessoas não me entendem.

P. Você gosta de trabalhava como professora?

C. Gostava.

P. Por quê?

C. Porque eu me realizo com as crianças, me realizo com meu trabalho. No começo do ano havia muito trabalho aqui, mas chegava ao final do ano eu via que tinha produzido alguma coisa, que todas as crianças estavam lendo e escrevendo, é satisfatório ver que você conseguiu passar alguma coisa para um ser humano.

P. E você gosta de trabalhar como vice-diretora?

C. Gosto.

P. Por quê?

C. Porque eu escolhi a profissão certa, tudo que se relaciona com educação eu gosto.

P. E você gosta de trabalhar nesta escola?

C. Amo.

P. Por quê?

C. Porque eu a conheço e faz 17 anos que eu trabalho aqui.

P. Você encontra alguma dificuldade em relação ao seu trabalho de maneira geral?

C. Não.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

C. Sim.

P. O que te levou a participar?

C. Esse problema que tenho na voz, de ser baixo e incompreensível.

P. Quando você ouviu falar sobre o trabalho, como imaginou que fosse?

C. Pensei que fosse uma terapia como... Veja bem, quando meu filho era pequeno teve que fazer fono e eu acompanhava-o nas terapias, eu via que a profissional colocava o dedo na boca dele, borracha, mandava mastigar, pensei que fosse mais ou menos assim.

P. Foi diferente das suas expectativas?

C. Bom, eu não conhecia muito esse lado, mas acho que estava dentro das minhas expectativas.

P. Que tipo de trabalho ou intervenção você acha que seria importante para dar um suporte para o professor quanto ao uso da voz?

C. Acho que as terapias mesmo, como aquelas que você passou para a gente, de exercícios, de postura, de intervenção, de prevenção...

P. Como professora e vice-diretora, você utilizaria algum argumento para solicitar um apoio da delegacia de ensino para realização deste tipo de trabalho?

C. Para as crianças sim. Eu diria que muitas crianças não são alfabetizadas porque não conseguem falar direito e muitas não conseguem ouvir. Muitas crianças não aprendem porque não sabem ouvir, até escutam, mas não têm o exercício de concentração. Acho que essas suas terapias envolvem muita concentração também.

P. E em relação à voz do professor?

C. Tem professor que fala muito alto e isso incomoda as crianças e os vizinhos. No meu caso, que estou de costas para as salas [de aula], me incomoda demais. Principalmente as professoras da tarde me incomodam, de vez em quando eu vou lá saber o que está acontecendo, porque elas gritam demais.

P. O que você achou do programa e da forma como ele foi oferecido aos professores?

C. Foi um programa de muita valia. A participação da A. e da N., o quanto elas aprenderam, se colocaram, se policiaram. Elas falavam “eu grito e eles gritam mais”, no momento que elas começaram a ver que não é o grito que faz com que elas sejam ouvidas, acho que foi um aprendizado bem legal. Isso, nós que somos professores mais velhos, sabe que quanto mais alto você fala, mais alto as crianças falam também. A gente passa isso para os professores, mas santo de casa não faz milagre, precisou você vir para falar.

P. Você acha que existiria alguma forma de conseguirmos maior participação dos outros professores?

C. Acho que se você fizer um trabalho de divulgação e falar “olha eu estou aqui para ajudar vocês, quero que coloquem para mim os seus anseios, suas preocupações, a postura de vocês em sala de aula”, isso tudo estou falando em relação à voz.

P. Você tem alguma sugestão, alguma modificação em relação ao programa?

C. Não. Só quero dizer que foi ótimo. Tinha coisa ali que eu sabia um pouquinho porque acompanhava meu filho nas terapias quando era pequeno.

P. Acrescentou-lhe alguma coisa?

C. Acrescentou a postura, os exercícios que eu não sabia aquele da língua, à gente até faz brincando com o filho, com o neto, no meu caso. Você faz isso, mas não sabe que você está brincando e fazendo exercício ao mesmo tempo, eu não sabia que esse estalinho era exercício. O meu filho gosta de mexer com musica e via muito ele fazendo isso, antes eu dava risada porque não sabia para que fosse aquilo, e hoje eu já entendo.

Pesquisadora (P.), Professora (D.)

P. Você gosta da sua voz?

D. Gosto, acho que ela tem um tom forte. Mas ando perdendo muito [a voz], ficando muito rouca. Gosto do “som” da rouquidão, mas incomoda um pouco ficar rouca. Às vou falar alguma coisa, falar mais alto ou gritar e não sai.

P. Você sente que sua voz é adequada para o exercício da sua profissão?

D. Sim, acredito que sim.

P. Você sente alguma dificuldade em relação ao uso da voz em sala de aula?

D. Só quando ficou rouca que fica mais difícil.

P. E quando você fica rouca?

D. Geralmente quando eu saio ou ficou no sereno, amanheço rouca. Se eu falo muito alto durante a semana toda, quando chega o final de semana estou mais rouca.

P. Cite alguns pontos positivos e alguns negativos em relação à sua voz.

D. Acho que é uma voz forte e tem um tom legal, o único problema é a rouquidão, que vem sendo constante e às vezes fico meio limitada para falar algo ou fazer algo.

P. Você gosta de trabalhar como professora?

D. Adoro.

P. Por quê?

D. Porque eu acho que é desgastante, mas muito gratificante, principalmente a alfabetização. Aí usa mais ainda a voz, porque trabalho muito o fônico, mostrando o som das palavras e das letras. Então, acho que é uma profissão gratificante, gosto de criança, adoro brincar e pular.

P. E você gosta de trabalhar nesta escola?

D. Gosto porque é tranqüila, as classes são pequenas. As crianças têm dificuldades como em qualquer outro lugar, mas é bem pequeno o número de crianças e você fica a vontade para fazer o seu trabalho, então não tenho nada contra.

P. Quais são as dificuldades que você encontra no seu trabalho, no geral?

D. Não vejo dificuldades, acho que temos uma expectativa de querer ensinar, de querer que aprendam e nem todos vão aprender do jeito que você gostaria. Mas depois de tantos anos a gente consegue entender que uma criança é diferente da outra e cada uma tem o seu tempo. Outra dificuldade que temos é o material pedagógico, falta folha sulfite, falta Xerox. Falta bastante apoio de material pedagógico, não pedagógico.

P. Você participou do grupo de aprimoramento vocal?

D. Não.

P. Por quê?

D. Por causa do horário da outra escola. Trabalho em outra escola à tarde, tenho que estar lá meio dia e quarenta e cinco e trabalho até cinco e meia. E no início do ano também estava fazendo faculdade à noite, está sendo inviável.

P. Existiria alguma coisa que poderíamos fazer para ajudá-la a participar?

D. Se bater com meus horários não tem problema nenhum.

P. Quando você ouviu falar sobre o grupo de aprimoramento vocal, como você imaginou que fosse?

D. Não imagino porque não fiz.

P. Mas quando você ouviu falar, imaginou alguma coisa?

D. Não. Nunca tive um trabalho assim, só uma vez que fiz um teste de trabalho da voz. Então, não sei como seria, nem o que foi passado.

P. Que tipo de trabalho você acha que seria interessante para dar um apoio para os professores usarem a voz em sala de aula?

D. Acho que orientar mesmo, o que é bom, o que ruim, o que você pode fazer. Por exemplo, ingerir muita água acho que é legal. Mais é orientar mesmo.

P. Você como professora, utilizaria alguma argumentação para pedir apoio à delegacia de ensino para esse tipo de trabalho?

D. Sim, claro. Tudo que for bom para nós e para as crianças. Porque isso também vai ajudar as crianças, porque um professor sem voz vai prejudicá-los. A argumentação é a saúde do professor, trabalhar a saúde toda do corpo, isso inclui a voz, uma necessidade que o professor tem é voz, não tem outro argumento.

Pesquisadora (P.), Professora (E.)

P. Você gosta da sua voz?

E. Nunca tive nada contra só acho ela muito baixa em certas situações.

P. E você acha que ela é adequada para o desempenho da sua profissão?

E. É porque trabalho com poucos alunos, se fosse trabalhar com uma classe maior não seria.

P. Você sente dificuldades relacionadas ao uso da voz em sala de aula?

E. Não, não porque são poucos.

P. Cite para mim alguns pontos positivos e alguns negativos relacionados à sua voz.

E. Positivo é que ninguém reclama que falo alto e negativo é que às vezes as pessoas não escutam o que falo e pedem para repetir.

P. Você gosta de trabalhar como professora?

E. Gosto.

P. Por quê?

E. É a minha vocação.

P. Você gosta de trabalhar nesta escola?

E. Gosto.

P. Por quê?

E. Porque aqui já tenho meu espaço, estou aqui faz alguns anos e já tenho meu espaço.

P. Você tem alguma dificuldade relacionada ao seu trabalho, no geral?

E. Agora que eu me lembre não. Não me lembro de nada.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

E. Eu comecei, mas não pude dar continuidade.

P. Por quê?

E. Porque minha mãe se machucou e eu tinha que cuidar da minha mãe.

P. Quando você ouviu falar sobre o trabalho, como você imaginou que fosse?

E. Na minha imaginação era mais ou menos por aí mesmo. Que a gente ia fazer uma sondagem, um conhecimento, das formas incorretas que estávamos utilizando a voz e íamos aprender a trabalhar isso com exercícios e algumas coisas para melhorar e prevenir.

P. E foi diferente das suas expectativas?

E. Não, eu fiz muito pouco, mas enquanto eu estive estava indo dentro do que eu imaginava que ia ser.

P. Que tipo de trabalho você sugeriria para dar um suporte em relação a voz do professor?

E. Eu não sei, não tenho idéia. Acho que toda escola deveria ter o trabalho de uma fono, e que esta fono atendesse não só os professores como toda a clientela escolar. Dando este suporte para as dificuldades que forem surgindo, às vezes tem professor que perde a voz, professor que fica muito rouco. Eu acho importante a presença de uma fono dentro da escola.

P. E você teria algum argumento para justificar esse apoio à delegacia de ensino, por exemplo?

E. É importantíssimo, para a prevenção, pois o professor vai tirar menos licença. Em termos de aluno, vai detectar uma série de coisas que vai facilitar o processo de aprendizagem da criança.

Pesquisadora (P.), Professora (F.)

P. Você gosta da sua voz?

F. Eu gosto, acho que ela é firme, não sei te explicar, mas acho-a firme.

P. Você acha que sua voz é adequada para o exercício da profissão?

F. Acredito que sim.

P. Você sente alguma dificuldade em relação ao uso da voz em sala de aula?

F. Geralmente não, só quando dobra muito e acarreta acumulo no final do ano. Mas aí aglomera tudo, não seria só a voz, entra o cansaço físico e mais um monte de coisas. Aí dá um tipo de estafa, um cansaço.

P. Cite para mim os pontos fortes e fracos relacionados à sua voz.

F. Acredito que por minha voz ser firme, toda sala de aula que eu entro, acabo dominando, acho que isto acontece pela firmeza da voz. Agora ponto negativo, se a criança for muito pequenininha pode até causar um pouco de medo. Porque falo alto e é a tonalidade da minha voz.

P. Você gosta de trabalhar como professora?

F. Adoro minha profissão.

P. Por quê?

F. Não sei me realizo profissionalmente. Gosto de estar no meio de crianças, gosto de conversar, gosto de estar no meio de professores. Gosto do dia-a-dia [da profissão].

P. E você gosta de trabalhar nesta escola?

F. Gosto muito.

P. Por quê?

F. Identifiquei-me do pessoal daqui, as crianças são bem carinhosas, carismáticas. Todo mundo aqui é bem acolhedor então acho a escola aconchegante, não sei explicar, sei que gosto.

P. E quais são as dificuldades que você tem relacionada ao seu trabalho?

F. Não saberia te dizer agora.

P. Como professora, no geral, você encontra alguma dificuldade?

F. No momento eu não saberia te dizer, não estou conseguindo focar uma.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

F. Participei.

P. O que te motivou a participar?

F. Acho que os encontros, a troca de experiências, aprender coisas novas. Pela maneira de aprendermos a conduzir o dia-a-dia, de como usar a voz, essa parte mesmo que está totalmente relacionada à nossa profissão.

P. E te acrescentou alguma coisa?

F. Muito, nós aprendemos a nos disciplinar um pouco mais. Bastante aprendizado, exercício da voz, em tudo foi muito bom.

P. Quando você ouviu falar sobre o trabalho, como imaginou que fosse?

F. Não tinha uma idéia de como seria.

P. Foi diferente das suas expectativas?

F. Não, foi muito boa, foi bem melhor do que a gente podia imaginar, até pelas dinâmicas. Foi divertido, a gente aprendeu de uma forma divertida algumas coisas que para nós era novidade.

P. Que tipo de trabalho ou intervenção você acha que seria importante para dar um suporte para o professor quanto ao uso da voz?

F. Acho que o exercício vocal mesmo, aqueles exercícios que fomos aprendendo no decorrer do curso.

P. Como você acha que poderia ser desenvolvido um trabalho para ensinar esse tipo de coisa?

F. Não saberia te dizer, acho que dando mais esses cursos. Passando de escola em escola, fazendo disso uma oficina, passando de escola em escola e propagando porque muitas pessoas não têm consciência disso. Acho que só estando perto e convivendo para poder conseguir.

P. Você teria algum argumento para solicitar um apoio da delegacia de ensino para realização deste tipo de programa, para ajudar mais pessoas participarem?

F. O argumento é a educação vocal, é ter essa disciplina, essa consciência da voz, porque tudo isto é usado no dia-a-dia. Ajuda tanto o professor, quanto o aluno, pois o professor estando bem, automaticamente o aluno vai estar bem.

Pesquisadora (P.), Professora (G.)

P. Você gosta da sua voz?

G. Eu gosto, acho que tem um tom agradável e não é ruim.

P. Você acha que sua voz é adequada para o exercício da profissão?

G. Eu acho que sim, não falta voz não. A gente que abusa de vez em quando dela, mas não falta não.

P. Você sente alguma dificuldade em relação ao uso da voz em sala de aula?

G. Sim, com certeza. Os alunos costumam falar demais, falar alto demais, e à vezes você tem que exceder o tom da voz para se fazer ouvir. Isto incomoda e atrapalha, acho que se o nível de ruído fosse menor a voz também estaria num tom melhor.

P. Cite para mim os pontos fortes e fracos relacionados à sua voz.

G. Negativo é só o cansaço quando termina a aula. Positivo? Não sei. O que seria positivo de voz?

P. Na sua voz, o que você acha que é bom, legal, que é um ponto forte?

G. Não sei, acho que um tom de voz que dá para ser ouvido num ambiente não muito grande. Mas nada muito específico.

P. Você gosta de trabalhar como professora?

G. Gosto muito.

P. Por quê?

G. Foi à profissão que escolhi, é uma coisa que gosto de fazer. Gosto de estar com as crianças, gosto de ver modificações neles, vendo o crescimento deles, acho que isso é importante. Para quem decide atuar na profissão, acho que este é o caminho.

P. E você gostam de trabalhar nesta escola?

G. É o primeiro ano que estou nesta escola e gostei daqui. Escolas não são muito diferentes [umas das outras], todas as escolas que passei até hoje, teve uma escola que trabalhei por dez anos seguidos. Todas têm os mesmos problemas, aqui é como qualquer outra, mas eu gosto.

P. Você tem alguma dificuldade relacionada ao trabalho que você tem feito?

G. Acho que as mesmas dificuldades que todos. Problema salarial, problema que valorização da escola por parte de pais e alunos. Muitos vêm aqui porque a mãe manda, a mãe obriga, e por isso não têm interesse e acabam prejudicando os outros. Tem muito aluno bom, aluno disposto a trabalhar, mas acho que a escola obrigatória para todos faz com que as pessoas estejam obrigatoriamente aqui, inclusive as que não estão a fim de estarem aqui, e isso atrapalha o bom andamento da sala.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

G. Não, não participei.

P. Por quê?

G. Porque o horário que eu teria que estar aqui era o horário que pego meus filhos na escola. Então, não teria como eu ficar.

P. Existiria alguma forma de ajudar para que você pudesse participar?

G. Teria que se pensar bem por causa de horário, as disponibilidades de horário para mim não batiam, não tinha jeito.

P. Quando você ouviu falar sobre o trabalho, como imaginou que fosse?

G. Eu li o projeto. Quando você passou, eu dei uma lida e imaginei que fosse exatamente isso. Não sabia detalhes de como aconteceria, mas sabia mais ou menos como iria ser.

P. Que tipo de trabalho ou intervenção você acha que seria importante para dar um suporte para o professor quanto ao uso da voz?

G. Eu acho que o trabalho que você desenvolveu com as professoras é importante, só não deu para participar.

P. Você teria algum argumento para solicitar um apoio da delegacia de ensino para realização deste tipo de programa?

G. É complicado porque acho que este tipo de apoio cada um tinha que buscar o seu. Pela delegacia de ensino, eu não sei, acho que eles não dão muito valor a isto não.

Pesquisadora (P.), Professora (H.)

P. Você gosta da sua voz?

H. Sim.

P. Por quê?

H. Porque eu acho que o tom dela é viável em algumas ocasiões. Eu consigo controlar meu tom de voz.

P. Você acha que sua voz é adequada para o exercício da profissão?

H. Sim, como falei antes. Quando quero falar alto eu consigo e quando quero manter eu também consigo.

P. Você sente alguma dificuldade em relação ao uso da voz em sala de aula?

H. Às vezes sim, depende da atividade que estamos trabalhando.

P. E quais são estas dificuldades?

H. Pela conversa [dos alunos]. Às vezes, por mais que eu fale alto, a bagunça deles está pior e é impossível eu ficar alterando e alterando.

P. Cite para mim os pontos fortes e fracos relacionados à sua voz.

H. Positivo é o que te falei, que eu consigo controlar. Agora um negativo que acho que faz mal para minha voz é o gelado e o cigarro, acho que eles influenciam muito.

P. Você gosta de trabalhar como professora?

H. Adoro. Acho que estou me realizando a partir do momento que consigo transmitir para uma criança alguma coisa que aprendi.

P. E você gosta de trabalhar nesta escola?

H. Sim, estou aqui há uma semana e graças a Deus não tenho problema. Peguei a classe de uma professora que foi exonerada.

P. Por quê?

P. E quais são as dificuldades que você encontra relacionadas ao seu trabalho?

H. Não. Em algumas escolas o ser professor é entrar na sala de aula, fechar sua porta e dar sua aula, você não tem apoio, mas aqui eu não senti isso. Às vezes você precisa de material, tem escola que têm falta de material.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

H. Não.

P. Por quê?

H. Não sabia, eu não estava aqui.

P. E você teria interesse em participar?

H. Dependo do horário e da data.

P. Quando você ouve falar sobre um trabalho de voz, como você imagina que é?

H. Acho que é trabalhado o tom da sua voz e como você pode aprender a utilizá-lo melhor.

P. Como você acha que poderia ser desenvolvido este trabalho?

H. Acho que em vários encontros e fazendo exercícios com a voz.

P. O que te ajudaria a participar de um trabalho assim?

H. O horário e a data.

P. O seria bom para você?

H. Um período diferente do meu horário de aula.

P. Que tipo de trabalho ou intervenção você acha que seria importante para dar um suporte para o professor quanto ao uso da voz?

H. Acho que é isso que falei. O exercício que é passado para tentarmos controlar o nosso tom de voz e não desgastá-lo tanto assim.

P. Como professora você teria algum argumento para solicitar um apoio da delegacia de ensino para realização deste tipo de programa?

H. Eu acho assim, é viável? É. Então, a delegacia poderia não somente trazer cursos para nós de matemática, língua portuguesa, história e geografia, acho que estes cursos também são muito importantes. Porque não adianta nada ela passar o que temos que trabalhar e o nosso tom de voz não ser trabalhado. Meu argumento é este, tem a mesma finalidade de um curso na área de matemática e língua portuguesa.

Pesquisadora (P.), Professora (I.)

P. Você gosta da sua voz?

I. Eu amo minha voz.

P. Por quê?

I. Acho que tenho um domínio sobre ela, por isso que amo, mas procuro não extrapolar.

P. Você acha que é adequada para o exercício da profissão?

I. Acho que sim. Acho que tenho dado conta do recado há mais de 25 anos.

P. Você sente alguma dificuldade em relação ao uso da voz em sala de aula?

I. Não.

P. Cite para mim os pontos fortes e fracos em relação ao uso da voz.

I. Positivo é na acomodação e até no controle da sala. Eu espero, fico aguardando eles terminarem de falar, porque se for competir com eles vou perder. Eu vou gritar, gritar, gritar e gritar e cada vez que eu falar mais alto eles também vão falar mais alto, isso é uma coisa negativa. E a positiva é o treino deles aprenderem a falar baixo e prestarem atenção quando eu bato palma. Prefiro bater palma ou fazer um outro gesto, como fechar a mão, para que eles parem de falar.

P. Você gosta de trabalhar como professora?

I. Eu amo.

P. Por quê?

I. Amo criança, não consigo viver longe delas. O que eu mais gosto é faixa etária dos seis anos até a alfabetização, nove e dez anos. A alfabetização vai ao longo do tempo, mas nesta faixa etária, até os dez, 12 anos.

P. E você gosta de trabalhar nesta escola?

I. Eu adoro.

P. Por quê?

I. Acho que aqui tem uma química, alguma coisa que você chega e não quer sair. Observo também pelas colegas, a gente não quer sair daqui.

P. Você tem alguma dificuldade em relação ao seu trabalho?

I. Não. Sinto falta de um tempo maior, tenho vontade de ter às 24 horas do dia para poder realizar tudo que tenho vontade de fazer. Acho que isso é a única coisa que fico em débito.

P. Porque seu trabalho consome muito seu tempo?

I. Não, é porque eu tenho vontade de realizar um trabalho. Por exemplo, no ano passado eu adorei o que fiz, porque tudo que programei, todos meus objetivos, eu consegui [alcançar].

P. No trabalho?

I. No trabalho. Agora este ano, acho que o tempo passa muito rápido nas salas, num instante termina a aula e você nunca termina numa aula só o que você havia programado, tem que ser mais de uma aula para você terminar.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

I. Sim.

P. O que te levou a participar desse programa?

I. Acho que eu precisava conhecer um pouco mais da minha voz, começou daí. [Pensei:] gostaria de ver como realmente eu estou, como estou passando e posso me ajudando em relação a isso. Acho que foi um curso, um trabalho muito que bom, no qual vim aprender muito, foi só crescimento.

P. E o que te acrescentou?

I. Acho que começa do auto-controle, apesar de já ter o que eu falei anteriormente, aprender a controlar, a trabalhar com as crianças o que é importante no desenvolvimento da fala, mesmo porque eu trabalho com bebês. No berçário foi uma coisa fora de sério, até os pais perceberam alguma mudança no desenvolvimento da voz dos filhos deles. Então, ajudou tanto a mim como às crianças com o que trabalhei com elas.

P. Quando você ouviu falar sobre o trabalho, como imaginou que fosse?

I. Eu achava que era uma coisa bem teórica, e não o que realmente aconteceu. Porque foi bem prático, muito prático, achava que era alguma coisa mais escrita, com perguntas, [igual] aos cursos que estamos acostumadas a fazer e não na prática como foi esse.

P. Então foi diferente das suas expectativas?

I. Foi, foi muito diferente.

P. Que tipo de trabalho ou intervenção sugeriria para dar um suporte para o professor usar a voz?

I. Você fala na sala de aula?

P. É, o que te ajudaria?

I. Acho que aprimorar um pouco mais estes exercícios que fizemos, porque me ajudou bastante.

P. Que argumentos você usaria para solicitar um apoio da delegacia para os professores participarem deste tipo de programa?

I. Levaria o que eu construí, tanto na teoria quanto na prática, mostrando para eles como foi o trabalho aqui [na escola], que foi mais na prática do que na teoria, mas um complementando o outro.

Pesquisadora (P.), Professora (J.)

P. Você gosta da sua voz?

J. Eu gosto.

P. Por quê?

J. Não vejo nada de especial, mas eu gosto da minha voz. Apesar de achar ela muito estridente.

P. Você acha que sua voz é adequada para o exercício da profissão?

J. Eu acho que é, porque professor não pode falar muito baixinho.

P. Você sente alguma dificuldade em relação ao uso da voz em sala de aula?

J. Para não falar que eu nunca senti, eu senti umas duas vezes porque eu tomo pouca água. No período da tarde eu dou aula para o ciclo II, que são muito falantes por serem adolescentes, e como tomo pouca água, senti a “garganta” seca e ardeu umas duas vezes, mas não sinto muita dificuldade não.

P. Cite para mim os pontos fortes e fracos relacionados à sua voz.

J. Negativo: é ser um pouco estridente, positivo: é ser um tom de voz alto, porque eu acho que o professor tem que se impor e ter um tom acima da conversa dos alunos. Não pode ser aquela coisinha baixa, se você chama a atenção muito baixinho eles nem... Então acho que tem que ser um tom firme.

P. Você gosta de trabalhar como professora?

J. Eu gosto muito.

P. Por quê?

J. Foi a profissão que eu escolhi realmente, desde pequena eu brincava de professora. Eu realmente escolhi uma profissão que... Amo muito que faço, eu gosto, dou aula por amor.

P. Você gosta de trabalhar nesta escola?

J. Muito

P. Por quê?

J. Porque eu me identifiquei muito com a escola e com meus alunos. Eu substituí uma professora por dois meses, então peguei muito amor nas crianças. Vi a transformação deles, era uma classe muito agitada, eu vi a mudança, fui tentando trabalhar com a auto-estima deles que estava bem baixa. É difícil trabalhar com a auto-estima baixa, então eu fui elevando. A gente faz oração, é uma coisa muito, consegui um trabalho muito bom. Tive muitos elogios aqui e isso é gratificante.

P. Qual é a maior dificuldade que você tem relacionada ao seu trabalho? Você tem alguma dificuldade?

J. Não. No começo eu estranhei um pouco, porque minhas aulas a tarde são do ciclo II, 5^a, 6^a. e 7^a. série, estranhei um pouco por eles serem adolescentes, gosto mais de criança pequena. Identifico-me mais com crianças de 1^a. a 4^a. série, então sempre pegava no ciclo II como eventual, fiquei

insegura. [Pensei:] e agora como vai ser? Porque as aulas [aqui] eram minhas mesmo, fiquei meio insegura, mas passou. Agora está super bem, a gente acostuma se adéqua, não tem problema.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

J. Não.

P. Por quê?

J. Foi aquele que você expôs para nós? Então, foi porque quando você expôs terminou a licença [da professora que estava substituindo], foi só até as férias que fiquei aqui. Em agosto já não voltei mais, aí não tive oportunidade em outro lugar.

P. E o que te ajudaria ou te motivaria a participar?

J. Eu acho interessante, mas como já sabia que não ia continuar [na escola] nem fiz muita força para ver como seria. Eu estava naquela reunião que você falou que o pessoal ia fazer os exames. Então não sei mais coisas, por causa disso, sabia que eu não ia estar aqui e o trabalho era feito aqui na escola.

P. Quando você ouviu falar sobre esse trabalho, como imaginou que fosse?

J. Imaginei que fosse um treinamento, porque a grande maioria dos professores reclama que têm problema de voz, de “calo” nas pregas vocais, porque usa muito a voz. Imaginei que fosse um treinamento das cordas vocais, do tom de voz. A gente força muito às vezes, além do que pode.

P. E você sugeriria alguma atividade, algum trabalho que acha importante para dar um suporte para o professor?

J. Não, porque, não sei direito como é o trabalho de uma fono. Eu não...

P. Mas e para você, o que você acha que seria importante?

J. Não sei. Talvez um treino para não vir a ter algum problema no futuro de repente.

P. Como professora você teria algum argumento para solicitar um apoio maior da delegacia de ensino para poder participar de um programa assim?

J. A cada dia nós escutamos que professores tiveram que entrar de licença por problemas nas cordas vocais, por ficar muito afônico, por dor de garganta. Acredito que isso seja a maneira não adequada de usar a voz, tem que ser uma coisa mais observada. Porque fazendo um treinamento ou vendo onde está o problema, tenho a impressão que isto diminuiria.

Pesquisadora (P.), Professora (K.)

P. Você gosta da sua voz?

K. Sim.

P. Por quê?

K. Não é um tom muito alto nem muito baixo, é razoável.

P. Você acha que sua voz é adequada para o exercício da profissão?

K. Sim.

P. Por quê?

K. Porque eu não grito com eles, eu converso normal. Então, acho que não tem problema nenhum.

P. Você sente alguma dificuldade em relação ao uso da voz em sala de aula?

K. Não.

P. Cite para mim os pontos fortes e fracos relacionados à sua voz.

K. Acho que não tem nada.

P. Não tem nenhum ponto fraco?

K. Não acho que é tudo igual.

P. Você gosta de trabalhar como professora?

K. Sim.

P. Por quê?

K. Porque sempre gostei de crianças, desde pequenininha, gosto de ensiná-los.

P. Você gosta de trabalhar nesta escola?

K. Sim.

P. Por quê?

K. As crianças são amorosas e os pais compreendem o trabalho da gente.

P. Quais são as maiores dificuldades que você encontra relacionadas ao seu trabalho?

K. Dificuldade com alunos que têm problemas. Dificuldade para ensinar alunos que têm problemas comprovados pelo médico, você começa ensinar, mas eles têm dificuldade para memorizar as letras, os números...

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

K. Não.

P. Por quê?

K. Porque à tarde, às vezes, eu tenho alguns compromissos e não dava para participar.

- P. E o que te ajudaria ou te motivaria a fazer esse programa?
- K. Por enquanto acho que não dá mesmo, por causa do tempo.
- P. Mas você teria interesse?
- K. Acho que agora não, no momento não.
- P. Quando você ouviu falar sobre esse trabalho, como imaginou que fosse?
- K. Acho que seria para quem tem dificuldades para conversar com as pessoas ou dificuldades para controlar o tom de voz, seria para melhorar.
- P. Que tipo de trabalho ou intervenção você acha que seria interessante para dar um suporte para o professor usar a voz em sala de aula?
- K. Seria um acompanhamento, uma vez por ano... Alguém que acompanhasse o [professor].
- P. Como professora você teria algum argumento para solicitar que a delegacia de ensino apóie um trabalho de voz com os professores?
- K. Acho que seria tipo um conselho na escola, as pessoas responderem um questionário e a diretora mandar para diretoria ver se aprova.

Pesquisadora (P.), Professor (L.)

P. Você gosta da sua voz?

L. Sim, considero uma voz tranquila.

P. Você acha que sua voz é adequada para o exercício da profissão?

L. Sim, porque eu acho que nós precisamos ter um tom de voz grave e a minha voz eu considero grave, as crianças conseguem ouvir legal, tem um tom considerável.

P. Você sente alguma dificuldade em relação ao uso da voz em sala de aula?

L. Não sinto não, eu acho que consigo atingir um tom legal de voz e as crianças conseguem ouvir.

P. Cite para mim os pontos fortes e fracos relacionados à sua voz.

L. O tom grave da voz, uma voz forte, acho que seria um ponto positivo. Não sei te falar o que é negativo, porque na verdade, é muito difícil eu ter uma variação de voz.

P. Você gosta de trabalhar como professor?

L. Amo essa profissão.

P. Por quê?

L. Porque acho que é um ponto de partida onde você inicia um trabalho de educação mesmo. Você educa o ser humano para o exercício da cidadania, trazendo conhecimentos novos, onde o aluno pode interagir com o mundo. Eu gosto sim, bastante.

P. Você gosta de trabalhar nesta escola?

L. Gosto, amo esta escola.

P. Por quê?

L. Porque é uma equipe fantástica, para o que você precisar está todo mundo pronto para te acolher, desde a direção até os professores, o corpo docente todo. Não tenho do que reclamar, gosto muito.

P. Você tem alguma dificuldade em relação ao exercício do seu trabalho?

L. Acho que a dificuldade não é pedagógica, é uma questão de recursos. Os recursos materiais ficam a mercê, não pela escola, mas pelo próprio sistema educacional e governamental da secretaria. Acho que falta capacitação mais precisa.

P. Que tipo de recurso falta?

L. De materiais mesmo, por exemplo, hoje a sala [de informática] precisaria ter ar condicionado. Por causa dos computadores que aquecem, o ambiente que já é quente, então as crianças entram, começam falar, esquentam mais ainda. Os computadores esquentam muito e acho que as crianças, em alguns momentos, têm até uma variação de temperatura (dentro e fora da sala). Não sei se isso é vantajoso, se é prejudicial à saúde das crianças. Acredito que precisa, é o mais necessário hoje.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

L. Não. Do seu projeto? Não participei por falta de tempo. Eu estava em outro emprego e não tinha tempo, mas achei interessante.

P. Existiria alguma coisa que poderia te ajudar a participar?

L. É a questão do horário. Mas tinha que estar de acordo com todas as pessoas, e como eu era o único que o horário não batia, ficou por isso mesmo.

P. Quando você ouviu falar sobre esse trabalho, como imaginou que fosse?

L. Imaginei que seria um estudo, no qual cada um passaria a conhecer sua própria voz e seu mecanismo, e poderia melhorar na questão de exercícios vocais.

P. O que você acha que seria importante, interessante, para dar um suporte para o professor usar a voz?

L. Acredito que seria necessária a continuação do projeto, porque pelo que ouço dos amigos que estiveram com você, todos gostaram. Acredito que existe a necessidade de um acompanhamento vocal, pois nós trabalhamos com a voz. Eu não tenho uma variação na voz, mas tem colegas que têm. Não só a questão da voz, muitas vezes irrita a “garganta”. Então como trabalhar com isso? Seria um diferencial nessa parte. Acho interessante sim.

P. Como professor você teria algum argumento para solicitar um apoio maior da delegacia de ensino para esse tipo de programa?

L. Acho que era necessário direcionar as oficinas de capacitação com mais recursos. Multimídia na minha área, com mais frequência. Assistir mais de perto o projeto, fazendo visitas nas escolas, porque acho que isso é precário, eles não vêm. Visitar, olhar o trabalho, dar um suporte técnico na própria sala de informática, acho que é o que falta.

P. E você teria algum argumento para pedir um apoio para um tipo de trabalho de voz que ajudasse vocês na sala de aula?

L. Acho que a diretoria de ensino, não só nesta escola, mas em toda rede, se preciso for, aprimorar esse trabalho. É um trabalho que facilita muito a vida do professor, a partir das técnicas e do conhecimento dele. Às vezes a gente não sabe, eu mesmo tive um problema no ouvido e tive alguns mitos. Comecei a ficar meio neurótico porque eu não sabia o que estava acontecendo comigo por falta de conhecimento. Então, é interessante você conhecer a sua voz, saber como funciona, quais são os mecanismos, o que você pode fazer para melhorar sua voz, porque o professor trabalha com a voz, que é de extrema importância.

Pesquisadora (P.), Professora (M.)

P. Você gosta da sua voz?

M. Gosto.

P. Por quê?

M. Bom, às vezes dá algum probleminha na voz, mas gosto. É um tom bom, um timbre bom, no meu serviço dá para trabalhar legal com eles. A única coisa, é que às vezes, eu fico um pouquinho rouca.

P. Você acha que sua voz é adequada para o exercício da profissão?

M. Sim.

P. Você sente alguma dificuldade em relação ao uso da voz em sala de aula?

M. Às vezes sim. Quando eu tenho que falar um pouquinho mais alto com eles eu fico rouca. Como tenho a fenda não sei se é isso que influência.

P. Cite para mim os pontos fortes e fracos relacionados à sua voz.

M. Positivo, que o timbre da minha voz é bom para trabalhar com as crianças. Negativo é que quando eu falo mais alto ela fica rouca.

P. Você gosta de trabalhar como professora?

G. Gosto.

P. Por quê?

M. Foi à profissão que escolhi, desde pequena sempre brincava de professora e é um sonho meu que estou realizando.

P. E você gosta de trabalhar nesta escola?

M. Gosto, tanto por causa do pessoal, dos profissionais que eu trabalho junto, quanto por causa dos alunos que eu já conheço também.

P. Você tem alguma dificuldade relacionada ao trabalho no geral?

M. Não.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

M. Como você?

P. Isso.

M. Não.

P. Por quê?

M. Porque eu estava fazendo um curso e não dava certo o horário.

P. Você teria interesse em participar?

M. Teria se desse certo. Acho que eu ia educar mais minha voz, saber fala no tom certo, os exercícios que eu não sei [fazer] eu iria aprender antes de entrar na sala de aula. Acho que esses seriam pontos legais para serem trabalhados.

P. Como poderíamos fazer para te ajudar a participar?

M. Então, precisava ver porque como não sou efetiva não sei o que vai acontecer ano que vem. Precisava ver o horário para ver se não tem curso junto, os dias...

P. Quando você ouviu falar sobre o trabalho, como imaginou que fosse?

M. Então, os exercícios para voz, a educação no tom, de falar alto ou baixo.

P. Você tem alguma sugestão de algum trabalho ou intervenção você acha que seria importante para dar um suporte para o professor usar a voz?

M. Não seriam os exercícios também? Relacionados à altura da voz do professor, acho que seriam os pontos mais...

P. Como professora você teria algum argumento para solicitar um apoio da delegacia de ensino para realização deste tipo de trabalho?

M. Eu tenho o atestado do problema que tenho na voz e como a usamos muito em sala de aula acho que eles deveriam abrir um espaço para esse tipo de curso com os professores, acho que todo mundo precisava fazer esse tipo de trabalho.

Pesquisadora (P.), Professora (N.)

P. Você gosta da sua voz?

N. Às vezes eu acho meio fina e baixinha demais, mas normal, não tenho nenhum [problema].

P. Você acha que sua voz é adequada para o exercício da profissão?

N. Acho que não, mas fiz um pouco de teatro e com os exercícios que a gente aprendeu no curso eu tento melhorar. É bem diferente quando falo com os amigos e quando estou falando na sala, dando aula, tento usar melhor a voz.

P. Por que você acha que não é adequada?

N. Porque eu acho que é muito baixa e às vezes muito fina.

P. Você sente alguma dificuldade em relação ao uso da voz em sala de aula?

N. Sim, principalmente quando estou nervosa. Quando a gente tem que fazer muita coisa ao mesmo tempo na sala com as crianças é difícil não recorrer à alteração da voz, falar mais e tal, porque eles são bem mais que a gente e dão trabalho.

P. Cite para mim alguns pontos positivos e alguns negativos relacionados à sua voz.

N. Positivo é que todo mundo comenta que [minha voz] passa uma certa tranquilidade e acabam associando com alguma segurança. E negativo acho que é isso de falar baixo às vezes.

P. Você gosta de trabalhar como professora?

N. Adoro.

P. Por quê?

N. Primeiro, eu gosto muito de trabalhar como professora de criança, pelo contato, pela possibilidade de interferir, de provocar, de estimular e de ajudar, de trabalhar na criação, na formação do ser humano. E também gosto de trabalhar com adultos, com palestras, mas nessa perspectiva de formação. De trabalhar com conhecimento sistematizado, de divulgar, de debater, de discutir...

P. E você gostava de trabalhar lá na escola?

N. Gostava, mais pelas crianças e pela parceria que alguns professores foram estabelecendo. Eu, a A. e até a O., os trabalhos que fazíamos. A gente sempre fazia teatro com as crianças e era muito legal, tinha um bom retorno. A dinâmica da escola era mais complicada por conta de ser de período integral e ter professores de vários níveis, várias concepções de educação. Não conseguíamos ter um trabalho coletivo, o que é realmente importante para a sala de aula, porque acaba refletindo no processo. Também acho que faltava um pouco de coordenação, de discussão teórica, enfim, se pudéssemos nos voltar para o trabalho prático em sala de aula, mas que tivesse uma reflexão também, um aprofundamento, não ficar só no senso comum.

P. Conta um pouco sobre o porquê de você ter saído.

N. Da escola? Eu saí porque saiu à bolsa [de doutorado] e não podia pedir licença porque ainda não tinha o tempo necessário, entrei em 2006 no Estado, aí tive que pedir exoneração, mas foi só por isso.

P. E quais são as dificuldades em relação ao seu trabalho como professora?

N. Como professora... Eu acho que no ensino fundamental com as crianças a dificuldade está nas condições de trabalho. É muito difícil ser professora em escola pública, no Estado, é muito difícil você não ter Xerox, não ter um vídeo, quer dizer, a gente tem sala de vídeo, tem alguns recursos, mas não chegam nem perto do que gostaríamos. Levamos um ano e pouco para ter a sala de informática funcionando. Aí tem a questão da internet, o que adianta, no mundo de hoje, você ter computador e não ter internet? Então, o trabalho acaba ficando muito na condição física, psicológica e de boa vontade do professor. Se o professor é comprometido, tem uma concepção de educação legal, aí a turma vai e você consegue trabalhar, senão acaba ficando complicado. Se você for ver as condições reais e concretas de trabalho... A gente pega uma 2ª. série que as crianças não têm concepção de letras, não conseguem escrever o nome, [por exemplo], cinco sabem ler e escrever, é complicado. É difícil colocar no professor a ênfase e toda a responsabilidade da ação educativa. Não tem trabalho coletivo, e isso não é política pública, isso é que é pior não que o professor não tenha que trabalhar e ser comprometido, mas o Estado colocar neles a responsabilidade da educação eu acho que não está certo.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

N. Participei.

P. O que te levou a participar?

N. Estava curiosa para saber, um pouco para conhecer mais sobre a voz, o uso da minha própria voz e também para poder usar no trabalho, no dia-a-dia e na sala de aula.

P. Você conseguiu concluir com os grupos?

N. Não, exatamente por conta das condições de trabalho da escola. Vai chegando uma hora, principalmente nos bimestre, de semestre e de ano é uma correria danada.

P. O que você acha que atrapalhou mais a continuar o trabalho?

N. Eu não me lembro bem, mas parece que nas últimas parece que o [coordenador] não estaria, houve desencontros de horários e agendas. O coordenador tendo que fazer um curso “não sei aonde” e a gente com mil coisas para dar conta. Acho que foi isso.

P. Quando você ouviu falar sobre o trabalho, como imaginou que fosse?

N. Como imaginei? Acho que não imaginei. Fiquei com a expectativa que pudéssemos conhecer melhor a voz, acho que isso foi cumprido.

P. Foi diferente das suas expectativas?

N. Foi melhor eu acho. Várias técnicas eu não conhecia, eu e a Ana ficávamos treinando, foi legal.

P. Que tipo de trabalho ou intervenção você acha que seria importante para dar um suporte para o professor quanto ao uso da voz?

N. Eu acho importante focalizar o professor nas condições de trabalho dele. Talvez deveriam existir duas ações, a primeira seria essa que fizemos mais voltadas para o professor, para o uso e para a técnica. Mas acho que seria legal também, talvez vídeo-gravar ou conversar com o professor, ou então registrar em diário de campo uma situação do professor usando a voz em sala de aula. Porque aí acho que conseguiríamos ter uma dimensão da dificuldade que o professor enfrenta todos os dias e de como acaba sendo esta questão da voz. Porque, quando eu estava falando de como o Estado tem trabalhado com o professor, e quando eu falo que o Estado tem colocado a responsabilidade no

professor, é no físico também, e aí entra a questão da voz. Não é a toa que os professores adoecem, não é a toa que eles têm problemas sérios. Minha mãe foi professora a vida toda e hoje ela tem uma voz rouca. Acho que focar um pouco essas condições de trabalho dá uma outra dimensão. Talvez também seja possível desenvolver técnicas mais contextualizadas.

P. Como professora, você utilizaria algum argumento para solicitar um apoio da delegacia de ensino para realização deste tipo de programa, para ajudar mais pessoas participarem? Quais pontos você citaria para mostrar que esse tipo de trabalho precisa ser feito?

N. Uma coisa legal que a gente fez, foram os exames. Deu para ver a dimensão da coisa, porque eu acho que os professores não têm muita dimensão disso. De como é o aparelho biológico, como funciona e de como pode ser prejudicial à gente de qualquer jeito. O argumento principal é que isso é um instrumento de trabalho, acho que a palavra é o instrumento do professor por excelência, a gente fala o tempo todo. Isso é importante, a questão da informação, da clareza, a gente está fazendo isso o tempo todo, intervindo certa forma com as crianças. Também acho que deveria ser realizado um trabalho com as crianças, elas vêm gritando muito e isso é uma questão de educação que traz conseqüências para a voz do professor.

Pesquisadora (P.), Professora (O.)

P. Você gosta da sua voz?

O. Não.

P. Por quê?

O. Porque acho muito fina. Às vezes fico meio rouca, aí começo a gostar, acho bonito.

P. Você acha que sua voz é adequada para o exercício da profissão?

O. Não, é muito baixa.

P. Você sente alguma dificuldade em relação ao uso da voz em sala de aula?

O. Tenho. Às vezes preciso falar alto e minha voz não alcança a altura que precisa.

P. Cite para mim os pontos negativos e os pontos positivos relacionados à sua voz.

O. Positivo: é que minha voz muito tranqüila e calma. O negativo: é que ela é muito fina e muito baixa, então às vezes atrapalha porque não consigo chegar à altura que os alunos falam, minha voz é muito parecida com a voz das crianças. É a mesma altura e o mesmo tom, às vezes eles conseguem falar mais alto que eu, e se tem 25 falando mais alto minha voz não aparece na sala, às vezes eu preciso colocar ordem e não consigo.

P. Você gosta de trabalhar como professora?

O. Gosto.

P. Por quê?

O. Porque tenho paixão por ensinar. Não sei o que seria de mim sem ensinar. A única parte negativa que eu acho é a indisciplina dos alunos. Tirando a indisciplina e a agressividade, porque eles são extremamente violentos aqui neste bairro, a parte de ensinar e ver a progressão dos alunos, ver que eles estão aprendendo através de você é muito bom e muito gratificante.

P. E você gosta de trabalhar nesta escola?

O. Mais ou menos, porque eles ficam o dia inteiro, as crianças ficam extremamente agitadas, chega quinta-feira elas não querem mais saber de nada porque elas estão desde segunda o dia inteiro. Tem também a questão do bairro, é um bairro meio violento e sem muita estrutura familiar.

P. Quais são maiores dificuldades que você encontra em relação ao seu trabalho?

O. Já falei um pouco, é a falta de participação dos pais, falta de motivação dos alunos por ficarem o dia inteiro na escola, a indisciplina e o salário é muito baixo. Ganhamos à mesma coisa que profissionais que completaram a 8ª. série, e eu fiz faculdade para ser professora.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

O. Não.

P. Por quê?

O. Porque eu estava tirando carta para moto e as aulas eram justo de quinta, aí eu perdi três [encontros com o grupo] e pensei: “agora não tem mais porque eu continuar”.

P. Quando você ouviu falar sobre o trabalho, como imaginou que fosse?

O. Eu queria ter participado porque eu preciso melhorar minha voz. Imaginei que fosse um treinamento com orientações sobre como usar a voz da maneira certa.

P. Que tipo de trabalho ou intervenção você acha que seria importante para dar um suporte para o professor usar a voz em sala de aula?

O. Eu acho que pela falta de tempo que temos para estar num curso poderia ter apostilas para lermos e consultar. E também ter uma pessoa disponível, por exemplo, uma fonoaudióloga disponível para recorrermos a qualquer momento.

P. Como professora você teria algum argumento para solicitar um apoio da delegacia de ensino para realização deste tipo de trabalho?

O. Sim, Por exemplo, este ano já fiquei cinco vezes sem voz, fico rouca direto, [hoje mesmo] minha voz não está normal, estou meio rouca. Isso só acontece em período de aula, em período de férias eu não fico rouca.

P. Então, você utilizaria este argumento.

O. Provavelmente recolheria os atestados e declarações de médicos.

Pesquisadora (P.), Professora (Q)

P. Você gosta da sua voz?

Q. Eu acho que minha voz é um pouco baixa. Quando eu comecei, falava super baixo, hoje percebo que ela aumentou um pouco o nível, mas acho que continua baixa.

P. Você acha que sua voz é adequada para o exercício da profissão?

Q. Quando vai chegando a tarde eu sinto uma fraqueza na voz. Sabe quando você está com fome, eu sinto isso em relação à voz. Ela vai abaixando de nível, quando chega a tarde eu falo bem baixinho e não quero falar muito.

P. E além dessa dificuldade você sente alguma outra em relação ao uso da voz em sala de aula?

Q. Não.

P. Cite para mim os pontos negativos e os pontos positivos relacionados à sua voz.

Q. Negativo é o fato de ela ir diminuindo, mas se eu precisar aumentar, dar um grito por exemplo, ela volta ao normal e depois volta a ficar fraca.

P. E os pontos positivos?

Q. Eu não tenho rouquidão.

P. Você gosta de trabalhar como professora?

Q. Gosto.

P. Por quê?

Q. Na verdade eu fiz pedagogia, mas não tinha intenção de vir para a sala de aula, mas tinha um problema pessoal, quase entrei em depressão e foi aí que entrei na sala de aula. Isso ajudou na minha vida pessoal. Eu gosto mesmo.

P. E você gosta de trabalhar nesta escola?

Q. Eu gosto desta escola, trabalho em outras também. No começo senti muita dificuldade porque sempre trabalhei em escolas da região mais central e aqui é bem periferia. Sentia muita dificuldade com as crianças no começo. Hoje, já estou acostumada a trabalhar com eles, porque é muito diferente.

P. O que você achou diferente?

Q. O comportamento, o nível de conhecimento...

P. Quais são maiores dificuldades que você encontra em relação ao seu trabalho?

Q. Hoje, é o comportamento dos alunos, a indisciplina.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

O. Não.

P. Por quê?

Q. Porque não sou efetiva, às vezes estou em outra escola, pego outra substituição. Foi questão de horário mesmo.

P. Você teria interesse em participar?

Q. Se o horário fosse compatível, sim.

P. O que motivaria, o que te ajudaria a participar?

Q. Acho que entender melhor como usar a voz, acho que às vezes a gente usa de modo errado na sala de aula, ou fala muito alto, acho que isso deve prejudicar.

P. E qual seria um horário bom para você?

Q. Seria na parte da noite.

P. Você dá aula em mais de uma escola.

Q. Este ano trabalhei em três, nessa e em mais duas.

P. Quando você ouviu falar sobre o trabalho, como imaginou que fosse?

Q. Primeiro achei uma boa iniciativa, porque trabalho em outras escolas e nunca vi esse tipo de trabalho nelas. Vi como um ponto positivo para os professores.

P. Como professora o que você sugere, qual trabalho você acha que seria interessante para dar um suporte para o professor usar a voz em sala de aula?

Q. É que eu não conheço o programa. Não sei como foi.

P. Mas você acha que teria uma atividade que seria legal para te ajudar?

Q. Alguns exercícios de voz, talvez.

P. Como professora você teria algum argumento para solicitar um apoio da delegacia de ensino para algum trabalho como esse, para ajudar que a maioria dos professores participasse?

Q. Eu já vi vários professores serem afastados por dificuldades de voz, acho que esse seria um argumento. Vários professores afastados por rouquidão ou vários outros motivos.

Pesquisadora (P.), Professora (R.)

P. Você gosta da sua voz?

R. Gosto.

P. Por quê?

R. Ela é meio forte, acho que para minha profissão essa voz é legal, meio grave.

P. Você acha que sua voz é adequada para o exercício da profissão?

R. Sim, porque como eu disse, ela é meio forte e eu preciso dessa voz para a galerinha me ouvir, para eu falar, dar aula... Acredito que minha voz ajuda bastante.

P. Você tem alguma dificuldade em relação ao uso da voz em sala de aula?

R. Não, às vezes altera um pouquinho. Por exemplo, este ano eu tinha 34 alunos bem falantes, às vezes eu tinha que alterar um pouco minha voz para eles me ouvirem, mas era só o tempo de eles perceberem que eu estava falando e pronto, já acalmava e eu já abaixava o tom da minha voz.

P. Cite para mim os pontos positivos e os pontos negativos relacionados à sua voz.

R. Como eu já disse, o positivo está no fato de dar aula mesmo, acho que o tom da minha voz é legal para trabalhar em sala de aula. E negativo? Em relação ao trabalho?

P. Sobre sua voz.

R. Por exemplo, eu gosto de cantar, às vezes acho que minha voz não é legal para o canto, mas assim brincando... karaokê...

P. E em relação ao trabalho tem algum?

R. Não, não percebo. Acredito que minha voz é legal para dar aula.

P. Você gosta de trabalhar como professora?

R. Muito.

P. Por quê?

R. Primeiro, porque é muito gratificante trabalhar com crianças, eu gosto muito. E pela afetividade, trabalhar com crianças tem um afeto mútuo e é muito legal.

P. E você gosta de trabalhar nesta escola?

R. Gosto, estou aqui há dois anos.

P. Por quê?

R. Acho que é o ambiente, os professores, a direção, gosto muito dos alunos, estou trabalhando com eles há dois anos. Ano passado peguei a 3^a. série, este ano peguei a 4^a., então a maioria dos alunos é a mesma e o vínculo criamos é muito legal.

P. Você tem alguma dificuldade em relação ao seu trabalho?

R. Você viu, eu sou deficiente, então às vezes o pessoal me pergunta [se tenho problema] para subir e descer escadas. Eu não vejo problema porque eu nasci deficiente e não vejo isso como uma dificuldade, mas como algo que tenho que superar sempre. E os alunos são “show”, me ajudam o tempo inteiro, às vezes até demais, e [tenho que dizer:] “Não gente pode deixar que a ‘pro’ se vira”. Então, não vejo dificuldade não.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

R. Não

P. Por quê?

R. Com você? Este ano? Não, por causa do horário, não tinha como. Tenho duas filhas pequenas e a tarde elas ficam sozinhas, e para não deixá-las sozinhas não pude fazer, mas gostaria muito.

P. Existiria alguma forma de te ajudar a participar?

R. É complicado, tenho duas meninas pequenas, por enquanto não dá. Não tenho como deixá-las sozinhas por muito tempo.

P. Quando você ouviu falar sobre esse trabalho, como imaginou que fosse?

R. Não sei, talvez algum exercício de voz para sabermos como utilizá-la da melhor forma possível. Acredito que seja mais ou menos por aí.

P. Que tipo de trabalho você acha que seria interessante para dar um suporte para o professor usar a voz em sala de aula?

R. Talvez dicas de como usar melhor a voz, dicas de alimentação ou até mesmo trabalhando em sala de aula, por exemplo, às vezes eu acho que falo muito alto na sala por causa dos alunos. De repente dicas que nos ajude neste sentido.

P. Como professora você teria algum argumento para solicitar um apoio da delegacia de ensino para algum trabalho como esse, para ajudar que a maioria dos professores participasse?

R. Com certeza, eu percebo que muitos professores têm problema de voz. Eu ainda não, eu acho que não, mas é a tendência e percebo que muitos professores têm esse problema. Acredito se tiver algum acompanhamento, alguma dica para nos ajudar neste sentido seria muito interessante sim.

Pesquisadora (P.), Professora (S.)

P. Você gosta da sua voz?

S. Não tenho nada contra.

P. Por quê?

S. Acho que às vezes ela poderia ser um pouco mais nítida.

P. Você acha que sua voz é adequada para o exercício da profissão?

S. Mais ou menos.

P. Por quê?

S. Porque eu dou aula em campo livre, educação física, e às vezes tenho que forçar muito para falar.

P. Você tem alguma dificuldade em relação ao uso da voz em sala de aula ou em quadra?

S. Em quadra, às vezes um pouco por ser muito aberto.

P. Tem que forçar muito?

S. Forçar muito, falar mais alto...

P. Cite para mim os pontos positivos e os pontos negativos relacionados à sua voz.

S. Positivo: é porque eu falo. Negativo: porque às vezes ela não é tão nítida.

P. Você gosta de trabalhar como professora?

S. Gosto.

P. Por quê?

S. Porque eu acho que a educação é à base de tudo. Eu me realizo ajudando um pouco.

P. E você gosta de trabalhar nesta escola?

S. Amo trabalhar nesta escola.

P. Por quê?

S. Porque a direção é presente, a gente pode contar. Com os professores também, a gente pode contar a qualquer momento, somos bem unidos.

P. Você tem alguma dificuldade em relação ao seu trabalho?

S. Não, no trabalho não, só mesmo na voz.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

S. Participei.

P. E o que te levou a participar?

S. Achei muito interessante, eu gosto da área de fono. Acho que estamos sempre aprendendo, achei muito legal a parte de relaxamento. Acho que isso deveria continuar, ajudaria os professores a relaxar mais.

P. E você ganhou alguma coisa, te acrescentou algo este programa?

S. Lógico, muito.

P. O quê?

S. Quando estou com algum problema na “garganta” ou quando estou com a voz alterada faço os exercícios que você ensinou.

P. Quando você ouviu falar sobre esse trabalho, como imaginou que fosse?

S. Na verdade eu não imaginei.

P. Você tinha alguma expectativa?

S. Não, eu simplesmente resolvi participar porque acho que é sempre legal aprender.

P. Você tem alguma sugestão de trabalho você acha que seria interessante para dar um suporte para o professor usar a voz em sala de aula?

S. Vários, a presença de uma fono trabalhando essa parte de relaxamento, que achei muito legal. E também, uma psicóloga ajudando a entender melhor a situação na qual nos encontramos.

P. Como professora você teria algum argumento para solicitar um apoio da delegacia de ensino para algum trabalho como esse, para ajudar que a maioria dos professores participasse?

S. Não sei se resolveria toda escola, inclusive a direção, fazer um ofício e encaminhá-lo aos superiores, não sei qual seria o caminho.

Pesquisadora (P.), Professora (T.)

P. Você gosta da sua voz?

T. Não.

P. Por quê?

T. Acho muito fanhosa.

P. Você acha que sua voz é adequada para o exercício da profissão?

T. Acho, mas às vezes falta um pouquinho. Às vezes a gente tem que falar mais alto, ela vai abaixando e eu vou perdendo-a. Mas já fiz exames e não tenho nenhum problema, o problema é que eu tenho rinite, e isso atrapalha um pouquinho a voz.

P. Você tem alguma dificuldade em relação ao uso da voz em sala de aula ou em quadra?

T. Às vezes, quando tem que exceder um pouquinho, mas não tenho muito problema.

P. E quais são estas dificuldades?

T. Dificuldades quando eu quero um pouco mais de disciplina na sala de aula e a tenho que elevar a voz para eles nos ouvirem.

P. Cite para mim os pontos positivos e os pontos negativos relacionados à sua voz.

T. Ponto positivo é que por eu falar mais baixo dá um ar de serenidade dentro da sala de aula. Um ponto negativo é quando tem que exceder a voz e às vezes ela acaba falhando.

P. Você gosta de trabalhar como professora?

T. Gosto.

P. Por quê?

T. Porque foi à profissão que eu sempre quis e eu consegui.

P. E você gosta de trabalhar nesta escola?

T. Gosto de trabalhar pela integração que eu encontrei aqui com os outros profissionais.

P. Você tem alguma dificuldade em relação ao seu trabalho?

T. Não.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

T. Não, eu não pude participar porque neste dia nós tínhamos um curso e também porque eu amamento, então dá aquele horário eu tenho que ir para casa amamentar minha filha.

P. E agora o que poderia te ajudar a participar do programa?

T. Ajudar a aprimorar e utilizar melhor a minha voz.

P. E para você conseguir participar?

T. É o horário.

P. Quando você ouviu falar sobre esse trabalho, como imaginou que fosse?

T. Eu imaginei que você fosse fazer uma sondagem, e com os resultados dessa sondagem poderíamos aprender a utilizar melhor a voz.

P. Que tipo de trabalho você sugeriria para dar um suporte para o professor usar a voz em sala de aula?

T. Acho que deveria ter um profissional, uma fonoaudióloga, dentro da unidade escolar. Para ajudar tanto os funcionários quanto os alunos, que é clientela.

P. Você teria algum argumento para solicitar um apoio da delegacia de ensino para esse tipo de trabalho?

T. Sim, argumentos nós temos, mas é difícil conseguir.

P. E quais seriam esses argumentos?

T. Argumentos de que tenha um profissional dentro da escola para ajudar, tanto a clientela quanto os funcionários.

Pesquisadora (P.), Professora (U.)

P. Você gosta da sua voz?

U. Eu gosto.

P. Por quê?

U. Porque eu acho que canto bem e minha voz é bonita, só que eu perdi uma parte do agudo da minha voz dando aula. Por exemplo, quando vou cantar algumas músicas minha voz não sai.

P. Você acha que sua voz é adequada para o exercício da profissão?

U. Acho.

P. Você tem alguma dificuldade em relação ao uso da voz em sala de aula?

U. Não.

P. Cite para mim os pontos positivos e os pontos negativos relacionados à sua voz.

U. Positivo: é que eu tenho uma entonação da voz, acho que as crianças conseguem me escutar bem, eu falo com clareza. Negativo: eu tenho um cansaço no final dos meses nos quais as atividades exigem mais. Por exemplo, no mês de junho, que é mês de festa junina, têm ensaio todos os dias e eu uso muito mais a voz, no final da semana eu sinto um cansaço, fico mais cansada para falar, minha “garganta” às vezes dói e eu fico até um pouco rouca.

P. Você gosta de trabalhar como professora?

U. Gosto.

P. Por quê?

U. Porque eu gosto de ensinar, gosto de passar para as crianças o que eu sei. Eu gosto da profissão.

P. E você gosta de trabalhar nesta escola?

U. Nesta escola ainda não dá para responder, estou só há um ano e ainda estou avaliando. Tem muitas coisas que eu não gosto e outras que eu gosto muito, por exemplo, o espaço físico da escola é fantástico, tem material, porque em algumas escolas você não tem espaço nem material e aqui não falta. Eu não gosto da organização geral da escola, das informações, acho que falta mais orientação, não tem muita clareza nas reuniões de HTPC, não tem pautas definidas, não tem tempos estipulados, ficam reuniões perdidas. Isso cansa um pouco no trabalho, é disso que eu não gosto.

P. Você tem alguma dificuldade em relação ao seu trabalho, no geral?

U. Acho que no Estado a gente esbarra na falta de acesso a Xerox, por exemplo. Se você quer desenvolver uma outra atividade tem que usar o mimeógrafo, aí a escrita não fica clara para as crianças, fica tudo borrado. Acho que ainda falta essa coisa da informática, do Xerox para ficar um papel claro, bonito e apresentável.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

U. Não.

P. Por quê?

U. Porque eu não tenho tempo, os horários que foram estipulados eu não podia.

P. E o que te motivaria a participar do programa?

U. Acho que até fiquei motivada a participar, não foi por falta de motivação, é que os horários realmente não dão, porque eu não trabalho só nesta escola. Trabalho em outros lugares, também tenho meu trabalho de casa e meu filho. Então, foi mais os horários mesmo.

P. Quando você ouviu falar sobre esse trabalho, como imaginou que fosse?

U. Imaginei que fôssemos aprender a usar melhor a voz, usá-la de maneira mais adequada, porque muitas vezes temos que falar alto e, falar alto não é gritar. Muitas vezes a gente grita, acho que até deve ter uma maneira especial de gritar que eu poderia ter aprendido. Acho até que deixei de aprender alguma coisa que seria legal para mim e para minha saúde.

P. Que tipo de trabalho você sugeriria para dar um suporte para o professor usar a voz em sala de aula?

U. Acho que não tenho sugestão, porque nunca fiz, o único trabalho de voz que fiz foi no teatro, quando a gente fazia. Mas era mais uma coisa para palco, não era uma coisa para aula, para o dia-a-dia. Penso que deveríamos ter alguma coisa para o dia-a-dia mesmo, para as situações de aula. A pessoa que fosse passar para gente as informações deveria ter a experiência de sala de aula para conhecer as nossas necessidades e então poder nos auxiliar.

P. Você teria algum argumento para solicitar um apoio da delegacia de ensino para esse tipo de trabalho? Para os professores poderem participar mais efetivamente.

U. Acho que o argumento principal é que a voz é um instrumento de trabalho do professor, sem a voz não há professor. E pelo que eu conheço de professores, temos colegas já com problemas gravíssimos de voz e que durante o ano as coisas foram se agravando por falta de conhecimento de como usar essa voz. Acho que seria um investimento na saúde do professor, é um investimento legal, porque o próprio Estado paga pelo afastamento de professores devido ao problema de voz, e não é só na escola estadual, nas particulares também existem muitos professores. Mais ou menos no mês de outubro a gente tem muitos afastamentos, é um mês que a voz está se esgotando mesmo, está chegando na reta final e muita gente fica afastada, de licença saúde por causa da voz.

Pesquisadora (P.), Professora (V.)

P. Você gosta da sua voz?

V. Ah, eu gosto.

P. Por quê?

V. Acho que ela tem um tom agradável, tenho uma boa dicção, as pessoas me compreendem ao ouvir o que eu falo.

P. Você acha que sua voz é adequada para o exercício da sua profissão?

V. Eu tenho um timbre de voz bem forte, então acho que é adequada sim.

P. Você enfrenta alguma dificuldade em relação ao uso da voz em sala de aula ou em quadra?

V. Eu trabalho mais em sala de aula, então em alguns momentos o tom de voz tem que ser bem alterado, dependendo da atividade e da situação. E também, eu trabalho em duas escolas, uso a minha voz o dia todo.

P. Quais seriam as suas dificuldades?

V. É mais no período da tarde, muitas vezes eu tenho que aumentar o tom de voz para ter controle de alguma situação ou de alguma atividade.

P. E você sente alguma coisa quando altera o tom da voz?

V. Não, não sinto, mas eu também cuido, bebo bastante água durante o dia e todo dia como uma maçã.

P. Cite para mim os pontos positivos e os pontos negativos relacionados à sua voz.

V. Positivo acho que já falei, que é ter um tom de voz adequado e uma boa dicção. Agora negativo eu não sei o que falar. Porque por enquanto ela não falha, acho que o negativo seria que algumas vezes tenho que alterar o tom de voz para me comunicar com as crianças.

P. Você gosta de trabalhar como professora?

V. Gosto.

P. Por quê?

V. Porque foi à profissão que eu escolhi, a que eu me adequo. Estudei para isso e é onde eu me realizo.

P. E você gosta de trabalhar nesta escola?

V. Gosto.

P. Por quê?

V. Em primeiro lugar porque nós temos uma direção e a escola está muito bem dirigida. Depois, tem também o grupo das pessoas que trabalham comigo nas oficinas, que é um grupo que está muito homogêneo e nos entendemos bem. E a clientela de 1ª. a 4ª. série que é a minha especialização.

P. Você tem alguma dificuldade em relação ao seu trabalho, no geral?

V. O que atrapalha muito a gente são questões relacionadas à atitude, limites, respeito a regras, porque ainda tem crianças que não respeitam. Na educação acho que isso é o que está pesando mais hoje, os limites e as regras, eles têm que saber até onde podem ou não ir, só que todo mundo tem que falar a mesma língua e agir da mesma maneira.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

V. Não.

P. Por quê?

V. Por conta do tempo que ele foi oferecido e eu não pude participar

P. E o que te motivaria a participar do programa?

V. Se surgisse alguma deficiência, se fosse detectado algum problema na minha voz aí teria que cuidar dela, porque dependo dela para trabalhar.

P. Quando você ouviu falar sobre esse trabalho, como imaginou que fosse?

V. Imaginei que depois que houve uma triagem, as pessoas que estivessem com algum problema iam passar por um acompanhamento.

P. Que tipo de trabalho ou intervenção você sugeriria para dar um suporte para o professor em relação à voz?

V. Eu acho que teria que ser desde a pré-escola escola, trabalhando com essas crianças regras e limites, para essa postura continuar. Por que não adianta, eles entram aqui na 1ª. série e aí você trabalha 1ª., 2ª., 3ª. e 4ª. série, então eles vão embora e para de trabalhar isso, porque a gente sabe que para. Teria que globalizar todo mundo...

P. Então você acha que seria interessante um trabalho com as crianças.

V. Encima de regras e respeito.

P. Como isso ajudaria?

V. Nós economizaríamos a voz para falar, saber ouvir, eles sabem falar. Para eles ouvirem você tem que se expressar demais até conseguir que eles ouçam. É o saber ouvir que atrapalha, eles não sabem, isso precisaria melhor desenvolvido, mas desde a pré-escola.

P. Você teria algum argumento para solicitar um apoio da delegacia de ensino para esse tipo de trabalho?

V. Aí eu acho que teria que casar todas as secretárias, municipais e estaduais e todos os professores falarem a mesma linguagem.

P. Que tipo de coisa você acha que poderia falar para conseguir este apoio?

V. Aí eu não sei. Todo mundo tem que agir da mesma maneira, mas isso não acontece. Por exemplo, na escola particular tem pré-escola, fundamental I e II e ensino médio, o que acontece, é um seguimento, um segue o outro. Então o que se faz na pré-escola se faz no fundamental I, se faz no fundamental II e no ensino médio, é a mesma postura, são as mesmas regras. Então, as crianças por conta do sistema elas continuam na mesma escola, já aprenderam que tem que ser daquele jeito. Agora, na rede pública e na municipal, acontece que a criança faz a pré-escola num lugar, depois vai para outro, depois para outro e vai trocando. Acho que é aí que se perde um pouco, e também falta o apoio dos pais.

Pesquisadora (P.), Professora (W.)

P. Você gosta da sua voz?

W. Gosto.

P. Por quê?

W. Porque eu acho que falo bem claro.

P. Você acha que sua voz é adequada para o exercício da sua profissão?

W. Acho.

P. Você enfrenta alguma dificuldade em relação ao uso da voz em sala de aula?

W. Não, mas tem hora que tenho que dar uns gritos.

P. Cite para mim os pontos positivos e os pontos negativos relacionados à sua voz.

W. Positivo, que eu falo devagar, com calma, tento não falar coisas erradas. Negativo, é que eu acho que tenho que gritar. Não gosto de ficar gritando, mas pelo hábito já estou falando gritado até em casa.

P. Você gosta de trabalhar como professora?

W. Gosto.

P. Por quê?

W. Porque eu acho que já está no sangue, adoro minha profissão. Gosto mesmo de ter os alunos, de ver o aprendizado deles.

P. E você gosta de trabalhar nesta escola?

W. Gosto bastante.

P. Por quê?

W. Porque aqui, eu acho que tem uma equipe muito boa para trabalhar, já começando da direção, acho que este é o ponto principal.

P. Você tem alguma dificuldade em relação ao seu trabalho, no geral?

W. Não porque acho que minha matéria muito fácil de ser desenvolvida.

P. E no trabalho como professora você encontra dificuldades?

W. Às vezes, dependendo do que tenho que desenvolver, aparecem alguns obstáculos que tenho que procurar uma ajuda, algum entendimento, tenho que procurar saber.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

W. Um pouco.

P. E o que te levou a começar participar?

W. Eu queria saber mais sobre o aparelho digestivo... sobre a voz

P. E por que você não conseguiu concluir?

W. Por causa dos horários.

P. Quando você ouviu falar sobre esse trabalho, como imaginou que fosse?

W. Que ia ser desse jeito, mas achei que fosse com slides.

P. Foi diferente das suas expectativas, pelo pouco que você participou?

W. Não, até que eu aprendi bastante, vi coisas interessantes. Mas não foi tão diferente não.

P. E pelo pouco que você participou te acrescentou algo?

W. Acrescentou, deu para perceber que não pode ficar gritando, que a voz falha, deu para aprender algumas coisinhas.

P. Que tipo de trabalho ou intervenção você sugeriria para dar um suporte para o professor em relação à voz?

W. Não sei, porque se fosse um descanso, a gente não tem tempo de ter um descanso. Não sei de repente tomar água.

P. Algum programa poderia ajudar?

W. Para o professor não gritar?

P. Para ajudar o professor usar a voz.

W. Acho que algum programa dessa forma.

P. Você teria algum argumento para solicitar um apoio da delegacia de ensino para esse tipo de programa para os professores?

W. Que é importante todo mundo sabe.

P. E você teria algum argumento?

W. No momento, de imediato não.

Pesquisadora (P.), Professora (X.)

P. Você gosta da sua voz?

X. Não muito.

P. Por quê?

X. Eu falo muito alto.

P. Você acha que sua voz é adequada para o exercício da sua profissão?

X. Para o exercício da profissão sim.

P. Você enfrenta alguma dificuldade em relação ao uso da voz em sala de aula ou na quadra?

X. Eu sentia, agora estou melhor, estou me policiando mais.

P. E o que você sentia?

X. Eu sentia cansaço, rouquidão, pescoço cansado, estresse de voz.

P. Cite para mim os pontos fortes e os pontos fracos relacionados à sua voz.

X. Ponto forte é que ela é forte, não sei. Ponto fraco, acho que é o cansaço que ela me dava devido a eu falar muito alto, ter que coordenar as crianças na quadra. Agora mudou, acho que é até um ponto forte.

P. Você gosta de trabalhar como professora?

X. Gosto.

P. Por quê?

X. Adoro criança.

P. E você gosta de trabalhar nesta escola?

X. Gosto, foi uma escolha minha.

P. Por quê?

X. Por vários fatores, é perto de casa, o grupo, conheço boa parte da comunidade.

P. Quais são as suas maiores dificuldades em relação ao seu trabalho, no geral?

X. Remuneração, entendimento e valorização das pessoas.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

X. Participei.

P. E o que te levou a começar participar?

X. A minha voz, eu estava muito preocupada com ela devido ao cansaço que eu tinha, pela rouquidão, por perder a voz algumas vezes. Eu era muita preocupada com a voz.

P. Acrescentou-lhe alguma coisa?

X. Tudo. Eu estou melhor, eu faço os exercícios e eu notei melhora nestes três meses, o pigarro, a fala... Ainda estou me policiando, mas me acrescentou muito.

P. Quando você ouviu falar sobre esse trabalho, como imaginou que fosse?

X. Que fosse uma conscientização da fala, da importância do uso, do desgaste da fala e exercícios para você cuidar melhor da fala.

P. Foi diferente das suas expectativas?

X. Não, foi um curso que se faltasse alguma coisa eu ia ficar triste. Achei que foi completo, as explicações e a prática.

P. E pelo pouco que você participou te acrescentou algo?

P. Que tipo de trabalho ou intervenção você sugeriria para dar um suporte para o professor em relação à voz?

X. Acho que poderia ser um trabalho mensal ou semanal que nos ajudasse a perceber os erros que estamos cometendo, as falhas que temos na sala de aula, acho que isso ajudaria.

P. Como professora, você teria algum argumento para solicitar um apoio da delegacia de ensino para esse tipo de programa?

X. Eu solicitaria essa ajuda, esse tempo para o professor se cuidar e ainda uma conscientização com as crianças.

P. E quais seriam seus argumentos?

X. O desgaste do professor com o aluno, para chamar a atenção e eles entenderem, este seria um dos meus argumentos.

Pesquisadora (P.), Professor (Y.)

P. Você gosta da sua voz?

Y. Não

P. Por quê?

Y. Porque ela não é definida. Tem dia que ela está grossa, tem dia que ela está fina, tem dia que nem consigo falar de manhã.

P. Você acha que sua voz é adequada para o exercício da profissão?

Y. Eu acho.

P. Você sente alguma dificuldade em relação ao uso da voz em sala de aula?

Y. Não.

P. Cite para mim alguns pontos positivos e alguns negativos relacionados à sua voz.

Y. Positivo, eu acho que ela é grave e isso me ajuda, só que o negativo é que algumas pessoas se assustam com isso. Dizem que eu tenho a voz bonita, mas ao mesmo tempo em que é bonita é estridente.

P. Você gosta de trabalhar como professor?

Y. Gosto, mas já gostei muito mais. Devido à situação que estamos vivendo hoje no magistério, na educação de modo geral, mas ainda gosto, tanto que é que ainda estou como professor.

P. Dê-me um exemplo de situação que te deixou desmotivado.

Y. O descaso e desinteresse do governo, as normas, as leis, as coisas que foram mudando ao longo do tempo. A desvalorização da nossa classe, o descompromisso das famílias das crianças que estão conosco, são diversas situações que aos poucos vão minando-nos.

P. E como coordenador, você gosta de trabalhar?

Y. Gosto, gosto sim. Principalmente aqui nesta escola, foi aqui que eu comecei. Devido ao que posso fazer, porque além de professor estou como coordenador, é onde posso ajudar, usando um pouco da minha experiência, ajudar as pessoas de um modo geral a fazerem um trabalho diferenciado, principalmente com estas criancinhas que estão sendo alfabetizadas, foi onde eu me identifiquei mais. Não tenho experiência como coordenador em outra escola.

P. E você gosta de trabalhar nesta escola?

Y. Gosto.

P. Por quê?

Y. Por causa do grupo que temos aqui, da amizade que temos. Problemas têm em todos os locais, acho que todo trabalho onde envolve seres humanos existem problemas. Tem coisas que você aceita, às vezes têm pessoas que não aceitam a sua opinião, tem coisas que você gosta, tem coisa que não. Mas de modo geral, o grupo de professores, gestores e funcionários da escola é um grupo gostoso.

P. Você encontra alguma dificuldade em relação ao seu trabalho de maneira geral?

Y. Que tipo?

P. Alguma dificuldade no ser professor, no ser coordenador...

Y. Não, eu acho que se você não enfrentar nenhuma dificuldade ou desafio o seu trabalho se torna algo maçante. Então, os desafios que aparecem e as dificuldades que surgem eu uso como aprendizado. Você vai aprendendo, crescendo, evoluindo profissionalmente e pessoalmente.

P. E quais são suas maiores dificuldade em relação ao trabalho?

Y. Não sei se é a maior. Muitas vezes tenho dificuldade no relacionamento pessoal com as pessoas, de não compreenderem o que estou pedido ou falando, ou eu não compreendo alguma situação. Às vezes existe uma inversão de valores, que também acontece. Vejo como dificuldade, mas é algo que atrapalha algumas vezes.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

Y. Pouco, infelizmente sofri um acidente. Faltei algumas vezes e depois já tive o acidente, peguei três ou quatro encontros.

P. O que te levou a participar?

Y. O interesse em saber, em conhecer o que você ia trabalhar desenvolver... O que você disse de benefícios, pena que não consegui terminar.

P. Quando você ouviu falar sobre o trabalho, como imaginou que fosse?

Y. Que seria um trabalho relacionado ao conhecimento da voz, a utilização da voz como utilizar da melhor forma possível, ainda mais na nossa profissão que usamos principalmente a voz. Não pensei que fosse da forma que foram aqueles exercícios, aquelas técnicas que você fez.

P. Foi diferente das suas expectativas?

Y. Não, eu não tinha expectativas. Eu sabia que ia mexer com a voz, sabia que você ia fazer algo relacionado a isso, o tipo de exercício que muitas vezes se tornava engraçado, legal de fazer... Eu gostei de participar e da forma como você conduziu.

P. Que tipo de trabalho ou intervenção você sugeriria para dar um suporte para o professor quanto ao uso da voz?

Y. Por exemplo, o que você fez aqui na escola, eu acho que todos deveriam ter. Acho que deveria ser um trabalho reconhecido e ser implantado em todas as escolas, em âmbito nacional. Não apenas com o professor, que lida com a voz, mas acho que com todo mundo, para aprender como funciona sua voz, aprender a respiração como você ensinou. Eu acho que se conseguíssemos um trabalho assim, acho que seria excelente para todas as pessoas envolvidas nas áreas da educação, e de outras áreas também. Se conseguíssemos implantar isso no cronograma das escolas, seria tudo de bom, ter uma fono, uma pessoa que trabalhasse isso e também com as crianças, claro.

P. Você teria alguma argumentação para solicitar um apoio da delegacia de ensino para realização deste tipo de trabalho?

Y. Não seria para a diretoria, isso é algo para a secretaria de educação, não temos acesso a isso. O que poderíamos fazer era montar um projeto relacionado a isso, como a experiência que você fez aqui, uma experiência que deu certo em minha opinião, e tem tudo para continuar dando certo. Então montar um projeto e apresentar para a SEMP, e porque não já implantar nas escolas de tempo

integral criando uma oficina relacionada ao estudo da voz, acho que um projeto para a secretaria de educação e para a SEMP na escola de tempo integral.

P. Quais seriam os argumentos que você acha que precisaríamos ter?

Y. Depoimentos das pessoas que fizeram algumas crianças que participaram do estagio com a outra professora [do curso de fono], ela faz um trabalho com as fono aqui, mas ela trabalha com as crianças. Provar e comprovar que deu certo, que está dando certo, é algo que ajuda professor, funcionário, crianças. Acho que teríamos que reunir várias situações, filmar as coisas. Como você fez o trabalho inicial, o trabalho final.

P. O que você achou do programa e da forma como ele foi oferecido aos professores?

Y. Eu achei que da forma que você conduziu e propôs foi excelente. Foi uma pena não ter a colaboração e a participação de todos. Só tenho que elogiar seu interesse em nos ajudar, hoje em dia é difícil alguém fazer alguma de graça para ajudar as pessoas.

P. Você acha que existiria alguma forma de conseguirmos maior participação dos outros professores?

Y. Eu acredito, principalmente se reunirmos todos os que fizeram e dar um depoimento de como foi, da forma como você conduziu. Algumas pessoas já queriam saber, tinham curiosidade. A gente expor juntamente com você a forma como você trabalhou e os benefícios. Montar grupos de acordo com sua disponibilidade e a da escola, nem se for para uma vez por mês pegar um HTPC, porque do HTPC todos tem que participar. Todo segundo HPTC do mês alguma coisa desse tipo, a gente montaria o grupo, é claro que os professores não são obrigados a participar, mas seria beneficio para eles, não teria porque não participar.

P. Você tem alguma sugestão, alguma modificação em relação ao programa?

Y. Para isso acontecer teria que ter um interesse maior, teríamos que ver o nível de interesse dos professores, dos funcionários de modo geral. Porque do jeito que você fez este ano foi bom, mas teve muita falta de professores, eles acabavam esquecendo. Aconteceram várias vezes de eles esquecerem que tinham um compromisso com você e acabavam assumindo outros compromissos, é importante conscientizar essas pessoas que naquele dia, ela tem um compromisso. Precisa fazer para do dia-a-dia das pessoas. Falha eu não vi nenhuma, só acho que precisa de um compromisso maior das pessoas que estejam participando, inclusive meu.

P. E como você acha que conseguiríamos isso?

Y. Conversando, montando um esquema em relação a isso com gestores, professores, você. Acredito que dê para fazer, só depende de nós.

Pesquisadora (P.), Professora (Z.)

P. Você gosta da sua voz?

Z. Não, porque quando eu ouço minha voz através de uma gravação ou alguma coisa assim, sinto que falo meio fanhoso.

P. Você acha que ela é adequada para o exercício da sua profissão?

Z. Também não, acho um pouco baixa.

P. Você sentia dificuldades em relação ao uso da voz quando dava aula?

Z. Cansaço

P. E hoje como diretora, você sente alguma dificuldade?

Z. Uso bem menos. A menos que tenha que fazer alguma reunião com professores, em planejamento que a gente fala um pouco mais, e quando tem conversa paralela sinto que vou ficando rouca rapidamente.

P. Cite para mim pontos positivos e negativos relacionados à sua voz.

Z. Positivo é que eu não falo muito alto, não gosto de gritar. Quando percebo que tem pessoas falando num tom mais alto que eu, procuro falar num tom mais baixo ou então me calar. Negativo, porque às vezes eu acho que em determinados momentos o tom [da voz] poderia ser um pouquinho acima do que é.

P. Você gostava de trabalhar como professora?

Z. Gostava, pelo contato com os alunos. Gosto muito do que eu faço.

P. E hoje você gosta de trabalhar como diretora?

Z. Também gosto. Acho que tenho a educação no sangue. Não só a parte pedagógica e de orientação, gosto muito de trabalhar com os alunos. Já tive oportunidade de ir para a supervisão, neste ano novamente, e acabei ficando na escola.

P. Você gosta de trabalhar nesta escola?

Z. Nessa escola? Gosto.

P. Por quê?

Z. Bom, num primeiro momento, quando eu ingressei, trabalhei numa escola aqui da comunidade, do bairro, durante 14 anos. Acabei indo para outra escola, mas sempre me identifiquei com a comunidade e também por morar perto acabei me removendo pra cá.

P. Você tem alguma dificuldade e, relação ao seu trabalho?

Z. A comunidade.

P. Por quê?

Z. Falta de participação, isso atrapalha muito nosso trabalho. A própria comunidade não valoriza a escola, não colabora e não participa. A comunidade aqui é crítica no sentido negativo. Eles não procuram participar, saber como está a escola, o que está acontecendo. Mesmo para compor a APM e o Conselho de Escola não é fácil, e isto me deixa muito triste.

P. Você participou do programa de aprimoramento vocal?

Z. Participei.

P. O que te levou a participar?

Z. Eu acho que todos nós deveríamos participar de um curso desse tipo, independente da profissão. Faz a gente ver muitas coisas que não víamos ou não percebíamos. Acabamos aprendendo coisas curiosas como alimentação. Todo mundo que tiver oportunidade deve fazer sim.

P. Tivemos um problema no grupo de quinta-feira, o que você acha que foi mais difícil para concluirmos os encontros?

Z. No meu caso, neste ano de 2007, aconteceu muita coisa na minha vida particular. Houve o falecimento do meu pai, tive um problema de saúde no início do ano e acabei entrando em licença prêmio para não tirar licença saúde. Depois do falecimento do meu pai eu entrei em férias e isto me atrapalhou muito. Em todos os sentidos este ano foi complicado.

P. Quando você ouviu falar sobre o trabalho, como imaginou que fosse?

Z. Não deu tempo de pensar muito, mas conversando com você anteriormente, você havia me colocado como seria o trabalho. E eu fiquei feliz porque muita gente que não precisaria participar. Eu sei que o seu trabalho foi prejudicado algumas vezes por termos outros a fazeres, mas foi muito bom.

P. E você tinha alguma expectativa?

Z. Não, não tinha.

P. Que tipo de trabalho ou atividade você acha que seria importante para dar um suporte ao professor na questão da voz? Existe algum trabalho que você sugeriria para ajudar os professores no uso da voz?

Z. Um trabalho que viesse de fora?

P. Não sei alguma coisa, o que você acha que ajudaria?

Z. Eu acho que, assim como todos nós procuramos uma academia para manter a saúde e o condicionamento físico, precisamos oportunizar isso para o professor. O entrave está aí, garanto que todos gostariam de estar participando, mas precisaríamos oportunizar. Não sei, [talvez] nos HTPCs, em algum momento parar para o professor cuidar da voz. É muito importante, é o instrumento de trabalho dele.

P. E como você acha que a gente conseguiria criar essas oportunidades?

Z. Precisaríamos, por exemplo, durante o planejamento estar colocando para os professores essas necessidade, essa oportunidade, e estar fazendo pelo menos uma vez por mês. O problema é que a gente não pode obrigar o professor a estar fazendo isso, então ele precisa sentir necessidade de estar buscando ou se inscrevendo para uma oficina, digamos assim, mas é muito importante.

P. Como diretora, você teria alguma argumentação para chegar à delegacia de ensino, na secretaria de educação e tentar um apoio para esse tipo de programa? Você acha que existiria essa possibilidade?

Z. Acho difícil porque envolveria vínculo empregatício. Eu não sei como, eu não vejo uma brecha pra um profissional dessa área. Porque há muitos anos a gente luta também por um psicólogo para atendimento com as crianças, e a gente acaba não tendo. Antigamente, há muitos anos atrás tinha o cargo de orientador educacional e até isso foi extinto.

P. Então você acha que apoio para esse tipo de projeto seria difícil?

Z. Difícil, muito difícil.

P. O que você achou do programa e da forma como ele foi oferecido aos professores?

Z. Eu achei muito bom, só não sei se a maioria participou, acho que não. A gente tinha que fazer um trabalho de conscientização para que a grande maioria participasse, porque devido à faixa etária dos nossos alunos o professor acaba usando muito mais a voz, gritando, principalmente nas oficinas curriculares. De manhã os alunos estão mais calmos e a professora da classe tem um vínculo afetivo grande com eles, mas no período da tarde, nas oficinas, eles estão muito mais agitados. Eles ficaram uma hora durante o almoço brincando e correndo. Então para o professor manter a calma da criança e fazer com que eles voltem ao pique normal é difícil. E o professor acaba gritando muito, eu ouço daqui.

P. E você tem alguma sugestão? Alguma coisa que você acredita ser interessante inserir ou modificar em relação ao programa que foi oferecido?

Z. Não, eu acho que dentro da sua área está perfeito. O que precisaria é uma maior participação.

P. E o que você sugeriria para conseguir essa maior participação?

Z. Eu preciso pensar nisso, a gente não pode obrigar, mas a gente vai ter que argumentar muito e conscientizar o professor da importância disso. E contar com quem fez este ano, se utilizou todas as técnicas que você sugeriu e se sentiu alguma diferença, acho que isso é muito importante também.